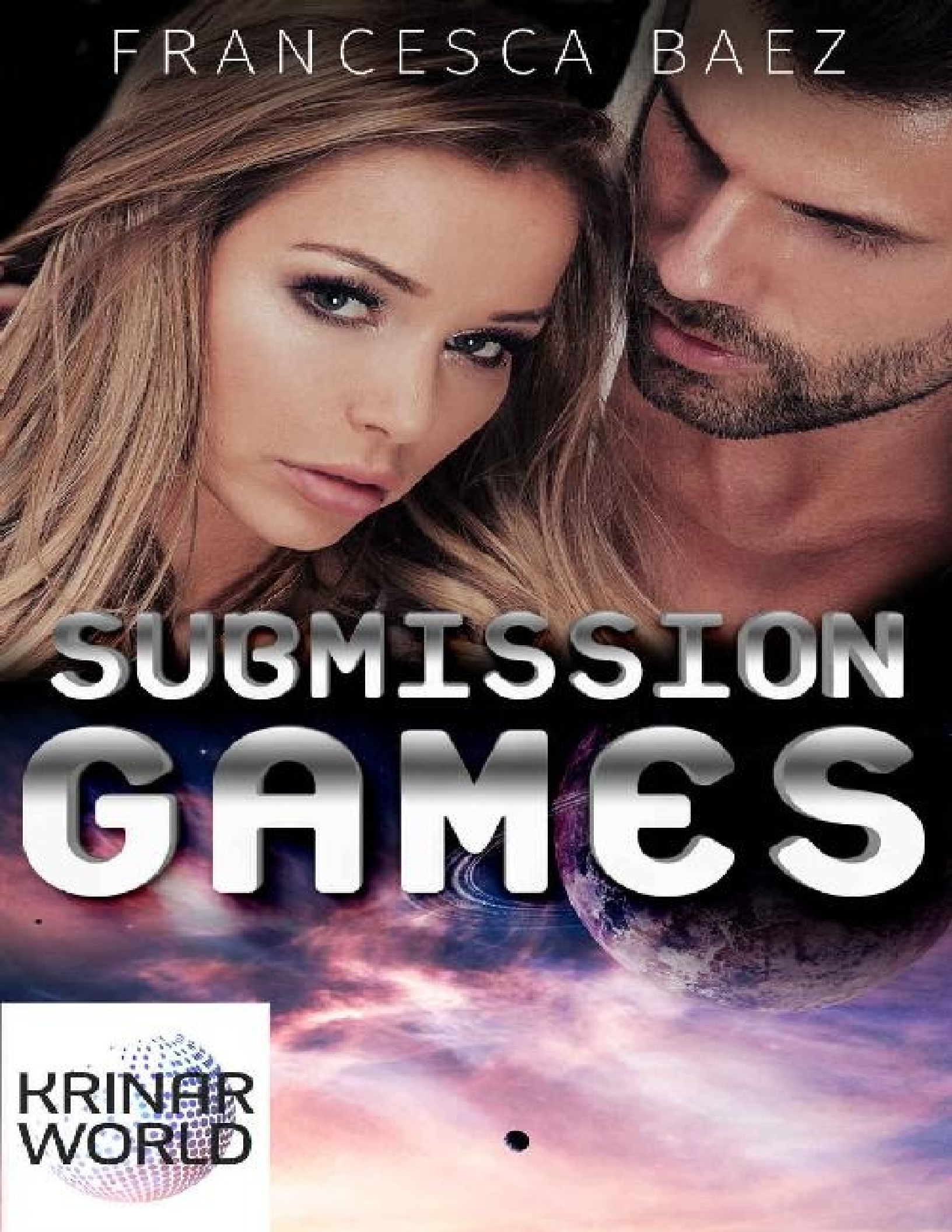
FRANCESCA BAEZ



SUBMISSION GAMES

KRINAR WORLD



Staff

Tradução: Ayanna Keepers
Revisão Inicial: Ellie North
Revisão Final: Ayla Keepers
Leitura Final: Aysha Keepers
Formatação: Annah Keepers

Capítulo 1

Faria um ano desde que a minha melhor amiga fugiu com um estrangeiro.

Um ano desde que Ari se mudou oficialmente para o complexo alienígena da Costa Rica. Oito meses desde que terminei com meu ex-perdedor. Cinco meses desde que Ari deixou a Terra completamente, partindo para um felizes para sempre do outro lado da galáxia. E três meses desde que larguei o emprego dos meus sonhos na cidade de Nova York e voltei com meus pais.

É isso que eles chamam de espiral descendente? De qualquer forma, tenho quase certeza de que uma mulher de 28 anos trabalhando por um salário mínimo e morando na cápsula do tempo de um quarto de infância é definitivamente o fundo do poço.

Suspiro alto, provocando um olhar irritado de lado de um cliente navegando no final do corredor. Sorrio educadamente e volto às prateleiras silenciosamente.

Eu trabalhava para uma revista de alto nível, uma com leitores de elite em todo o país. Eu era paga para comer refeições caras em restaurantes luxuosos de Manhattan. Agora, ajudo em tempo parcial nesta pequena biblioteca pública da pequena cidade de West Virginia, e nem consigo fazer isso direito. Oh, como os poderosos caíram.

Por que, exatamente, eu fiz isso comigo mesma? É uma pergunta que faço uma dúzia de vezes por dia, enquanto rastreio e refiro a mesma rotina pela biblioteca. Claro, sinto falta da minha melhor amiga como uma louca. Eu gostaria que ela ligasse com mais frequência, mas não posso culpá-la. Eu nunca vi alguém tão apaixonada quanto ela por Verit, seu bonitão alienígena cheren. Eu certamente nunca me apaixonei, nem um pouco. Se eu fosse, provavelmente esqueceria também toda a minha antiga vida. Ainda assim, mataria ela responder a um texto de vez em quando?

Mas não, não foi por isso que desisti de tudo pelo que trabalhei. E com certeza também não foi por causa de Robbie, embora sejam alguns anos da minha vida que eu nunca voltarei. Não sei exatamente por que estou de volta aqui, honestamente. Tudo na cidade de Nova York continuava caindo aos

pedaços lentamente e, de repente, ergui os olhos e percebi que a vida dos meus sonhos se tornara um pesadelo solitário e deprimente. Eu precisava de um novo começo, e enquanto a maioria das pessoas vai para Nova York para isso, eu tive que sair. Talvez LA ou Vegas tivesse sido uma escolha mais emocionante do que Buffalo Creek, Virgínia Ocidental, mas às vezes você só precisa ir para casa e chorar no ombro de sua mãe por um tempo.

"Conte-me novamente sobre Beso" — minha colega de trabalho Sabine pergunta, girando em sua cadeira de veludo enquanto nos sentamos inutilmente em outro turno morto na mesa de check-out.

"Beso foi incrível" — eu digo, sentindo um sorriso crescer no meu rosto apenas com o pensamento da minha vida antiga. —“Claro, antes do K-Day, eu ouvi dizer que eles tinham os bifes mais deliciosos, a merda derretia na boca. Mas o portobello grelhado ainda era ótimo. E o tiramisu, oh meu deus ... ”

Este é o nosso jogo favorito, quando não temos clientes para atender, o que é bastante frequente. Sabine adora ouvir sobre todos os lugares incríveis que comi, todas as refeições exóticas que tive. A pequena garota, com seu corte pixie e piercing no nariz, é praticamente eu uma década atrás. Recém saída do ensino médio, nunca tendo saído da Virgínia Ocidental, sedenta por qualquer tipo de fuga. Não sei como ela se sairá no mundo real, se eu for honesta. Afinal, o mundo real é duas vezes mais assustador do que quando eu tinha a idade dela. Existem alienígenas perigosos, e toda a sua tecnologia louca, leis dominantes e estranhas torções de vampiros. Depois de passar um tempo com Verit e ver o quanto ele se importava com Ari, eu me amoleci um pouco em relação aos invasores. Mas isso é apenas uma criatura entre muitas, e se alguma coisa, voltar para casa desfez qualquer bom trabalho que sua amizade fez. Nas grandes áreas metropolitanas, ou nas cidades próximas aos compostos K, os humanos se acostumaram um pouco com os alienígenas que agora vivem entre eles. Mas nenhum K jamais pôs os pés aqui nos boonies, e, como tal, todo mundo se preocupa com os boatos selvagens on-line e as imagens aterrorizantes do noticiário. Certamente não ajuda que, logo após o K-Day, em suas grandes

tentativas de nos forçar a salvar nosso próprio planeta, os Ks tenham ordenado o fechamento da mina de carvão local, o maior empregador de Buffalo Creek. Eu realmente não posso culpar o povo da cidade por guardar rancor contra as criaturas que efetivamente pulverizaram nossa economia local.

"E Kamikaze?"— Sabine interrompe minha linha de pensamento, inclinando-se para a frente em seu assento.

"Melhor sushi que já comi" — eu digo, sorrindo para a jovem que de alguma forma se tornou minha melhor amiga aqui. —"Bem, segundo melhor, é claro."

Sabine solta um gemido gutural com o mero pensamento, provocando um olhar confuso do nosso supervisor. Nós duas sorrimos desculpando-se e voltamos para a mesa, cada uma perdida em nosso próprio devaneio.

Capítulo 2

A conversa com Sabine me inspira a parar no Kroger local a caminho de casa. Pego a bandeja plástica menos desagradável de sushi ; hoje é um caranguejo de imitação crocante , e pago com trocados. Do lado de fora, sento no meu carro estacionado e abro os pauzinhos baratos, preparando-me mentalmente para a palestra que mamãe vai me dar hoje à noite sobre arruinar seus jantares caseiros em favor do desanimo da mercearia. Coloco a primeira mordida na boca e fecho os olhos, jogando toda a minha energia para imaginar que isso é comparável até ao pior sushi de Nova York. É um jogo difícil, mas estou ficando boa nisso.

Quando abro os olhos novamente, algo do outro lado do estacionamento chama minha atenção. Alguém, sim. O dia úmido de verão e o ar condicionado que estou detonando estão lutando pelo domínio, embaçando as janelas e ofuscando minha visão da figura imóvel que parece estar olhando diretamente para mim. Coloco minha comida de lado e limpo o vidro da janela com a lateral do meu punho, mas quando minha visão finalmente desaparece, a figura se foi.

Esquisito.

Um zumbido da minha bolsa me distrai deste novo mistério, e eu pego meu telefone. O identificador de chamadas mostra o nome de Robbie, e uma foto antiga de nós acende a tela. Eu realmente preciso mudar isso. Risque isso, eu realmente deveria apenas bloquear o número dele. Ele manteve distância após o rompimento, mas desde que voltei para o sul, ele tocou meu telefone mais do que o habitual . Ainda assim, posso admitir vergonhosamente que encontro um pequeno conforto em saber que tenho pelo menos algum tipo de plano de recuperação, mesmo que seja apenas ilusório. A barba estranha, e não poder lavar a própria roupa, era demais, esse era Robbie.

Eu gemo alto e volto ao meu sushi, embora agora eu tenha perdido todo o interesse no degustamento, se é que você pode chamar assim. Apesar do meu apetite perdido, eu me forço a comer tudo, engolindo-o sem prazer. Eu odeio desperdiçar comida. É um hábito que minha mãe perfurou em mim e minha irmã

quando criança, e permaneceu na idade adulta, pelo menos para mim.

Jogando a bandeja vazia e os pauzinhos pegajosos de volta na sacola de plástico, uma sensação estranha na parte de trás do meu pescoço me faz congelar. Não é nada tangível, na verdade não. Apenas uma sensação estranha de cócegas, algo inquietante que faz os cabelos pálidos dos meus braços se arrepiarem.

Por alguma razão, parece que estou sendo vigiada. Giro sem querer e me viro no meu lugar, tentando prender o cinto de segurança. Há uma mulher arrastando dois filhos indisciplinados para Kroger, um cavalheiro mais velho rolando suas compras pela calçada e um jovem casal jogando sacolas no porta-malas, mas nenhum deles está olhando na minha direção.

Provavelmente já é apenas o sushi barato que causa estragos no meu corpo, eu digo a mim mesma, e sacudo a sensação estranha. Não há razão para ser paranoica, nenhuma. Ainda assim, há um pequeno tremor nos meus dedos enquanto eu coloco o carro em marcha à ré e começo a viagem de volta para casa.

Capítulo 3

Você pensaria que eu era cerca de vinte anos mais nova do que realmente sou, do jeito que minha mãe briga comigo por "arruinar" meu jantar. Não é minha culpa que meus pais idosos comam na hora absurda das cinco da tarde, mas eu deixo que ela coma comigo, da maneira que costumo fazer hoje em dia. Eu acho que é o mínimo que posso fazer. Afinal, ela está me dando espaço e alimentação grátis. Além disso, com o tempo, seus desmedidos comentários realmente perderam o efeito aterrorizante que eles tiveram em mim.

"Desculpe, mãe"—murmuro, dando outra grande mordida no veado, ignorando os protestos do meu estômago já cheio.— "Não vai acontecer

novamente."

Eu mastigo a carne suculenta enquanto meus pais se voltam para algumas fofocas sem sentido sobre vizinhos dos quais não me lembro. A maior vantagem de voltar para casa é o fácil acesso à carne. Eu tenho que admitir, as boas pessoas de Buffalo Creek, elas sabem usar bem suas mãos. Eles mantêm suas queixas intermináveis sobre os invasores K conversando puramente, não chamando a atenção para si mesmos, enquanto continuam a procurar silenciosamente caça na floresta e a produzir outros bens de animais de pequenas fazendas locais. Não, eu não posso saborear as mesmas refeições de luxo que pude em Manhattan, mas acho um consolo em apreciar carnes e queijos tecnicamente ilegais.

"Você ouviu falar de Gloria, a garota Evans?" — Papai está dizendo, quando eu sintonizo de volta na conversa deles.

"Da Oak Street?"— Pergunto, subitamente interessada. —“A mãe dela é a que tricota aqueles suéteres engraçados todo inverno? Eu acho que ela estava um ano ou dois abaixo de mim na escola.”

"Sim, é essa"— diz papai, assentindo com entusiasmo, feliz por ter capturado minha atenção normalmente inatingível. —“Ela estava indo para a faculdade de medicina em Huntington, se preparando para ser uma daquelas cirurgiões sofisticadas de câncer. Você se lembra disso, Amelia?”

Minha mãe assente agradavelmente, colocando uma enorme quantidade de purê de batatas no meu prato, ignorando minha expressão suplicante.

"Turner estava me dizendo hoje de manhã, ele ouviu na lanchonete outro dia que ela foi ao México para umas férias de verão com as amigas"– continua meu pai, e meu estômago cheio de raiva começa a se mexer, já sentindo onde esta conversa está indo.– “Faz semanas que ela deveria ter voltado para casa e seus pais não ouviram nada dela. Dizem que eles acham que ela pode ter sido roubada por um daqueles Krinars”

Mamãe chora, sacudindo a cabeça com tristeza. Eu desligo de volta, focando na quantidade torturante de comida no meu prato. Eu sei como é o resto desse discurso retórico. Eu nunca ouvi uma mistura tão cega de pena da pobre e

inocente mulher que certamente deve ter sido roubada contra sua vontade, ao mesmo tempo em que envergonha e culpa a vadia que deve estar ansiosa demais para abrir as pernas para o monstro. Eu resisto ao desejo de revirar os olhos.

É um estereótipo cansado, que as pessoas do campo são todas ignorantes e preconceituosas, mas eu mentiria se dissesse que não há verdade nisso. Até perguntei a Ari quando a conheci se ela era K, só porque sua cor era mais escura que a minha. Aprendi e cresci muito desde então, se é que digo.

Uma imagem das noites antes de Ari e Verit saírem de Nova York relampeja em minha mente, de nós brincando e rindo juntos, sobre uma das refeições caseiras deliciosamente exóticas de Verit. Proibida, outra imagem ultrapassa essa memória, esta na noite anterior à minha saída de Nova York. Luzes piscando, música alta, pele com pele. Afasto a imagem rapidamente, as bochechas já corando com a memória. Não há necessidade de pensar naquela noite agora, especialmente não na frente dos meus pais. Não há necessidade de pensar naquela noite novamente, na verdade. Foi um erro único, uma decisão imprudente induzida por um tiro a mais e a adrenalina avassaladora de estar no precipício da minha própria vida, prestes a cair no desconhecido.

Um erro, lembro-me com fervor, tentando desesperadamente ignorar a vergonha da minha calcinha que acompanha a memória daquela noite, mesmo depois de todos esses meses.

Capítulo 4

Depois do jantar, sou voluntária para levar Baby para passear à noite. O nome mal se encaixava no grande cão de caça ; quando ela realmente era bebê, e agora que ela está cambaleando com quase doze anos de idade, é quase cômico, mas é o que acontece quando você deixa suas filhas adolescentes nomearem o novo cão de caça. Baby está fora dos negócios há alguns anos, preferindo se enrolar e assistir mamãe tricotar nos fins de semana, em vez de correr pela floresta com papai. Verdade seja dita, provavelmente já é hora de papai seguir o exemplo. Vejo como ele estremece quando se levanta e geme quando carrega mantimentos pesados. Mas meu pai não é nada senão teimoso.

"Ei pessoal, sou eu"– eu grito, entrando na casa da minha irmã a alguns quarteirões de distância. Baby está ofegando e olhando para mim por forçá-la a sair da cama, mas se anima quando meu pequeno sobrinho, Gavin, quase caí na escada e se lança para ela.

“Baby!”– Ele grita, colocando o cachorro gigante em um estrangulamento. Baby balança o rabo pacientemente, babando quase tanto quanto a criança.

"Você precisa parar de trazer esse cachorro fedorento para minha casa"– diz minha irmã quando entra na sala, com as mãos nos quadris.

"E você tem que começar a trancar sua porta fedorenta " – digo com igual atitude na minha voz.

Jo não diz nada, torcendo os lábios para o lado para evitar sorrir para mim.

Minha irmã gêmea não se parece nada comigo, com meus longos cabelos loiros e figura pequena, e ela com seu curto cabelo castanho e silhueta alta de modelo. Bem, geralmente modelo. Hoje em dia, ela só podia modelar catálogos de maternidade, e talvez fosse grande demais para isso agora. Eu gosto de provocá-la que ela está tendo gêmeos, talvez até trigêmeos. Ela realmente odeia essa piada, mas é isso que a torna divertida.

Honestamente, Jo está brilhando. Eu realmente não entendia a expressão até

que vi minha irmã grávida pela primeira vez, e desta vez não foi diferente. Entendo perfeitamente por que seu marido Brett fica arriado por ela . Mesmo quando reclama de seus tornozelos inchados e desejos bizarros, ela emana pura luz e vida. Secretamente, sou inundada com uma mistura agridoce de alegria genuína e ciúmes silenciosos toda vez que a vejo nos dias de hoje. Quando tive minha vida chique em Manhattan, foi fácil me sentir totalmente satisfeita em esperar pacientemente pela minha vez de ser feliz para sempre. Mas agora que não tenho nada, as ausências marcantes da minha vida são muito mais difíceis de suportar.

Por um momento, nós duas assistimos o cachorro velho e o menino brincarem desajeitadamente, até Jo gemer e se mexer de pé, gesticulando de volta para a cozinha.

"Mamãe e papai estão dando nos nervos de novo?"– Ela pergunta, pegando um pote de sorvete caseiro do freezer enquanto eu pego duas colheres de uma gaveta.

"Eles não são sempre assim"– eu brinco, me juntando a ela na mesa de madeira gasta.

"Eu já disse isso antes e direi novamente, você sempre pode vir ficar aqui conosco"– diz Jo, pontuando a declaração com um bocado gigante de sorvete.

"Mamãe e papai me culparão até a morte"– digo, a mesma resposta que sempre uso. Sinceramente, eu sei que Jo e Brett não podem se dar ao luxo de me sustentar enquanto recupero minha vida, não com o novo pequeno (ou dois, ou três) a caminho. Ainda assim, sei que a oferta da minha irmã é genuína e a amo ainda mais por isso.

Ouvimos passos na varanda da frente e a porta se abre. Dou a Jo um olhar que diz, veja, que poderia ser um assassino de machado invadindo sua casa , e ela lança um olhar que diz que você viveu em Nova York por muito tempo .

"Papai!"– Gavin grita alto, confirmando que o invasor não é de fato um assassino de machado. Um desses dias, no entanto.

Depois de alguns minutos brincando com o filho, Brett entra na cozinha,

deixando a bolsa cair no corredor.

"Joelle, Noelle" – diz Brett, beijando a testa da minha irmã primeiro, fazendo-a sorrir e bicando minha testa em seguida, me fazendo revirar os olhos.

Meu cunhado é a única pessoa que chama Jo por seu nome completo, pelo menos não desde que chegamos à primeira série e percebemos que ter nomes que rimavam na infância nos levava a lugar nenhum rápido. Ainda não sei o que nossos pais estavam pensando. Então Jo era Jo e eu era Noelle, até que fomos para nossas faculdades separadas, e Jo conheceu Brett. Ele achou que era legal chamá-la pelo nome completo, e meio que é, pelo menos enquanto eu não estiver por perto.

Jo e Brett conversam sobre seus dias, e eu sorrio e aceno com a cabeça, falando quando parece esperado. Fico até eles começarem a se preparar para o jantar , parece desnecessário me preparar para uma terceira refeição em poucas horas.

Quando Baby e eu voltamos para casa no sol poente do verão, mais uma vez sou atingida por aquele formigamento bizarro na base do meu couro cabeludo. Não sei explicar por que isso parece ser que estou sendo observada, pois nunca fui perseguida ou algo assim antes, mas não consigo sacudir a sensação de olhos em mim, não importa quantas vezes eu verifique para ter certeza nós não estamos sendo seguidos. Não ajuda que Baby pareça nervosa também, choramingando e puxando a guia, ansiosa para chegar em casa.

Talvez exista apenas uma grande tempestade chegando, digo a mim mesma, encolhendo os ombros da minha paranoia.

E de certa forma, eu estou certa.

Capítulo 5

dois dias depois, estou na fila do único café de Buffalo Creek, desejando não pela primeira vez a conveniência moderna do drive Starbucks que todas as outras cidades da América possuem. Eu deveria estar na biblioteca hoje cedo, em vez do meu turno da tarde habitual, e já estou atrasada. Eu provavelmente deveria ter resistido ao toque de sirene de um café com leite, ou pelo menos acabado de fazer uma xícara de Folgers em casa, mas eu preciso desesperadamente de café. Ultimamente, não tenho dormido bem, ainda atormentada pelo sentimento estranho e inexplicável de que algo está chegando, algo ruim, algo pior do que as implacáveis gotas de chuva que não param desde a tarde de ontem.

A barista, uma garota chamada Kelly cujo irmão mais velho eu namorei por uma semana na décima série, desliza o copo de papel sobre o balcão para mim, sorrindo muito para está hora do dia.

"Obrigado"– murmuro, colocando algumas moedas soltas em seu pote de gorjeta e tomando meu café com leite. Eu hesito na porta, gemendo interiormente com o granizo cinza do lado de fora, então levanto minha calça grande e me preparo para dar uma corrida louca para o meu carro. Estou estacionada no meio do quarteirão, então provavelmente posso fazê-lo sem ficar muito encharcada. Eu deveria ter pegado um guarda-chuva antes de sair de casa? Sim. Deveria ter parado para tomar um café, sabendo que me custaria um tempo precioso e duas viagens por essa chuva? Não. Esses são meus maiores problemas agora? Isso ainda precisa ser visto.

A campainha acima da porta do café vibra alegremente quando eu saio, segurando minha bolsa surrada sobre a cabeça e segurando meu café com leite perto do meu peito. Eu mantenho meus olhos na calçada, não querendo arriscar tropeçar em uma rachadura na calçada ou pisar diretamente em uma poça. Esse é o meu terceiro erro da manhã. Apenas alguns segundos depois de sair da cafeteria, eu bato em cheio em outro corpo imprudente, enviando meu café

explodindo através da minha blusa já úmida e meus pés escorregando debaixo de mim. Caio de bunda na calçada enlameada, a bolsa voando para um lado e agora a xícara vazia de café voando para outro.

"Merda"– não posso deixar de suspirar, depois olho para o pedestre que me pousou aqui, que parece ter sido completamente afetado por nossa colisão.

Merda, merda, merda . Eu posso sentir fisicamente o sangue escorrendo do meu rosto quando meus olhos se conectam com o estranho. Não muito estranho. Não sei o nome dele, e este é o primeiro olhar verdadeiramente sóbrio que estou vendo na cara dele, mas conheço bem esse homem, muito bem.

Luzes piscando. Batidas vibrantes. As mãos dele. Meu corpo. O corpo dele. Minhas mãos. Dele…

Eu balanço minha cabeça cruelmente, sentindo todo aquele sangue retornando rapidamente às minhas bochechas.

“Você está bem, Noelle?”– A criatura pergunta, estendendo a mão como se quisesse ajudar.

Eu me recuso, subindo por vontade própria, limpando minhas palmas agora lamacentas no meu jeans arruinado.

"O que você está fazendo aqui?– Eu pergunto, a voz saindo em um assobio baixo e acusador.– "Como você me achou? Como você sabe meu nome?"

Mantivemos o anonimato, nossa única noite juntos, minhas últimas horas em Manhattan. Eu exigi dessa maneira. Como um jogo. Apenas dois estranhos, reunidos em um clube, tendo uma noite de diversão selvagem antes de se separarem para sempre. Foi a melhor noite da minha vida até agora? Provavelmente. Eu iria me arrepender? Possivelmente. Ele devia ter me seguir para casa, todo o caminho de volta para West Virginia? Obviamente não.

"Suas roupas estão arruinadas"– afirma o homem como se eu não tivesse notado, ignorando completamente minha linha de perguntas. Ele pega minha bolsa também arruinada de onde ela caiu e a entrega de volta para mim.

"Eu sei disso"– eu estalo, pegando a bolsa com raiva.– "Que porra você está fazendo aqui?"

Eu olho nervosamente ao nosso redor. É cedo o suficiente para que muitas pessoas não saiam por aí, mas o K ainda parece perigosamente visível, apenas parado ali, sob as luzes piscantes da Broad.

Existem cinco milhões de maneiras pela qual a presença dele aqui fode minha vida, e todas elas estão girando na minha cabeça em alta velocidade. Eu tenho que tirá-lo da vista do público. Eu tenho que tirá-lo da cidade, permanentemente. Eu tenho que tirá-lo da minha vida para sempre, de verdade neste momento. De preferência, todos esses movimentos exigirão apenas uma conversa rápida e direta.

Ouço o sino do café tocar atrás de mim e tenho medo de me virar e ver quem pode estar me vendo, Noelle Keene, conversando com um K na Broad Street. Não importa, não realmente. Todo mundo fala, e essa fofoca suculenta vai se espalhar como fogo.

"Entre no meu carro"– eu digo, não me deixando reconhecer que estou tentando esconder um K no meu carro , para que eu não sofra fofocas. Eu fecho o resto da distância do meu carro nos passos mais longos que consigo, tão ensopada e furiosa que mal percebo a chuva torrencial.

O K não me segue, é claro. Agora isso seria realmente selvagem e conveniente demais.

"Nós não podemos conversar aqui"– eu assobio, apontando ansiosamente para minha pequena Honda surrada.– "Por favor?"

"Podemos conversar no meu carro" – diz o K, e, como se quisesse, um elegante carro preto com janelas escuras vira a esquina e desce Broad em nossa direção.

Foda-se foda-se . Se as pessoas já não tinham notado a mim e ao K, elas definitivamente perceberão o carro opulento que estamos prestes a entrar. Mas não posso me dar ao luxo de perder mais um segundo, então suspiro alto e subo no carro.

Capítulo 6

“Está melhor agora, não é? ”– O K pergunta, enquanto me enrolo na toalha gigante e fofa que ele me entregou. Não tenho tempo nem paciência para perguntar por que ele já estava preparado para lidar com um cativo molhado. Vou demorar pelo menos uma hora para o trabalho, supondo que essa conversa seja rápida e não termine com o meu sequestro e assassinato. Se eu não parar de falar muito, provavelmente será o último.

Respiro fundo e me forço a relaxar um pouco.

"O que você está fazendo aqui?"– Pergunto novamente, desta vez com um tom menos hostil. –"Eu pensei que tínhamos um acordo."

"Nós tínhamos" – a criatura ronrona, suave como veludo. –"Mas isso foi antes que eu soubesse o quão divertido você e sua doce boceta seriam."

Eu imediatamente fico carmesim, olhando para o motorista, mas ele ou não ouve ou não se importa com a conversa pornográfica ocorrendo em seu banco traseiro.

"Noelle"– diz o K, de alguma forma estendendo meu nome em uma tom de seda sinuosa que parece espremer a respiração dos meus pulmões. –"Eu sei que você se divertiu naquela noite também."

Não quero responder a isso, para lhe dar a satisfação de confirmar o que ele já sabe. Em vez disso, aperto a toalha com mais força e olho de volta para a figura iminente.

"Pelo menos me diga seu nome"– eu exijo, tão ferozmente quanto ouso. –"Desde que você conhece o meu."

"Adivinhe"– ele brinca, novamente naquele tom melódico irritante.

"Eu não gosto de jogar"– eu respondo. Porra, essa coisa toda de não falar nada não está indo tão bem. –"Apenas me diga."

"Muito bem" –diz ele, lábios curvados. Claramente, eu não estou sendo tão divertida quanto ele esperava. Dedos cruzados, essa decepção simplesmente termina com ele me deixando em paz.– "Você pode me chamar de Navur."

"Navur" – repito, provando o nome na minha língua pela primeira vez. Ele

rola pelos meus lábios facilmente, como vinho importado. –"Ok, Navur, o que você está fazendo aqui?"

"Eu acho que é bastante óbvio"– diz o K, olhos escuros presos em mim ainda. –“Eu tive você uma vez e depois queria mais. Imagine minha surpresa quando não consegui encontrá-la nem nos cantos mais sombrios da cidade de Nova York. Mas parece que finalmente encontrei você de qualquer maneira, e aqui estou eu, pronto para terminar o que começamos.”

"Começamos nada"– digo, mantendo o tom o mais uniforme possível. –"Então não há nada para terminar."

"Eu imploro para diferir"– Navur insiste, cutucando os limites do meu temperamento.

"Eu não namoro com Ks"–, digo com finalidade, cruzando os braços para pontuar a afirmação.

"Ninguém namora Ks”– ele esclarece com uma risada.– "Eu não estou oferecendo rosas e caminhadas na praia, Noelle."

Seus dedos pousam no meu joelho e começam a subir pela minha coxa. Olho de volta para o motorista, mas seus olhos continuam colados na estrada. Mesmo através do meu jeans, o toque de Navur queima uma linha quente ao longo da minha pele. Está bem claro o que ele está oferecendo.

"Eu também não quero isso"– eu minto, afastando minha perna do seu alcance. Eu imediatamente sinto frio na ausência de seu toque, mas essa tem sido uma situação de perder-perder desde o início.– “Leve-me de volta ao meu carro, por favor. Estou muito atrasada para o trabalho.”

O K contempla meu pedido por um momento, depois acena com a cabeça para o motorista e nosso caminho sem rumo volta para Broad Street.

"Tudo bem"– diz Navur, virando aqueles olhos famintos de volta para mim. – “Mas não vou sair da cidade, Noelle. Não sem o que eu vim buscar.”

"Tudo bem"– eu estalo, afrouxando a toalha e deixando-a no assento que estou desocupando.– “Bem-vindo à Virgínia Ocidental, Navur. Melhor se sentir em casa.”

Eu bato a porta atrás de mim e bato a porta do meu carro para uma boa despedida, embora o carro preto já esteja desaparecendo na esquina. Pelo menos a chuva parou, eu percebo, impotente, quando começo o caminho de volta para casa e a realidade da minha situação começa a afundar.

Capítulo 7

A notícia que há um K na cidade se espalha ainda mais rápido do que eu pensava. Os boatos mais populares - e plausíveis - são de que ele está aqui para reprimir todas as pessoas que cumprem as leis em torno dessas partes que estão fugindo há quase uma década, ou que ele está aqui para uma garota. O último é muito mais sexy e, como tal, realmente decola. Felizmente, ninguém me reconheceu como a garota com quem ele foi visto conversando na Broad esta manhã. Como eu tive tanta sorte, eu nunca vou saber. O que eu sei é que não há como a sorte durar, e eu tenho que estar preparada para quando ela acabar .

"Quem você pensa que é?"– Sabine pergunta enquanto passamos por outro turno morto no balcão de check-out. –"A garota que ele quer está aqui?"

"Eu não sei"– eu minto automaticamente. Eu já tento ficar longe das fofocas da cidade, e esse caso certamente não é diferente.

"Você acha que é alguém como seu amigo?" – Sabine sussurra para mim de forma conspiratória.

Minha jovem colega de trabalho é a única pessoa que contei sobre Ari e Verit, um deslize que tenho certeza de que vou me arrepender. Contei à minha família a meia-verdade de que Ari havia se casado e se mudado, não querendo lidar com ouvi-los menosprezar as decisões de vida da minha melhor amiga.

"Uma garota inteligente, perfeitamente normal, apaixonada?"– Eu pergunto de volta, muito envolvida em querer provar um ponto e devolver a pergunta carregada da adolescente a ela para considerar o que estou dizendo. A garota nessa situação não está decididamente apaixonada, mas é claro que os detalhes são o menor dos meus problemas agora. –"Talvez."

Sabine faz beicinho com a minha recusa em jogar junto e astuciosamente tira seu telefone do bolso da calça jeans, olhando por cima do ombro para se certificar de que nosso supervisor está distraído quando ela começa a mandar mensagens para uma amiga.

Também me afasto, mas não tenho ninguém para mandar mensagens hoje em dia. Certamente ninguém que possa me ajudar nesse dilema em

particular. Navur disse que ficaria na cidade até conseguir o que queria - eu - e eu acredito nele. Os Krinars não são nada senão teimosos. Então agora eu tenho que descobrir como convencê-lo a desistir de mim e sair, rápido o suficiente para que ninguém na cidade perceba que eu sou a garota dos boatos. Eu nunca viveria isso, mesmo que nunca olhasse para um K pelo resto dos meus dias de vida. Esta não será uma tarefa fácil, mas certamente não pode ser impossível. Homens perdem o interesse pelas mulheres o tempo todo. Não é divertido descobrir todas as minhas falhas pessoais, mas sei que tenho algumas grandes bandeiras vermelhas no meu arsenal que se mostraram capazes de afastar pretendentes.

Ele parece não se importar com a minha personalidade, no entanto, nem que ele me conheça o suficiente para isso. Não, ele mencionou uma coisa especificamente sobre mim pela qual veio aqui. Minhas bochechas esquentam novamente com a lembrança de nossa conversa anterior, do jeito que ele mencionou tão casualmente seu desejo pela minha "doce e pequena vagina".

Como diabos eu o faço perder o interesse nisso?

Capítulo 8

Ter uma DST.

Herpes, gonorréia, clamídia. Ooh, talvez algo realmente assustador como a sífilis. Ainda é assustador nos dias de hoje?

Mas não, essa mentira também não funcionará. Raspei mentalmente “DST” da minha lista de ideias para fazer Navur perder o interesse em mim. Estou bastante certa de que, mesmo que ele acredite em mim, os Ks não podem contrair nossas doenças humanas.

Eu me contorço para o outro lado da minha velha cama de solteiro. Pensar num plano não é tão divertido sem a liberdade de fazê-lo corretamente. A combinação da minha nova catástrofe K e o calor torturante me mantiveram acordada horas depois da hora de dormir. Será que realmente mataria o pai ligar o ar condicionado apenas um ou dois pontos?

Talvez eu deixa cresça uma moita maluca. Tipo, estrela pornô do estilo dos anos 70. Ou foram os anos 80? anos 60? Serei honesta, a manutenção no andar de baixo não tem sido exatamente a minha principal prioridade, desde que estou solteira e presa na casa dos meus pais, mas a ideia de deixar a situação ficar fora de controle me dá uma coceira fantasma. Talvez eu possa pedir pra fazer, igual as personagens dos sites online. Mas e se os Ks forem tão avançados que nem se importam com esse tipo de coisa? Também apagar o mato da lista, eu acho.

Sinto que estou vivendo com tempo emprestado, apenas esperando até a próxima vez que Navur me emboscar. Será a mesma hora, o mesmo lugar quando eu tomar o café da manhã de amanhã? Será que vai estar no trabalho? Tenho certeza de que será quando eu menos esperar. E se eu chegar em casa e ele estiver jantando com meus pais? É um visual tão cômico que quase bufo alto.

Não adianta se preocupar com algo que não posso mudar, eu sei disso. E claramente, toda essa preocupação não está me aproximando de uma solução real.

Chutando minhas pernas nuas debaixo das cobertas sufocantes, me permito considerar outra opção, apenas por um momento. E se eu não tentasse assustar Navur, sair do cenário em que estou presa? E se eu desistisse, deixasse o lindo K me levar e fazer o que ele quiser comigo? Não seria a pior coisa, com certeza. Pelo menos, não no momento. Depois vêm os olhares de julgamento, as longas palestras, os sussurros me seguindo em todos os lugares que vou. Se eu ficasse em Buffalo Creek, eu seria para sempre aquela garota . Se eu quisesse evitar o rótulo, nunca mais poderia voltar para casa.

Certo, é o que acontece.

Além disso, ele não é meu tipo de qualquer maneira. Pelo menos, é isso que continuo tentando me dizer, mesmo quando as lembranças de uma noite juntos atraem meus dedos para baixo das cobertas e para o encontro das minhas coxas, onde finalmente encontro um breve mas feliz alívio de todos os meus problemas.

Capítulo 9

Desde que eu não tenha um turno cedo no dia seguinte, durmo até ... às 6h13, quando a manhã dos meus pais gritam e a conversa me acorda. Eu gemo, puxo meu travesseiro sobre a cabeça e fecho meus olhos com tanta força quanto posso, mas é tarde demais. Entrando, eu saio da cama e visto calças de moletom folgadas debaixo da minha camisa de dormir.

"Aí está ela, de olhos brilhantes e rabo espesso"– mamãe canta alegremente demais enquanto eu desço as escadas. –"Café?"

"Mhmm", afirmo, deixando meu corpo cansado cair no assento em frente a papai na mesa da cozinha.– "Vocês nem trabalham mais, o que estão fazendo acordados tão cedo?"

"O madrugador pega o verme", mamãe gorjeia, aparentemente um verdadeiro banco de expressões esta manhã.– "Ah, e eu tenho clube do livro hoje."

"Sim, às 15:00"– eu rosno, metaforicamente, mordendo a mão que está deslizando uma caneca alta de café preto no meu caminho. –"Qual é a sua desculpa, papai?"

"Eu tenho que levar sua mãe para o clube do livro"– afirma papai, como se essa fosse a resposta mais lógica. Eu gemo e reviro os olhos, desejando não pela primeira vez que minha irmã estivesse aqui para sofrer ao meu lado.

Enquanto tomo meu café tragicamente fraco, meus pais começam a conversa que devo ter interrompido mais cedo. Hoje, o tema quente é a nova cerca que os Wilkinsons colocaram em torno de suas propriedades. É realmente feio, aparentemente, e não consigo imaginar o que uma cerca tem que fazer para se qualificar como feia o suficiente para ser fofoca da cidade.

"Você acha que ele está por aqui?" –Pergunta a mãe, uma vez que esse tópico suculento foi completamente ordenado.

"Quem?"–Eu pergunto, ainda muito grogue para perceber meu erro até dois segundos depois que a pergunta sai da minha boca.

"O Krinar"– meus pais respondem em uníssono, o profundo sotaque de meu pai se harmonizando com o sotaque brilhante de minha mãe.

Não reconheço a resposta deles, de repente achando meu café surpreendentemente fascinante.

"Eu me sinto mal por aquela pobre menina"– mamãe continua, sem perceber meu repentino desconforto. –“Você sabe que ela não tem chance. Eu me pergunto quem é?”

"Provavelmente a galera Roe"– papai adivinha, com uma alarmante falta de hesitação.– "Eu sempre disse que ela seria um problema, desde aquela coisa no carnaval do outono passado."

"Mhmm"– minha mãe cantarola, assentindo sabiamente. –"Bem, pra nossa sorte, só posso esperar que ela saia com ele rapidamente, para que não tenhamos que nos preocupar com essa criatura espreitando pela cidade por muito mais tempo."

"Mãe!" – Eu repreendo, sobrancelhas atirando alto. –"É uma coisa terrível de se dizer."

"Você está certa"– mamãe diz depois de um segundo, parecendo suficientemente envergonhada. –“Quero dizer, pense nos pais dela. Não sei o que faria se fosse uma das minhas garotas.”

Merda . Eu realmente fodi muito bem. Mamãe parece decepcionada com a mera hipótese de a garota do K ser eu. Saber que era realmente a verdade poderia matá-la.

Ari teve facilidade nesse aspecto, imagino. Afinal, ela não cresceu no meio do mato, com toda essa xenofobia internalizada. E ela nunca esteve excepcionalmente perto de sua família, portanto, levar Verit para casa com seus pais não era algo muito importante. Pela segunda vez em tantos dias, imagino Navur sentado aqui na mesa da cozinha comigo e com meus pais. Desta vez, não é tão engraçado.

Mas eu e Navur não somos Ari e Verit, eu me lembro. Na verdade, não somos nada. Ele é apenas um pontinho irritante no meu radar que eu tenho que

cuidar, e eu sou apenas uma garota tentando o seu melhor. Certamente o universo me deve uma pausa neste momento.

Capítulo 10

Navur não está de brincadeira. Ele está em todo lugar que eu vou: na fila do café, navegando em novos lançamentos na biblioteca, espreitando nos corredores do Kroger. É ridículo.

Pelo menos ninguém parece ter notado ainda que seus avistamentos estão perfeitamente alinhados com a minha agenda. Felizmente, ele traçou a linha em me seguir para casa. Bem, acho que sim. Ainda sinto aquele arrepio persistente de ser observada, quando levo Baby para fora ou quando estou muito perto das janelas do meu quarto. Mas certamente isso está na minha cabeça.

Leva apenas alguns dias para que as conversas comecem a ficar perigosa. A conversa agradavelmente escandalizada fica azeda, com pessoas descaradas em vozes sussurradas se perguntando como eles podem expulsar o intruso alienígena da cidade. Até meu pai abordou o assunto uma vez, antes que mamãe rapidamente lhe desse algum sentido.

A realidade da situação fica abundantemente clara. Navur não vai embora até conseguir o que veio: eu. E ele não está deitado enquanto espera. Quanto mais o Navur permanecer, mais volátil a situação se tornará. A preocupação torce meu estômago, não pelo K que pode literalmente rasgar os humanos ao meio se provocado, mas pelos idiotas que inevitavelmente farão isso, mais cedo ou mais tarde nesse ritmo. Não demorou muito para eu perceber o que tenho que fazer, mas leva várias noites sem dormir para me convencer disso.

É altruísta, digo a mim mesma. Heroico, até. Eu mantenho o ânimo mental pensando naquela noite, enquanto conduzo Baby por um caminho desconhecido. Eu me sinto mal por trazer Baby, mas eu precisava de uma desculpa para sair hoje à noite. Mamãe e papai certamente não teriam comprado mentiras que me envolviam em ter qualquer tipo de vida social aqui em Buffalo Creek.

Estou no meio do caminho quando meu telefone começa a zumbir no bolso de trás, me fazendo pular. É apenas o Robbie. Reviro os olhos e desligo o

telefone. Não é como poder pedir ajuda me faria bem, se Navur se tornasse um dos bandidos.

Baby está ofegante quando chegamos a escola do ensino médio. Pobre moça. Sento-me em um banco na quadra que está suficientemente protegido da rua para os clandestino, mas ainda assim iluminado o suficiente pelas luzes da rua para me sentir um pouco segura. Eu escolhi o local porque é muito improvável que alguém passe pela escola em uma noite de verão, mas você nunca sabe.

O velho cão de caça cai sobre a grama grossa aos meus pés, o impacto soprando sua respiração em um uivo baixo . Dou a ela uma das guloseimas que enfiei na minha bolsa como um pensamento de última hora, e ela a devora avidamente, parecendo me perdoar.

Então eu espero.

Não há garantia de que o Navur apareça. Todo esse plano improvisado está apostando no fato de que ele parece estar me seguindo, e espero que não consiga resistir em me abordar quando ele me pegar sozinha.

Não acredito que de repente espero que um K esteja me perseguindo e que ele me encontre sozinha, à noite, com ninguém além da minha velha e cochilando cachorra para me proteger ...

Que porra estou fazendo?

Antes que a tolice da coisa toda tenha a chance de me alcançar, Navur chega. Ele hesita sob a luz da rua mais próxima, inclinando a cabeça para mim. Não, não hesita. Pausa, com propósito, permitindo que eu o veja. As sombras brincam em seu nariz reto e maçãs do rosto afiadas, mexendo algo dentro de mim, antes que o momento se transforme em outra coisa. É quase sutil, a maneira como a mandíbula dele se fecha, mas não acredito que seja nada menos que um tique calculado. Ele não está apenas mostrando um rosto bonito. Ele está me dando um momento para ver como ele é ameaçador, aqueles ombros largos em silhueta sob a luz fluorescente, pernas plantadas largas e sólidas. Uma gota nervosa de suor faz cócegas na minha espinha, mesmo no frio

da escuridão.

"Noelle"– diz ele agradavelmente, fechando a distância entre nós em alguns passos rápidos. –"Você está aqui por mim, não está?"

"Sim"– eu digo prontamente, feliz por não estarmos jogando.– "Nós precisamos conversar."

Quando Navur para a alguns metros de distância, Baby fica de pé e olha para o estranho, um rosnado baixo fervendo no fundo da garganta.

"Quem é esse?"– Navur pergunta calmamente, olhando o grande cão.

"Baby"– eu respondo, sentindo, não pela primeira vez, como um idiota quando o nome totalmente ameaçador cai da minha boca.

"Calma, Baby"– o K murmura para a minha cadela, e instantaneamente, Baby se afasta, rabo entre as pernas e a cabeça baixa. Navur se vira para mim, como se nada tivesse acontecido, e a pedra no meu estômago fica mais pesada quando Baby se encolhe atrás de mim. Isso não é alguém com quem eu deveria estar brincando, nem alguém com quem eu deveria estar falando. Este é um predador, um monstro que eu preciso livrar da minha vida o mais rápido possível.

"Eu preciso que você saia de Buffalo Creek"– eu digo, indo direto ao ponto.– "Quanto antes melhor."

"Você conhece o negócio, pequenina"–Navur ronrona, sentindo-se insuportavelmente perto, mesmo quando ele permanece a vários metros de mim. –"Eu não vou sair daqui sem você."

Eu respiro fundo, limpando as mãos suadas no meu jeans. Ainda há tempo para desistir. Ninguém saberá além de mim. Mas eu já cheguei tão longe e mamãe não levantou suspeitas.

"Para que você possa me receber"– eu digo, estremecendo com o tom da minha voz, mesmo quando carrega palavras corajosas.– "Você pode me ter, mais uma vez, e então você tem que sair."

"Você está sonhando se acha que uma vez vai me satisfazer"– responde Navur uniformemente. Se ele está satisfeito por eu estar cedendo tão facilmente,

ele não mostra.

"Uma semana"– eu contra proposta. Eu não estava esperando uma oferta inicial para cortá-la, mas eu ainda comecei baixo, deixando-me algum espaço de manobra para negociar.

"Não"– diz o K, sem hesitar. –"Você subestima o meu desejo, Noelle."

Ele diz a palavra desejo como se estivesse fazendo uma partida, e a faísca acende no fundo do meu núcleo. Talvez ele não seja o único desejo que estou subestimando, se for honesto. Mas isso não é um jogo, não é uma aventura divertida de verão em que eu possa me jogar sem pensar. Eu me meti em algo que não estava pronta para lidar, naquela noite em Nova York, e agora tenho que lidar com as consequências. Estou brincando com fogo e sei que vou me queimar. Tudo o que posso fazer agora é tentar conter o dano o máximo possível.

"Oferta final"– começo, cruzando as mãos no colo para evitar que elas tremam. –"Um mês. Trinta dias. Sou toda sua por um mês. Mas eu tenho algumas regras."

"Regras?" – Isso finalmente parece despertar seu interesse, e ele se aproxima de mim, fazendo meu coração bater um pouco mais rápido.

"Sim"– eu digo. –"Tipo, eu ainda posso dizer não a qualquer coisa que eu não goste ou queira."

"É claro"– diz Navur, ignorando o pedido. –" É só dizer. O quê mais?"

"Isso tem que permanecer em segredo. Você tem que ficar quieto, parar de se exibir pela cidade. E definitivamente fique longe de mim em público, ninguém pode saber que já nos conhecemos. "

"Isso é tudo?"– Ele pergunta, sem reagir ao segundo pedido.

"Mais um"– eu digo, me preparando. Este será o maior salto de fé, porque ele já quebrou este acordo uma vez antes. "Quando estiver acabado, está Acabado. De verdade desta vez. Você não pode aparecer e começar a me perseguir novamente em alguns meses porque está entediado. Entendeu o que eu dize?"

Eu sei que meus pedidos são risíveis, que não há nada que eu possa fazer se

o K decidir violar minhas regras. Mas eu me forço a segurar seu olhar, derramando tudo que borbulha dentro de mim em meus grandes olhos, e espero que ele não seja um monstro completo.

"Você é muito exigente"– observa Navur, e minhas bochechas ficam vermelhas quando detecto o fogo em seus olhos que acompanha a declaração.– “Mas muito bem, Noelle. Nós temos um acordo."

Ele estende a mão e, por um momento, meu sangue corre quente e frio ao mesmo tempo. Esta será a primeira vez que se tocamos desde a primeira noite. Certamente não será a última. Eu me forço a segurar sua mão grande, mordendo minha língua quando ela envolve fortemente meus dedos pequenos, num agarro quente e possessivo.

"Trinta dias começam amanhã de madrugada"– diz Navur, e se afasta.

Assim que ele desaparece na escuridão, eu caio no chão, ofegando com grandes respirações que não virão rápido o suficiente. Baby sai do esconderijo, se aconchegando com preocupação.

Eu fico lá por uns bons dez minutos, aceitando a bagunça terrível em que acabei de me meter.

O que eu fiz?

Capítulo 11

O único conforto em meus trinta dias de pertencer a um K é o conhecimento de que nada mais precisa mudar.

Pela primeira vez, estou quase ansiosa para trabalhar enquanto entro na biblioteca naquela manhã.

Meu primeiro erro.

"Noelle!" – Sabine parece surpresa ao me ver, enquanto eu penduro minha bolsa no quarto dos fundos ao lado dela. –“Você veio se despedir? Isso é tão querido."

"O quê?" – Eu pergunto, mudamente, as sobrancelhas franzindo em confusão.

O olhar que Sabine retorna é igualmente perplexo. –"Shauna disse que você desistiu."

"Desistir?"– Repito, o coração começando a bater um pouco mais rápido.

"Sim"– diz Sabine.– "Ela disse que alguém ligou logo pela manhã, disse que você tinha um novo emprego e não podia continuar trabalhando aqui."

Não digo nada, a mão ainda está congelada na alça da bolsa pendurada no gancho. Sabine apenas franze a testa com a minha reação, ou a falta dela, e eu me forço a responder.

"Oh, sim"– digo finalmente, balançando a cabeça como se quisesse esclarecer minha confusão. –"Claro. Só vim para dizer adeus a todos.”

Eu faço isso, seguindo os movimentos o mais rápido possível, revirando o estômago com o conhecimento de que isso é algo que Navur está fazendo.

Com certeza, assim que eu volto para o estacionamento dos funcionários, vejo um familiar carro preto elegante estacionado ao lado do meu triste e pequeno sedan.

Não espero por um convite, abrindo caminho rapidamente no carro. Embora o estacionamento dos fundos esteja isolado, não quero me arriscar a ser vista.

"Que porra é essa?"– Eu estalo, enquanto me sento ao lado de Navur.– "O

que você fez?"

"Você disse que era toda minha por esses trinta dias"– diz Navur, sorrindo para minha fúria de rosto vermelho.– "Estou garantindo que você mantenha sua palavra."

Eu engasgo por um momento, lutando para escolher apenas algumas das mil respostas voando pela minha cabeça.

"Você não pode simplesmente fazer isso"– digo finalmente, decidindo-me pelo mais óbvio. –"Eu preciso desse emprego."

"Você tem um emprego."–diz Navur simplesmente, segurando um cartão de identificação fino. –"Um trabalho melhor."

Minha mão pega o cartão automaticamente, segurando-o perto para verificar meu pequeno tiro na cabeça, meu nome e o logotipo familiar da Montrose Press.

"O que é isso?"– Eu pergunto, o cartão de plástico começando a tremer na minha mão.

"Seu novo emprego"– Navur responde, lábios torcendo com a minha resposta. – "Você será uma crítica de comida pra viajante, para o Montrose Traveller, acredito. Pode ser para Belle ou National Daily. Serei sincero, não estava prestando muita atenção. Você descobrirá em breve."

"Por que você fez isso?"– Consigo respirar, minha mente ainda percorrendo as lembranças da minha adolescência, quando sonhava em trabalhar para Montrose, antes de perceber que era um sonho estranho e me contentar com algo mais realista.

"É realmente egoísta" – diz Navur.– "Você disse que era minha por um mês e que não podíamos ser vistos aqui, então essa é a solução. Vou simplesmente acompanhá-la enquanto você viaja para o seu trabalho."

"Oh"– eu digo, esvaziando um pouco os pulmões. –"Então, isso é apenas para o mês."

"Não, o seu trabalho é seu, se você quiser"– assegura-me o K, e quando encontro seus olhos, vejo uma promessa mais sombria também. O trabalho é meu para manter pelo tempo que eu quiser, assim como eu sou dele para manter

pelo tempo que ele quiser. Olho para as minhas mãos rapidamente, afastando o pensamento. Não, nós fizemos um acordo. Eu tenho que acreditar que ele aguentará até o fim da pechincha.

"E agora?"– Eu pergunto, colocando o cartão na minha bolsa. Eu provavelmente deveria agradecer a Navur por esse enorme favor, mas não me sinto particularmente grata a ele neste momento. Além disso, o conhecimento de que não ganhei o emprego dos meus sonhos com meus méritos, mas com o meu charme sexual, carrega um pouco de culpa.

"Vá para casa"– diz Navur. Se ele espera mais uma resposta minha, ele não mostra. –“Faça uma mala e diga à sua família que você ficará fora por alguns dias. Vamos voltar para Manhattan”

Capítulo 12

Explicar uma versão agradável da história para mamãe e papai leva muito tempo. Eu os convenci de que não lhes havia dito que me candidatara ao cargo porque não queria aumentar minhas esperanças antes de garantir o cargo. Quaisquer outras perguntas sobre os detalhes do meu novo emprego têm a verdade sincera: ainda não sei. Só espero que esta viagem de improviso forneça algumas respostas, embora eu tenha certeza de que isso proporcionará um tempo maior a Navur, onde é esperado que eu retenha o fim de nosso acordo. Meu estômago torce ansiosamente com o pensamento, mas meus nervos são facilmente rivalizados pelo calor expectante que se acumula entre minhas pernas.

Meu telefone vibra com um texto de um número desconhecido: meu motorista irá buscá-la em 15 minutos.

Navur. Não tenho certeza de como ele conseguiu meu número, mas há muito tempo faço perguntas. Eu termino de fechar minha mochila de fim de semana, cheia de roupas confusas para toda e qualquer ocasião, e desço as escadas.

O carro chega rapidamente, como prometido. Felizmente, meus pais mantêm as despedidas rápidas e maduras e evitam se afastar da varanda como se eu estivesse indo para o acampamento ou algo assim.

Depois que o motorista tira minha bolsa de mim, deslizo desajeitadamente para o banco de trás. Não estou acostumada a entrar nestes carros por minha própria vontade, sem ser introduzido pelo grande K ou por minha própria raiva contra ele. Bem, isso não é inteiramente verdade, mas pelo menos desta vez estou sendo liderada por uma cenoura em vez de acionada por um interruptor. Navur não está no carro hoje. Sento-me quieta e sozinha durante a curta viagem, percorrendo nada no meu telefone para não parecer uma perdedora para o motorista, que provavelmente não se importava comigo.

Quando o carro começa a desacelerar, finalmente olho pela janela. Não

estamos no aeroporto, para onde presumi que estávamos indo. E não estamos nos aproximando da estrada, o que seria o segundo palpite mais lógico. Em vez disso, parece que estamos parando à beira de um campo vazio, onde Navur fica no meio do nada.

Merda. Esta é a parte em que eu sou assassinada, cortada em pedaços e enterrada em uma cova não marcada no meio do nada. A única maneira de tornar isso mais assustador é se fosse na calada da noite, mas, de alguma forma, a ousadia de cometer um crime passional em plena luz do dia é quase tão assustadora. Tento dominar minha imaginação descontrolada enquanto o motorista estaciona, lembrando-me de que está tudo bem, só estou sendo paranoica, mas a silhueta estoica de Navur, braços cruzados e mandíbula, não faz nada para atenuar o terror.

Eu coloco na minha melhor tentativa de um rosto corajoso e saio para o campo vazio. O motorista me entrega minha mochila e eu a puxo para o meu ombro, brincando nervosamente com a alça gasta.

"O que estamos fazendo aqui?" – Eu pergunto, quando uma risada de pânico passa pelos meus lábios. –"Não foi tudo um truque elaborado para me matar ou algo assim, foi?"

Navur franze a testa como se eu estivesse agindo como louca, o que para ser justo, eu absolutamente sou. –"Eu nem sei o que isso significa"– ele responde depois de um momento de hesitação perplexa, colocando um braço casualmente, mas possessivamente, em volta dos meus ombros tensos. –"Nós estamos indo para Manhattan, eu te disse."

Navur me afasta da estrada e ouço o carro decolar atrás de nós. À medida que o som do motor diminui, algo começa a brilhar à nossa frente. Eu pisco rapidamente, pensando que devo estar vendo coisas. Mas não, em um momento, uma pequena vagem bege aparece na grama diante de nós.

"Que porra é essa?"– Eu respiro levemente, meu pânico muito mundano de repente se transformando em algo completamente desconhecido. Tudo o que posso fazer é repetir: "Que porra é essa?"

"Você nunca viu nossa tecnologia em uso antes?"– Pergunta Navur, curioso. É verdade que é mais provável do que nunca agora que os seres humanos se encontrem de perto e pessoalmente com a tecnologia K, especialmente em grandes cidades como Nova York, mas eu sempre instintivamente me afastei, os avisos de minha educação muito fortes para negar. Claro, eu ouvi Ari elogiar toda a merda incrível que ela testemunhou em Lenkarda e depois em sua aventura intergaláctica, mas eu nunca tinha visto a tecnologia K de perto e pessoalmente até agora.

Meu silêncio chocado deve ter sido suficiente para Navur, porque ele seguiu em frente, aproximando-se do objeto indefinido. Eu sigo o exemplo, mas de má vontade congelo novamente quando uma espécie de porta aparece ao lado do casulo como se por mágica. Claro, eu sei que não é mágica, apenas uma tecnologia muito complexa. E logicamente, eu sei que não deveria ter medo disso simplesmente porque não entendo. Mas, na realidade, todas as células do meu ser gritam para eu virar e correr o mais rápido possível, mesmo quando forço uma perna na frente da outra, até que a parede bege se feche atrás de mim e eu fique presa a bordo da nave .

Navur joga minha bolsa para o lado e me leva a uma prancha flutuante no centro da pequena sala. Agora que estamos lá dentro, o espaço não parece tão apertado como parecia do lado de fora, mas ainda é difícil acreditar que essa coisinha minúscula deve transportar dois adultos centenas de quilômetros. Eu suspiro quando a boia segura meu peso, o que também parece impossível, mas forço minha mente a se acalmar. Eu estou sendo um bebê sobre tudo isso. Por um momento, espero não estar me envergonhando diante do belo K, antes de me lembrar de que não me importo com o que ele pensa. Na verdade, eu deveria estar esperando que meu comportamento o afaste, sem tentar impressioná-lo.

Capítulo 13

A viagem a Manhattan parece que leva dois segundos. Apesar da velocidade intensa, o interior da nave parece completamente parado, e é assim que não percebo completamente que chegamos, até Navur me levar para fora. Parece que estamos estacionados no telhado de algum prédio muito alto, alto o suficiente para me fazer sentir um pouco fraca dos joelhos quando percebo que não há nada aqui em cima para impedir que uma brisa forte me leve embora. A cápsula se desmaterializa atrás de nós tão repentinamente quanto apareceu em primeiro lugar, e então o K está me levando a um elevador.

"Para onde estamos indo?"– Eu consigo perguntar, meu cérebro praticamente cheio de confusão neste momento. –"Vou me encontrar com Montrose?"

"Mais tarde" – diz Navur, quando o elevador começa a descer. –"Vamos nos instalar primeiro."

É uma curta viagem , devemos estar no andar da cobertura. Quando emergimos para o que parece um corredor chique de hotel, Navur bate a palma da mão e a porta sem identificação se abre com uma facilidade automatizada que seria impressionante, se não tivéssemos chegado aqui a uma nave espacial alienígena.

A declaração de Navur não se encaixa completamente até eu entrar na grande suíte de hotel. Vamos nos instalar. Isso significa que este é o quarto em que ficaremos, o quarto que compartilharemos, o quarto ...

Mãos lentas. Línguas rápidas. Pele sobre pele.

Eu mesmo não corarei, mas minhas bochechas esquentam de qualquer maneira. Eu me ocupo colocando minha bolsa no chão para esconder meu rosto escarlate, certo de que será uma oferta inoperante aos meus pensamentos.

A lembrança de uma noite juntos foi jogada em minha mente tanto, que se tornou como uma ampulheta: nebulosa, fina, uma mera sombra do que era antes. Eu reexamei cada movimento, cada impulso, cada gemido tantas vezes,

que é impossível separar a verdade da fantasia. De um jeito ou de outro, tenho certeza de que Navur está prestes a imprimir novas memórias em mim.

"Você está bem?"– Navur pergunta, e eu me viro para vê-lo emoldurado pelas janelas do chão ao teto que revestem a parede leste do quarto. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos da calça jeans, mas suas sobrancelhas grossas estão apertadas quando ele olha para mim.

"Mhmm"– eu consigo, forçando-me a sorrir para ele e atravessar a sala, como se cada passo não fosse sobrecarregado por um hediondo coquetel de emoções.– “Apenas tentando recuperar o atraso. Já foi um dia louco.”

"Tenho certeza"– diz o K, satisfeito com a minha resposta. Paro a uma distância segura dele e olho pela janela. Porra, estamos no alto. Eu sei que o vidro deve ser grosso o suficiente para me proteger, mas ainda balanço um pouco com a vista. Inesperadamente, sinto o braço de Navur enrolar em volta dos meus ombros, seu aperto forte, tão possessivo quanto protetor.

"Por que você fez isso?"– Eu pergunto baixinho, mantendo os olhos apertados nos dedos dos meus sapatos. –“ Me conseguiu o emprego em Montrose! Me levou de volta para Manhattan!”

"Eu já te disse"– o K responde, tom interrogativo. –“Você insistiu que não podíamos ser vistos em sua cidade natal, então viemos aqui. Você prometeu que era toda minha por um mês, então eu simplesmente garanti isso.”

“Mas você poderia ter me feito largar o emprego em casa"– eu insisto, talvez pressionando demais a minha sorte, mas não posso evitar. Eu preciso entender onde estou com a criatura misteriosa e exigente. –"Você não precisava me arrumar um novo emprego, e certamente não tão incrível."

"Noelle"– diz Navur, um tom duro em sua voz. Ele me vira para ele e levanta meu queixo, forçando-me a encontrar seus olhos. Muito perto, ele se eleva acima de mim.– “Eu li tudo o que você já escreveu. Seus talentos são desperdiçados em Buffalo Creek. Inferno, eles foram desperdiçados no seu antigo emprego aqui. Por mais egoístas que minhas motivações possam ser, eu não sou apenas um tomador. Eu também gosto muito de dar. Certamente você se

lembra disso, pequena.”

Se minhas bochechas estavam quentes antes, agora estão em chamas. Abro o olhar novamente e, depois de um momento, ele solta meu queixo.

"Isso não precisa ser um castigo, Noelle"– diz Navur, sua voz mais suave desta vez, mas ainda assim de aço. –“Esta não é uma boa coisa que você está levando para sua família, sua comunidade ou qualquer outra causa pela qual você tenha se convencido de que está lutando. Isso pode ser bom para você, de todas as maneiras que você pode imaginar, e mais ainda. Cabe a você, pequena. Você vai tornar isso difícil para si mesma ou será o melhor mês da sua vida? ”

Eu mantenho meus olhos no tapete felpudo, lutando para manter minha respiração calma. Se ao menos fosse assim tão fácil. Se ao menos eu pudesse ligar um interruptor no meu cérebro e transformar esse pesadelo em um devaneio. Se ao menos, se ao menos, se ao menos.

"Você disse que eu tive uma reunião com Montrose mais tarde" –eu digo finalmente, quebrando o tenso silêncio. –"Quando é isso?"

"Em algumas horas"– diz Navur, e eu ainda posso sentir o calor do seu olhar em mim, mesmo quando eu não suporto olhar para ele.

"Então eu vou me preparar para isso"– eu digo, pegando minha mochila e indo em direção ao banheiro, sem ousar olhar para trás.

Capítulo 14

Eu tenho sorte de já ter o emprego, porque estou bombardeando totalmente esta reunião. Como o educador editor assistente tenta me orientar sobre minhas novas responsabilidades, tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça e pedir que ele se repita. Repetimos esse processo uma quantidade embaraçosa de vezes, e eu posso ver a confusão e decepção em seus olhos com a minha performance. Eu me pergunto se ele já sabia que esse trabalho foi comprado para mim, ou se ele está apenas descobrindo que as cordas devem ter sido puxadas para que essa idiota do interior acabe em sua mesa.

Finalmente, é hora de eu ir embora. Apertamos as mãos e colo um sorriso no rosto, esperando desesperadamente não continuar decepcionando esse pobre rapaz. Mas se o primeiro dia da minha servidão prestada a Navur for alguma indicação, ficarei totalmente inútil no próximo mês.

Não posso evitar que ele amarre minha mente já confusa. As preocupações que passam pela minha cabeça são tão numerosas que nem sequer sei qual fio puxar primeiro. E se ele me machucar? E se minha família descobrir? E se ele me roubar afinal, e eu nem sequer tenho a chance de me despedir? Quanto tempo até eu me tornar apenas mais uma história de advertência?

Há um pensamento proibido, um que fico feliz em deixar permanecer enterrado sob os outros, porque de alguma forma é o pior de todos.

Este pensamento não é uma pergunta, mas uma certeza.

Ele vai me destruir, e eu vou gostar, e quando nossos trinta dias terminarem, ficarei querendo mais.

Um carro preto familiar me espera do lado de fora do imponente prédio de Montrose. Não é o mesmo carro, é claro, e não é o mesmo motorista, mas a sensação de apreensão quando deslizo ao lado de Navur no banco de trás é a mesma.

"Como foi?"–Pergunta o K, como se ele se importasse.

"Tudo bem"– eu minto, mantendo meu olhar pela janela. Meus olhos estão

secos, mas sinto a necessidade de piscar as lágrimas, o peso do dia pesando sobre mim. Não sei quanto mais posso aguentar, e ainda há uma noite inteira para enfrentar.

"Você está pronta para o jantar?"– Pergunta Navur.

Eu não respondo, manejando meu silêncio como a arma de uma adolescente petulante. Não importa. Ele não precisa dizer que sabe qual é minha primeira tarefa, e eu não preciso assistir as placas da rua do lado de fora para saber que já estamos indo para Belle Rive, o sofisticado bistrô francês que deve ter vinte anos e polegadas escritas sobre ele. É uma tarefa fácil, mas depois do meu colossal fracasso na minha reunião de hoje, é mais do que eu mereço.

Indiscutivelmente, eu nem deveria estar brava com o K. Fui eu quem concordou com este acordo, uma transação que alguns podem chamar de prostituição, e talvez com razão. Eu sou a idiota que se colocou nessa situação. Eu nunca deveria ter ido ao x-Club naquela noite, nunca deveria ter cedido à tentação. Eu deveria saber que nunca poderia terminar bem, que uma noite com um K nunca seria tão simples. Ao mesmo tempo, sei que não posso me culpar pelas ações de uma criatura que essencialmente me perseguiu, me perseguiu como presa e me prensou em um canto tão apertado que não tive outra opção a não ser ceder a seus desejos sombrios . Ainda assim, eu sei que não há nada que eu possa fazer para punir o K por seus crimes, então decidi me punir pelos meus, me espancando mentalmente durante todo o caminho até Belle Rive.

Somos rapidamente escoltados para uma mesa quando chegamos. Não estou surpresa que Navur já estivesse preparado para esse trabalho, mesmo antes de mim. Gostaria de saber se parte dos termos de qualquer acordo que ele fez com Montrose em meu nome é que ele seja informado de todas as minhas tarefas. Mas por que complicar tanto assim? Aposto que ele simplesmente manda que eles me "atribuam" o que ele pede. Afinal, nem mesmo os executivos de mídia mais poderosos podem rivalizar com um K.

Tiro meu blazer enquanto nos sentamos, me sentindo deslocada entre os clientes da moda que nos rodeiam. Ninguém dá muita atenção ao K entre

eles. Hoje em dia, a alta sociedade e os extraterrestres se misturam muito bem, deixando-me sentir como o alienígena nessa multidão.

Este não é um sentimento desconhecido. Mesmo com minhas roupas de grife mais caras e minhas melhores maneiras, sempre senti que pessoas em lugares como esse podem instintivamente dizer que sou mais apta para um McDonald's. Depois de anos trabalhando no circuito de restaurantes sofisticados, eu quase venci esse complexo, pelo menos fiquei muito boa em fingir. Agora, no entanto, depois de alguns meses na Virgínia Ocidental, sinto que tenho “caipira” escrito em cima da testa novamente.

"Relaxe"– diz Navur, enquanto o garçom serve nosso vinho, algo vermelho e caro. O K coloca sua mão gentilmente no meu braço, como se quisesse me confortar, mas o toque só me deixa ainda mais tensa. Ele é tão vaidoso que acredita que um presente generoso, um bom jantar e a promessa de um bom leigo são suficientes para me conquistar? Dificilmente.

Mal somos conhecidos, muito menos amigos. Afasto meu braço discretamente, cruzando as mãos no colo.

Tomo um gole do meu vichysoisse enquanto Navur tenta conversar, maravilhado com o gosto da sopa em sua língua. São apenas os meus nervos, ou a famosa culinária deles foi seriamente ladeira abaixo? Mas não, a julgar pelos rostos dos outros clientes ao meu redor, isso deve ter um sabor delicioso. Foda-se . Sorte minha, de conseguir o emprego dos meus sonhos (do jeito sacanagem) e ser instantaneamente terrível nisso.

"Bom, hmm?" – Eu gorjeio de repente, finalmente olhando para o K. –"O que você acha?"

Navur se anima com a minha atenção e toma outra colher de sopa. – "Sim muito bom. Perfeitamente cremoso, mas não muito pesado.”

Concordo com a cabeça como se estivesse concordando enquanto ele prosseguia, concentrando-me em fazer anotações rápidas. Se não posso fazer meu trabalho direito, posso muito bem fingir.

Isso fica mais complicado assim que as entradas são feitas, enquanto

pedimos refeições diferentes, mas insisto que Navur experimente um pouco do meu risoto, alegando que é bom demais para ele perder. Quando nosso crème brûlée chega, eu convenci Navur que tive uma grande mudança de atitude e quase me convenci de que posso fazer isso funcionar, mesmo quando o açúcar caramelizado derrete e lixa na minha boca.

Capítulo 15

Seu prazo é até amanhã à tarde ”– observa Navur, quando continuo debruçada sobre meu laptop enquanto o relógio passa da meia-noite.

Eu não disse isso a ele, mas, novamente, não há necessidade de pensar em como ele sabe as coisas que sabe. Assim como não há necessidade de eu olhar para o K alto, parado na porta do quarto com nada além de um roupão de pelúcia.

"Eu gosto de escrever enquanto tudo ainda está fresco"– eu minto, batendo meus dedos sobre o teclado quase maníaca. Fico feliz por estar sentada com minha tela virada para ele, porque tudo o que vejo depois de horas de "trabalho" é um documento em branco. –"Você não precisa esperar."

"Não sou eu quem precisa dormir"– Navur me lembra, praticamente flutuando pela sala com aqueles graciosos pés K. Ele fecha meu laptop para mim, com cuidado, mas com força.

"Por favor, não faça isso."– As palavras saem da minha boca antes que eu possa medi-las, e eu me vejo olhando para o K com olhos grandes e suplicantes.– "Por favor."

As sobrancelhas de Navur franzem, os olhos inundando o que está se tornando uma expressão familiar. Um toque confuso, talvez perplexo, talvez machucado. Ele não entende por que ainda estou me afastando, por que não me inclinei automaticamente à sua vontade. Suas outras conquistas humanas devem pular na cama e abrir as pernas facilmente.

Após uma batida de silêncio tenso, presa desesperadamente olhando para o predador, ele se aproxima da matança. O K me pega contra seus ombros largos, e eu instintivamente envolvo meus braços em volta do seu pescoço grosso para me firmar enquanto ele me carrega para o quarto. Em outro mundo, essa seria uma cena doce, comigo gritando e se contorcendo, e ele rindo suavemente dos meus protestos brincalhões. Mas neste mundo, nós dois estamos completamente em silêncio, meu único movimento é o bater do meu coração no meu peito.

Ele me joga na cama, gentilmente, mas com força suficiente para não deixar dúvidas de quem está no comando. Luto contra o desejo de me afastar dele e, em vez disso, fico congelada quando ele começa a desabotoar minha blusa. Ainda assim, o único som entre nós é a minha respiração pesada, quando minha camisa de seda sai, e então meus saltos e saia, até que eu fique com frio só de calcinha e sutiã, e meu inimigo se eleva acima de mim, sua túnica solta um pouco, aparecendo um V profundo de nada além de músculo duro.

Sinto-me à beira de mim mesma, meu corpo tremendo com respirações ofegantes, enquanto Navur habilmente desfaz o fecho do meu sutiã e desliza as tiras de renda pelos meus braços. Eles cruzam rápido sobre o meu peito, protegendo meus seios nus da vista, mas eu não posso nem conseguir isso. Meu coração bate forte quando o K vasculha uma gaveta da cômoda, mas tudo o que ele puxa é um pedaço de tecido rosa macio e familiar. Minha camisa de dormir. Ele joga para mim sem cerimônia, e eu luto para puxar a roupa sobre minha cabeça antes que ele possa mudar de ideia.

Ainda silencioso, terrivelmente silencioso, Navur desata a túnica e a joga sobre a poltrona. Ele não está completamente nu por baixo, mas poderia muito bem estar. Suas cuecas boxer bordô agarradas às curvas de seu corpo, o tecido sedoso deixa muito pouco para a imaginação. Antes que eu possa me derrotar por ser incapaz de desviar o olhar, ele vira as costas para mim, e eu vislumbro sua bunda redonda e apertada antes que ele apague as luzes do quarto.

Se meu pânico diminuiu temporariamente, ele volta sem hesitar, pois estou quase cega no quarto escuro. Eu suspiro baixinho quando Navur me puxa em sua direção na cama, mas tudo o que ele faz é levantar os lençóis macios sobre nós. No casulo de algodão egípcio, prendo a respiração, esperando suas mãos rastejarem sobre mim. Em vez disso, ele simplesmente me abraça firme contra si mesmo, seu aperto permanecendo congelado em volta da minha cintura, enquanto eu sinto seu pau endurecer contra minha bunda, pressionando as finas camadas de tecido entre nós. Meu rosto fica vermelho e eu me pergunto se ele pode sentir o calor faminto emanando de mim, apesar do tremor do meu corpo.

"Eu não vou apressar você"– Navur sussurra roucamente no meu ouvido, exatamente quando acho que terminamos de falar a noite toda. –“Mas eu não vou deixar você perder meu tempo. Você me deve trinta dias e trinta noites, pequenina, e eu sei que você sabe que isso não vai contar.

Eu durmo inquieta naquela noite, girando e girando, presa nos braços quentes de Navur até o amanhecer. Ele está certo, e eu sei disso. Não posso adiar isso para sempre. Eu sabia no que estava me metendo e sabia para o que estava fazendo isso. Agora que é real, por que estou tendo tanta dificuldade em fazer isso?

Capítulo 16

Navur se foi quando eu acordo na manhã seguinte. Por um momento, eu aprecio o vazio feliz da cama gigante, apertando meus olhos com força e puxando os lençóis apertados ao meu redor. Por um segundo, eu me deixei fingir.

"Bom dia, pequena."

Uma voz profunda trava meu sonho. Abro os olhos com cautela, espiando por cima do edredom grosso como uma criança com medo do escuro, enquanto Navur gentilmente coloca uma caneca de café na mesinha de cabeceira ao meu lado.

"Obrigada"– murmuro, mais por hábito do que por gratidão genuína, ocupando-me com a caneca. O café está muito quente, escaldando minha língua, mas continuo bebendo de qualquer maneira.

"Você não escreveu nada"– diz Navur a seguir, indo direto ao ponto. Olho para ele por cima da borda da caneca branca de porcelana do hotel, surpresa. Ele invadiu a senha do meu laptop? Não importa. No entanto, ele descobriu esse pequeno segredo, mas apenas confirma que eu não possuo mais a ilusão de privacidade. –"Por quê?"

"Hum"– eu hesito, tentando pensar em uma mentira que preservará minha dignidade. Por fim, decido que, com nada a perder, é melhor dizer ao K toda a verdade. –"É, não. Não sei o que escrever .Tenho certeza de que a comida no Belle Rive é adorável, mas não consegui provar nada. Eu estava tão nervosa que tudo parecia areia na minha boca."

Navur se abaixa sobre o pé da cama e instintivamente enrolo minhas pernas dentro de mim, me afastando o mais possível dele neste espaço apertado. Meus olhos tremem entre seu rosto e o café meio vazio ainda apertado em minhas mãos, sentindo minhas bochechas esquentarem com o repentino derramamento de honestidade.

"Por que você estava nervosa?"– Navur pergunta, as sobrancelhas franzidas para dentro como se com genuína preocupação. –"Você analisou restaurantes

muito mais prestigiados."

Eu rio sem humor, um som duro e violento.

Leva um segundo para o que deveria ser óbvio atingir Navur. – “Ah, você está falando de mim. Você estava nervosa por minha causa”

Não digo nada, reprimindo uma resposta sarcástica e olhando para o meu reflexo sombrio na bebida agora morna no meu colo.

"Por quê?"– Navur perde o silêncio, deslizando para perto de mim na cama e levantando meu queixo para encontrar o meu olhar.– “Já estivemos íntimos antes, então você sabe que a experiência será agradável e, claramente, achei seu corpo e desempenho satisfatórios. E não há elemento romântico nesse arranjo, então você não deve sentir pressão para me cortejar ou me impressionar. Por que você ficaria nervosa ao meu redor?”

"Eu não costumo fazer isso"– digo depois de uma respiração profunda, forçando-me a manter contato visual.– “Eu não faço uma noite. Eu não faço piadas casuais, amigos com benefícios, chamadas de saque. Inferno, eu nem durmo com caras antes do terceiro encontro. Então, sim, estou um pouco fora dessa ridícula transação sexual, e é muito estressante. ”

Navur considera isso, inclinando a cabeça para a esquerda e depois sacode.

- “Isso é justo, Noelle. Mas você sentiria o mesmo se eu fosse um homem humano?”

"Claro!" – Eu digo rápido demais, depois suspiro baixinho e admito a verdade. – "Não, eu provavelmente não faria."

Ficamos sentados nisso por um momento, Navur me observando sem expressão, me movendo desconfortavelmente sob seu escrutínio. Finalmente, Navur estende a mão, arrancando a caneca de café esquecida das minhas mãos e colocando-a de lado, e lentamente puxando as cobertas das minhas mãos.

"Eu posso não ser um homem humano"– diz o K naquele ronronar mortal enquanto puxa minhas pernas em direção a ele, me forçando de costas na cama, e suas mãos quentes começam a deslizar minha camisa de dormir até minha barriga. –"Mas quando eu terminar com você, nunca será capaz de se contentar

com um desses fracos novamente."

Capítulo 17

Deveria estar preparada, mas tanto a minha mente quanto o meu corpo sacodem com eletricidade quando a língua macia de Navur roça no meu clitóris. Eu suspiro baixinho, as pernas se curvando e as mãos agarrando cegamente os lençóis amassados ao nosso redor.

Já fizemos isso antes, sim, mas de alguma forma o tempo e as circunstâncias se estendem entre a primeira vez e agora fazem esse momento parecer completamente novo. A ponta achatada de sua língua desliza pela minha fenda e depois recua novamente, agonizando lentamente, a expiração suave de sua respiração fazendo minhas costas arquearem. Apesar das minhas melhores tentativas, fantasiei esse momento várias vezes nos últimos meses, mas a realidade é muito melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

Mesmo que as dúvidas e preocupações intermináveis invadam minha mente, com cada lambida, cada beijo, cada mordida suave, Navur força meus pensamentos a clarearem, até que tudo o que tenho consciência é do sentimento dele na minha pele, e então , o fogo se espalhando da minha cabeça aos pés, até que eu queime com um grito alto.

Antes que eu tenha tempo de me recuperar do primeiro orgasmo, a língua de Navur está se movendo rapidamente no meu ápice novamente. Minha mente está confusa de prazer, e eu mal estou consciente quando ele rapidamente me leva ao limite mais uma vez. Estou apenas um pouco consciente da sensação de seus cabelos grossos enroscados em meus punhos gananciosos, de suas mãos firmes segurando meus quadris para baixo enquanto me agarro descontroladamente em suas ministrações talentosas. Quando ele finalmente se afasta, eu estou sem ossos, minhas pernas desabam inutilmente para o lado enquanto o grande K se senta, limpando a boca com as costas da mão, a ação obscena quase primordial. Sem uma palavra, Navur se levanta e sai do quarto exuberante, deixando-me esparramada imóvel na cama.

Eu nunca vim assim antes. Não tão rápido, tão delirantemente, tão

repetidamente. Quando meus pensamentos se apagam lentamente e a realidade volta ao foco, não posso combater o coquetel tóxico de emoções que me inunda. Estou em êxtase, dominado com total satisfação. Isso foi incrível, e eu sei que deveria ser grata ao homem que me trouxe aqui, por não me deixar atolar nos detalhes que não posso mudar, nos fatos que só me perturbarão. Ao mesmo tempo, uma nuvem negra cai pesadamente sobre mim, pensamentos afiados me cutucando por todos os lados. Eu não deveria ter deixado ele fazer isso. Eu não deveria ter cedido. Eu não deveria ter me deixado sentir um prazer tão extremo nas mãos de uma criatura que sei ser um monstro.

Antes que eu possa resolver meus sentimentos complexos de uma maneira ou de outra, Navur retorna. Eu consigo sentar na cama, as pernas ainda embaraçosamente moles e as bochechas corando quando eu puxo minha calcinha de volta.

"Agora" – diz Navur severamente, sem reconhecer meu estado pós-orgástico, e jogando meu laptop no lugar vazio no colchão ao meu lado.– "Você tem um prazo dentro de duas horas."

Capítulo 18

Com a ajuda de Navur, minha primeira tarefa foi digitada e enviada em menos de noventa minutos. Ele se mostra bastante hábil na arte sutil da crítica alimentar, descrevendo a refeição da noite passada para mim em detalhes não apenas o suficiente, que eu quase sinto que posso retroativamente provar as iguarias, mas também fornecendo algumas frases inteligentes que fazem no meu rascunho final. Enquanto trabalhamos juntos, sentados lado a lado na enorme cama, ambos seminus e completamente na zona, quase esqueço como acabamos aqui. Quase.

Fico nervosa novamente quando fecho o laptop e o coloco de lado, repentinamente consciente de quão perto estamos sentados, as coxas nuas se tocando e a pulsação maçante pós-orgástica ainda zumbindo entre as minhas pernas. Antes que eu possa entrar muito fundo na minha cabeça novamente, Navur pula da cama, pegando o roupão fofo que ele estava vestindo na noite passada e me jogando um casaco igual.

"Você deve estar morrendo de fome"– diz ele, dando um nó no cinto. –"Almoço?"

Concordo com a cabeça ansiosamente, deslizando para a túnica creme e pulando da cama, passando por cima da roupa de ontem, onde ela está espalhada pelo chão e seguindo em direção a minha mochila.

“Serviço de quarto?” – Navur pergunta, pegando o menu discreto da mesa de cabeceira. A delicada folha de papel parece quase cômica em suas grandes mãos.

"Na verdade, se você não se importa, já que estamos na cidade, há um lugar que estou morrendo de vontade de ir"– pergunto timidamente.

Depois de uma hora, estamos sentados no meio-fio familiar de Max's Bodega, comendo pãezinhos picantes de cogumelos. Deus, eu senti falta disso. Meu antigo apartamento ficava no mesmo quarteirão daqui, e eu praticamente vivia do sushi barato de Max. Claro, eu tive refeições que custam

mais do que a minha conta de supermercado durante o mês, mas os preços não importam realmente quando se trata de comida. Algumas das melhores refeições que já tive foram exatamente assim: feitas com amor, pagas em troco de reposição e comidas na esquina.

"Não é exatamente o que eu esperava da grande Noelle Keene"– diz Navur secamente, limpando um pouco de wasabi do lábio. Ele parece extraordinariamente deslocado nesse ambiente, pernas longas demais para puxar confortavelmente, camisa branca demais e fresca no bairro grafitado.

"Bom, não é?"– Eu pergunto, sorrindo amplamente para o K. Ele parece surpreso ao ver minha expressão, e percebo que provavelmente nunca sorri com ele antes. Autoconsciente, concentro-me novamente na bandeja plástica do meu almoço.

"Muito"– diz ele, com a boca cheia de arroz. – “Gostaria de ver o que Max pode fazer com produtos de alta qualidade. Talvez até alguns ingredientes de Krinar.”

"Eu não acho que Max tecnicamente faça isso, pode ser o Baba dele."

"Baba?"– Navur repete, a palavra soando um pouco boba em sua língua sempre séria. –"Você conhece muito bem esse Max?"

Dou de ombros, saboreando minha última mordida. – "Quero dizer, eu vim aqui quase todos os dias por meia década, só isso."

Não é até Navur sutilmente voltar para uma posição relaxada que eu percebo que ele ficou tenso quando mencionei Max. Ele ficou com ciúmes por um segundo? Sei que os Ks são notoriamente possessivos, mas pensei que a vantagem de nossa pequena configuração sem vínculos não seria lidar com esse comportamento.

"Você sabe muito sobre culinária?"– Pergunto, tentando não sutilmente redirecionar a conversa. Verit era uma excelente cozinheira, eu adorava esgueirar-me pelo apartamento de Ari e roubar sobras de suas criações dignas de baba. Ouvir Navur contemplar novas receitas de sushi me faz pensar se essa é uma característica universal do K.

"Na verdade não"– ele responde, derrubando essa teoria. –“Eu preferiria comer uma refeição deliciosa do que criá-la, especialmente com a sua culinária humana. De volta a Krina, sou especialista em botânica e, como amante de ambos, frequentemente me pergunto como os dois podem ser combinados. Por exemplo, há um fungo comestível que cresce no hemisfério norte de Krina, tem um sabor muito acentuado. Não é um tempero quente e ardente, mas mais um tempero alto e harmônico, como gengibre. Acho que o Baba de Max poderia fazer maravilhas com isso.”

"Huh"– é tudo o que posso dizer, surpresa com a profundidade repentina que estou descobrindo em meu pseudo-captor.– "Isso é legal. Por que você nunca tenta? Faça você mesmo ou traga alguns ingredientes do Krinar aqui para alguém cozinhar?”

"Não vale a pena"– diz Navur com um encolher de ombros lacônico, depois me fixa de maneira significativa com os olhos. –"Sempre algo melhor para fazer."

Coro com as implicações subjacentes, de repente fascinada por uma marca de arranhão no dedo do pé do meu tênis esquerdo. –“Hum, então você é especialista em botânica em Krina? É isso que você faz aqui também?”

“Era isso que eu pretendia fazer, mas rapidamente fiquei entediado com a flora primitiva do seu planeta. Na verdade, eu deveria voltar para Krina, no dia seguinte ao nosso encontro. Suponho que me distraí.”

"Huh"– eu digo novamente. Então nós dois éramos estranhos no limbo, naquela primeira noite juntos, procurando um pouco de diversão antes de sair de Nova York para sempre. Agora, aqui estamos, de volta à cidade, juntos.

“Por mais que eu goste do sushi de Baba, eu gostaria muito de não ficar mais sentado na rua”– diz Navur, levantando-se em um movimento rápido, depois estendendo a mão para me ajudar. –"Pronta para a sobremesa?"

Seu carro preto aparece como se fosse a tecnologia K diante de nós, e subimos. Enquanto eu me sento no banco de trás ao lado do K que governa temporariamente minha vida, sem a menor ideia do que pode ser “sobremesa”,

reflito sobre os pequenos petiscos Eu acabei de aprender sobre ele. Ele está intrigado com o conceito de cozinha de fusão alienígena / humana, mas não o suficiente para realmente fazer algo sobre isso. Ele é especialista em botânica, mas se cansou de estudar isso na Terra. Ele está começando a parecer um homem arrogante, meu K. Só posso esperar que isso signifique que ele rapidamente perderá o interesse por mim também.

Capítulo 19

Sobremesa acaba sendo churros no Central Park. É o companheiro perfeito para o nosso almoço de sushi na esquina, embora a imagem de Navur, em sua popa de botão com as mangas arregaçadas, calças afiadas e sob medida e cabelos perfeitamente penteados, me leve com confiança a um carrinho de churros pequeno e sujo totalmente relaxado.

Enquanto caminhamos ao longo da água, comendo nossos lanches açucarados, me ocorre o quão pouco parecemos ser notados. Claro, algumas mães puxam seus filhos para o outro lado do caminho quando nos vêem chegando, e temos alguns olhares de reprovação de algumas senhoras mais velhas - e talvez alguns olhares de ciúmes das mais jovens? Independentemente disso, nosso passeio não atrai tanta atenção negativa quanto eu teria imaginado. Certamente não é o tipo de resposta visceral que incitaríamos em Buffalo Creek. Enquanto lambo a ponta dos dedos, consigo me sentir baixando a guarda, milímetro por milímetro.

No entanto, quando o jantar no Rose & Daughters chega, meu estômago está com um nó novamente. Nem mesmo o infame charoset que derretia na boca, que eu senti muito prazer no passado, pode tentar meu apetite murchar. O pavor rasteja sobre mim paralelamente ao crepúsculo caindo sobre a cidade. Não posso explicar meu medo do que sei que esta noite trará, na verdade não. Só de pensar nas aventuras desta manhã umedece minha calcinha. Não, não tenho nenhuma razão real para sentir outra coisa senão uma antecipação avassaladora por uma segunda brincadeira na cama com a criatura bonitinha sentada à minha frente. Ainda assim, não posso deixar de sentir que, se me submeter a seus desejos sombrios, mesmo uma vez, me sentirei livre caindo em uma toca de coelho da qual nunca mais voltarei.

“Pronto, pequenina?”– Navur pergunta, já se levantando do assento.

Concordo com a cabeça desnecessariamente, deixando-o puxar minha cadeira para mim e de pé sobre as pernas instáveis. O caminho de volta ao hotel

voa mais rápido do que nunca, e antes que eu perceba, estamos de volta à nossa suíte de cobertura, a tensão espessa e palpável entre nós. Ponho minha bolsa na pequena mesa de jantar e calço os sapatos, perdendo tempo, tentando o meu melhor para adiar o inevitável, no momento em que estou morrendo de medo e temendo.

Navur não tem tais apreensões, deslizando atrás de mim, passando um braço em volta da minha barriga enquanto o outro escova meu cabelo para o lado. Sua respiração aquece meu ouvido antes de suas palavras, enviando um calafrio correndo pela minha espinha.

"Você vai me negar o que me deve novamente esta noite, Noelle?"

Seus dedos grossos deslizam logo abaixo da cintura da minha saia, não tocando a pele, mas perto o suficiente para fazer o calor explodir pelo meu corpo. A outra mão ainda está mexendo no meu cabelo, mas os dedos suaves não estão mais. Em vez disso, ele está apertando minhas mechas longas e está puxando minha cabeça para o lado, expondo o lado da minha garganta. Não posso deixar de soltar um gemido suave enquanto ele pressiona os lábios na pele macia lá, primeiro com um pequeno beliscão, depois um beijo suave. A justaposição complexa de uma mão viajando delicadamente para o sul, a outra puxando violentamente meus cabelos, seus dentes e lábios fazendo marcas na minha pele ardente ... Eu não podia negar a ele, mesmo que quisesse.

A espera é quase insuportável, enquanto os dedos de Navur dançam pelo meu osso do quadril, provocando a borda da minha calcinha de algodão. De repente, eu me pego desejando ter vestido algo mais sexy, algo rendado e chamativo, em vez de me convencer teimosamente de que tal ato estaria pedindo problemas. No momento em que Navur mergulha entre minhas pernas, estou encharcada de antecipação, ofegando de alívio quando o polegar passa sobre o meu clitóris, dois dedos grossos deslizando no meu canal apertado. Até isso é demais. Meus joelhos ameaçam ceder, e estendo a mão e agarro a mesa em busca de apoio, pressionando acidentalmente minha bunda contra os quadris de Navur no processo. O K rosna com isso, e eu posso senti-lo, duro e enorme, através de

suas calças apertadas. Oh meu Deus. Se seus dedos são tão grandes, como diabos eu devo levar seu pau?

Não tenho chance de me preocupar muito com isso. Em questão de segundos, ele tem minha saia empurrada até minha cintura e minha calcinha em volta dos meus pés. Minha bunda nua está vermelha e nua sob seu olhar faminto, fria e exposta na sala bem iluminada, e me vejo desejando que tivéssemos tempo para acender as luzes antes de começar a trabalhar. Então, ouço o som ensurdecedor de um zíper e sinto a ponta larga dele roçando contra a minha entrada.

"Espere!"–Eu choro, a palavra deslizando pelos meus lábios antes que eu tenha tempo de pensar nisso.

Navur congela, e eu posso sentir a dor em sua restrição, sentir seu pau implorando para entrar em mim.

“O que é, pequenina?”– Ele pergunta. Não consigo ver o rosto dele dessa posição, mas ainda assim consigo ouvir o ruído em seus dentes.

"Eu não ..."– Eu paro, envergonhada por expressar minhas hesitações com muita clareza, mas diabos, eu já estou na mesa de jantar.– “Eu não gosto assim. Como ... por trás.”

Dizer a frase em voz alta parece ridículo, mas é verdade. É degradante, impessoal, a posição de contatos anônimos entre bêbados nos banheiros dos bares. E o cabelo sendo puxado? Pode me chamar de chata ou baunilha, mas não estou nessa cena. Depois de algumas experiências fracassadas, sempre coloco o pé na questão, mas, neste caso, receio estar perdendo o fôlego.

"Você sabe que eu não sou como qualquer outro homem com quem você esteve, certo?"– Navur pergunta, e desta vez, eu posso sentir uma certa marca de arrogância em sua voz, mesmo quando ele se pressiona contra mim. Quando ele puxa meu cabelo com mais força, eu rapidamente concordo. –“Ninguém nunca te fez antes, Noelle, então você não conhece nada melhor. Mas eu não vou fazer nada que você não goste. Você confia em mim?"

A ponta do seu pau está dentro de mim agora, provocando e ardendo ao

mesmo tempo. Eu me contorço contra ele, gemendo baixinho com a sensação dolorosa, mas agradável, mas isso só o leva mais fundo. –"Você confia em mim, Noelle?"

Não deveria. Não tenho motivos para isso. Eu posso sentir a força nele enquanto ele me abraça, eu sei que ele poderia me quebrar ao meio, se ele quisesse. Ainda assim, uma parte muito pequena e muito tola de mim confia implicitamente nessa criatura mortal para me proteger em vez de me destruir.

"Eu confio em você"– eu digo, com uma voz um pouco acima de um sussurro, e, assim, Navur mergulha em mim com um impulso rápido. Eu choro alto, a visão zumbindo nas bordas com a súbita intrusão. O K me dá apenas um momento para me ajustar à sua circunferência, depois empurra novamente, estabelecendo um ritmo constante. Desse ângulo, seu pau grosso atinge um ponto profundo dentro de mim que eu nem sabia que existia. A sensação de tanta plenitude é quase insuportável, e eu gemo quando seus quadris batem contra minha bunda ferozmente.

"Você é realmente uma garota suja, não é?"– Navur ronrona quando eu de má vontade volto contra ele, convidando-o mais fundo. Ele agarra meu cabelo com mais força, me puxando impossivelmente perto. –"Por trás desse rosto bonito e dessa atitude, você está escondendo uma putinha imunda e desagradável."

Suas palavras são hediondas e suas agressões são brutais, mas, de alguma forma, acho que minhas pernas ameaçam ceder debaixo de mim quando o prelúdio de um orgasmo começa a me ultrapassar. Como isso está acontecendo? Eu nunca vim assim antes, sem estímulo além da penetração, e certamente não com um monstro me manipulando e me chamando de vagabunda. Eu luto contra isso, cerrando os dentes e apertando o canal interno, mas isso só adiciona combustível ao fogo. Eu venho violentamente, sufocando um grito, amaldiçoando meu atormentador com raiva e êxtase.

Eu ainda estou ofegando quando seus dedos rápidos encontram o meu nó sensível. Minhas mãos agarram cegamente na mesa enquanto ele trabalha meu

corpo, meus quadris se contorcendo loucamente contra os dele. Nossos gemidos dançam juntos quando ele bate em mim, e eu posso me sentir já subindo rapidamente em direção a outro clímax.

Inesperadamente, Navur congela, nossos corpos ainda pressionados, sua mão entre as minhas pernas. Ele aperta meu clitóris com força entre os dedos, e eu grito. Ninguém nunca fez isso antes. A sensação é uma mistura desconhecida de dor e prazer, algo que acho que vou me familiarizar nos próximos trinta dias. Ainda assim, enquanto o toque afiado me mantém excitada, ele me mantém à beira, apenas provocando o orgasmo.

"O que você é, Noelle?"– Navur rosna em meu ouvido, e eu mal posso ouvi-lo, muito menos responder, sangue invadindo meu corpo enquanto todas as minhas terminações nervosas gritam por liberação. Tento me contorcer contra ele, forçando as sensações pelas quais estou morrendo, mas ele me mantém punidamente imóvel, beliscando com mais força. Eu grito alto, mas o K simplesmente repete sua pergunta.– "O que você é, pequena?"

Com meus cabelos em punho na mão, meu corpo inteiro sob sua possessão cruel, meu clímax em seu controle exigente, de repente eu sei a resposta. Sei que exatamente o que prometi a ele é o que ele reivindicará.

“Sou sua, Navur. Toda sus.”

E com isso, ele libera meu clitóris e bombeia em mim mais uma vez, e isso é tudo o que preciso. Estou gritando através do meu orgasmo enquanto Navur me mantém firme, e sinto sua semente quente jorrando em meu corpo espasmódico.

Eu sou toda dele.

Capítulo 20

No dia seguinte, fazemos a viagem de milissegundos de volta a Buffalo Creek, depois de uma rapidinha matinal e um brunch de serviço de quarto. Eu mal posso fazer contato visual com Navur, depois das coisas sujas que fizemos na noite passada. Não consigo imaginar encarar minha família mais tarde.

Navur parece sentir minha necessidade de um pouco de espaço para processar tudo, então ele manda o motorista me levar direto para casa. Quando chego, meus pais estão conversando um pouco com as histórias do meu fim de semana de jet-ski, que eu alegremente forneço, tecendo contos altos de ver velhos amigos e definitivamente não deixando meu cérebro fodido por um alienígena perigoso. Quando estou suficientemente saciada, admito sinceramente minha exaustão e subo as escadas.

Eu bato forte, nocauteando por uma soneca incomum de três horas. Eu acordo grogue ao pôr do sol, me sentindo de alguma forma ainda mais cansada e um pouco sozinha. Apenas duas noites, e eu já estou apegada à ideia de dormir enrolada nos braços do meu K. Eu não tinha percebido o quanto eu odiava estar solteira até agora.

Não . Eu me arrasto para fora da cama de solteiro caída e acendo minha pequena lâmpada de cabeceira rosa. No espelho empoeirado sobre minha cômoda, paro e me dou uma olhada severa, depois de limpar rapidamente o rímel manchado sob os olhos. Pare de ser uma garota e não deixe seu coração amolecer por um homem que você sabe que é ruim para você. Pense com seu cérebro, não com seu coração ou sua vagina.

O último é um lema que Ari me ensinou, mas ela ficaria brava comigo por usar a “garota” como um insulto a mim mesma. De repente superada pela saudade da minha melhor amiga, abro minha gaveta de roupas íntimas e pesco o dispositivo especial secreto que ela me deixou quando voltava. Encontrando um dos dois contatos, pressiono o botão de chamada e espero um holograma de seu rosto alegre, geralmente recém-fodido, para preencher o ar acima da fina placa

metálica. Nada. Gostaria de saber que horas são em Krina. Os fusos horários intergalácticos ainda não são o tipo de coisa que você pode pesquisar no Google. Escondo o tablet K novamente e desço as escadas.

Mamãe está andando pela cozinha, colocando os pratos na máquina de lavar louça. Aposto que papai já está no quarto deles, assistindo o noticiário da noite no conforto de sua cama. Mesmo com alienígenas na Terra e tecnologia que podem levá-lo da Virgínia Ocidental a Nova York, eles estão teimosamente presos nos papéis de gênero grotescamente desatualizados de antigamente.

"Querida, você perdeu o jantar"– mamãe diz quando me vê em pé na porta da cozinha. –"Eu não queria te acordar, você parecia tão cansada, mas eu posso esquentar sobras, se você quiser."

"Obrigada, mas não estou com muita fome"– eu digo, não com sinceridade.– "Vou levar Baby para passear, posso comer um lanche quando voltarmos."

"Se você diz"– diz minha mãe, sufocando um bocejo. –“Bem, estou derrotada. Tranque tudo antes de ir para a cama, sim?”

"Claro, mamãe"– eu digo, dando-lhe um beijo pouco característico na bochecha. Meu interior está em tumulto, e eu quero desesperadamente rastejar nos braços de minha mãe como uma garotinha, mas isso não serve. Em vez disso, pego a trela de couro gasta e assobio para Baby.

O ar da noite de verão é espesso e pesado, mesmo no escuro. Parece que a cada segundo estou sem distração e, até mesmo com alguns, sou superada pelo ataque imediato do meu conflito interior auto-indulgente. Eu estou cansado disso. Pego o nó emaranhado dos meus fones de ouvido antiquados do bolso da calça jeans e solto um pop alegre. Baby e eu andamos pelas ruas escuras de Buffalo Creek em nossa própria pequena bolha, o cachorro com o rabo balançando alto, me balançando ao som da música eletrônica. Não sinto necessidade de olhar por cima do ombro, de ficar ao longo das calçadas iluminadas por segurança. Eu sei que Navur está de olho em mim, mesmo quando não consigo senti-lo. O que costumava me aterrorizar agora me traz uma

estranha sensação de conforto. Meu perseguidor já se tornou meu protetor em minha mente. O que diabos está errado comigo?

Não . Balanço minha cabeça violentamente, como se fosse sacudir fisicamente os pensamentos assustadores da minha cabeça. Baby olha para mim, perplexo.

"Está tudo bem, menina"– murmuro para ela, incapaz de ouvir minha própria voz através da música que soa nos meus ouvidos. A garantia parece acalmá-la.

Se eu pudesse me acalmar tão facilmente.

Capítulo 21

No dia seguinte, voamos para Las Vegas. Recebo tantos avisos quanto na primeira vez: um texto vago e cerca de uma hora para fazer as malas. Meus pais estão fora - clube do livro, talvez -, então deixo uma nota rápida e uma promessa para ligar mais tarde.

Mais uma vez, a viagem demora alguns segundos. Eu me agarro ao braço grosso de Navur enquanto ele me leva do telhado ventoso do nosso hotel até a nossa suíte. O interior elegante é combinado com enormes janelas, revelando a cidade abaixo de nós. Eu nunca estive em Vegas antes, mas o famoso horizonte chamativo parece familiar. Mal posso esperar para vê-lo iluminado à noite.

"Eu costumo cobrir a cidade"– admito, recuando da vista deslumbrante antes que a altura comece a me assustar.– "Estou animada para experimentar novos lugares."

"Excelente"– diz Navur, colocando a jaqueta sobre uma cadeira e arregaçando as mangas, me observando observá-lo. – “Provavelmente faremos mais algumas visitas a Manhattan antes que nosso tempo acabe, mas ainda podemos nos encaixar em muitas viagens. Alguma solicitação?"

"Eu vou a qualquer lugar"– eu digo honestamente. Tenho manutenção bastante baixa. Como mal saí da Virgínia Ocidental nos primeiros dezoito anos da minha vida e depois saí de Nova York durante a próxima década, sou fácil de agradar quando se trata de destinos de viagem.– "Desde que a comida seja boa."

"Eu posso trabalhar com isso"– diz Navur com um sorriso suave, fechando a distância entre nós e me segurando contra ele.

"Oh"– eu digo, mas antes que eu possa acompanhar essa declaração desnecessária, ele se inclina e pressiona seus lábios nos meus.

O beijo é suave, seus lábios quentes brincando com os meus por um momento, uma provocação de língua, e então ele se afasta. Eu fico lá em silêncio enquanto ele se afasta, perdida no inesperado momento. Foi quase ... doce? Romântico? Definitivamente não é o que eu me inscrevi quando concordei

em ser seu brinquedo sexual por um mês.

"Você já jogou antes?"– Pergunta Navur, enfiando a cabeça pela porta do quarto.

"Não"– eu digo, pegando os pedaços confusos de mim e indo em direção a ele. –"Nunca."

"Bom"– diz ele, afastando-se para que eu possa me juntar a ele no quarto.– “É um jogo para os imprudentes. A menos que…"

"A menos que?"– Repito quando ele sai, puxando uma pequena mochila da nossa pilha de bagagem.

"A menos que você jogue com apenas um troco de reposição"– diz ele com um sorriso satisfeito, aumentando a mochila. Pilhas de notas caem na cama e eu automaticamente pego uma. Centenas nítidas, unidas em bandas apertadas. Deve haver algumas dúzias delas, certamente mais dinheiro do que eu já vi na minha vida, não de uma só vez, e talvez nem mesmo em todos os meus 28 anos juntos.

"Puta merda"– eu respiro, jogando a pilha em minhas mãos de volta na pilha na minha cama, como se tanta riqueza me queimaria.

"É todo seu"– diz Navur, claramente saboreando o choque absoluto no meu rosto. –“Para brincar hoje. O que acontece em Las Vegas, fica em Vegas, certo?”

"Navur, isso é loucura"– eu digo, dando um passo para trás da cama por medida segura. Eu não preciso disso. Você não precisa ...

"Eu não faço nada que não queira"– insiste o grande K, pressionando a palma da mão na minha bochecha por um momento e depois se afastando. –"Venha agora. Se você se preparar rápido, teremos tempo para gastar tudo isso antes do jantar.”

"Eu ... eu nem tenho nada para vestir"– eu protesto inutilmente, lutando para entender o que ele está propondo, embora até um ano ou dois não fosse tempo suficiente para essa loucura afundar.

"Não se preocupe"– diz Navur, claramente dez passos à minha frente a qualquer momento.– "Eu tinha algo preparado para você, deveria estar no armário."

Meus pés me carregam para o armário por vontade própria, minhas mãos abrem as portas com cautela. Dentro, há uma dúzia de vestidos aprovados por Las Vegas, variando de um número apertado e minúsculo de seda escarlate a um vestido de sereia com lantejoulas e mais lantejoulas. Não preciso checar as etiquetas para saber se eles se encaixam perfeitamente em mim, ou que o nome em cada uma me fará ofegar.

Eu sempre fui obcecada por moda. Eu até sonhei em ser modelo de pista em um ponto, antes que minha altura chegasse aos 1,58 e aprendi o quão impraticável esse sonho era. Além da espiral anual da edição de setembro, ou do ocasional passeio indulgente pela Saks, pensei que já havia superado a antiga chama. Agora, no entanto, passando meus dedos por uma manga de veludo amassada que sei instintivamente ser Givenchy, tudo volta à tona de uma vez, movendo-se através de mim como um despertar religioso.

"Puta merda, hein?"– Navur diz para mim, e eu posso ouvir o sorriso em sua voz, mesmo com minhas costas viradas para ele. Ele está se divertindo, brincando comigo assim, jogando guloseimas em seu pequeno animal de estimação. Mas agora, eu nem me importo com quais são suas intenções com presentes tão extravagantes e desnecessários. Posso ser comprada tão facilmente? Isso aí.

Uma hora depois, selecionei um vestido de linha Dolce & Gabbana, com um padrão de estampa de zebra em jacquard dourado e prateado. Não é tão chamativo quanto algumas das outras opções, mas ainda é definitivamente o suficiente para me fazer sentir como se estivesse tendo uma experiência completa em Las Vegas. Verificando minha maquiagem no espelho mais uma vez, deslizo os estiletes que o acompanham e viro para o meu K com um sorriso tonto.

"Vamos!"

Capítulo 22

O passeio que se segue é inesquecível, embora o suprimento infinito de champanhe certamente coloque uma boa luta contra a minha memória. Jogamos blackjack, craps, roleta e qualquer coisa que exija pouca ou nenhuma habilidade da minha parte. Com um punhado das fichas mais altas em uma mão e o K de smoking no meu braço, as pessoas se dobram para mim de maneiras que eu nunca havia experimentado antes. Mais dinheiro, mais problemas na minha bunda. A multidão se abre, as portas se abrem e a bebida flui livremente. Quanto mais bêbada fico, mais fácil a charada se torna. Isso é normal, eu digo a mim mesma. Isto é bom. Não perdi apenas o equivalente a um ano de aluguel com um lançamento ruim dos dados, apenas para dobrar imediatamente no próximo turno. Eu não disse apenas "me bateu" aos quinze, apenas porque a corrida cega de um risco faz minha pele formigar. Esta não é uma maneira estranha de matar uma tarde.

Provavelmente já perdi metade do dinheiro de Navur quando ele me levou para fora do cassino e entrou na limusine. Eu não posso mais contar. Estou bêbada, arranhando estiletes oscilando perigosamente.

O jantar é um borrão. De alguma forma, meu copo de vinho nunca está cheio e estou enchendo meu estômago com uma refeição de cinco estrelas, tão desleixada quanto um estudante universitário que se entope de pizza gelada depois de uma festa da fraternidade. Devo escrever sobre isso amanhã? Porra.

No caminho de volta para casa, Navur abre o teto solar, e eu me empurro para fora como um mergulhador que respira fundo. A brisa da noite é fria e árida, muito distante da umidade do leste. Fecho os olhos e deixo meus cabelos chicotearem em volta de mim, me sentindo a rainha do mundo, enquanto o ar fresco me deixa sóbria. Percebo que é uma onda de melancolia agridoce que toma conta de mim. Isso é o melhor possível, e terei que passar o resto da minha vida sabendo que os melhores dias da minha vida foram concedidos a mim por uma criatura que me chantageava pelo meu corpo, uma criatura que nunca mais voltarei a ver. Nossos trinta dias acabaram. Uma criatura que amarra meu

coração em nós, um homem que eu odeio impossivelmente e desejo desesperadamente de uma só vez.

Sinto a limusine parar lentamente e abro os olhos. Estamos de volta ao hotel. Meu coração começa a bater mais rápido, como sempre acontece com a apreensão iminente do que uma noite com meu atormentador trará. Desta vez, no entanto, minha adrenalina não é trazida ao meu pânico ou medo. Desta vez, tudo o que sinto é uma onda de emoção.

Deixei Navur me levar até o elevador, sem esperar até chegarmos à nossa suíte. Ele está em mim assim que as grossas portas de metal se fecham, sua boca na minha e as mãos batendo em todo o meu corpo até que um agradável toque anuncie nosso destino. Estou sem fôlego, ainda hesito em tomar o que está sendo tomado, mas meu desejo ganancioso domina facilmente minha timidez.

Nós caímos no quarto e sinto um pequeno suspiro de alívio quando caímos na cama macia, as luzes ainda apagadas. Esta é a minha zona de conforto. Isso eu posso lidar.

Eu deveria ter pensado melhor do que pensar que poderia estar na minha zona de conforto com um K. Em um momento, ele me virou de bruços e me ajoelhou. Começo a rastejar de quatro, mas então ele tem meus dois pulsos em uma mão e está envolvendo algo macio e sedoso em torno deles.

Oh não . Meu pulso está disparando através da cama, e eu instintivamente tento me afastar do meu agressor, mas agora estou firmemente presa à cabeceira da cama, a seda queimando nos pulsos quando luto demais. Merda . Não era isso que eu queria, o que eu sempre quis. Eu me viro para tentar encarar Navur, mas ele me segura com firmeza, com minha bunda sobressaltada no ar. Mais uma vez, sou tomada por uma sensação que sei que deveria ser medo, que desejo desesperadamente ter pânico, em vez da verdade ilógica: estou absurdamente empolgada em ver o que acontece a seguir, inconcebivelmente excitada por esse perigoso pseudo-estranho.

Não faz nem uma semana e ele já me arruinou.

Minha respiração fica irregular quando Navur passa um dedo na minha

fenda. Eu posso ouvi-lo inspirar bruscamente quando ele sente como eu já estou molhada, minhas dobras encharcadas com o mero pensamento dele. Ele é delirantemente gentil, me acariciando devagar, provocativamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Como se ele não pudesse me sentir empurrando contra ele, gananciosa, implorando descaradamente com meu corpo por mais, por tudo que sei que ele tem a oferecer.

E então, quando eu posso sentir meu clímax crescendo ... ele me bate.

Ele bate na minha bunda, não gentilmente, não de brincadeira, mas com força . Forte o suficiente para me fazer gritar alto, não de prazer, mas de dor. Antes que eu possa me afastar, dê-lhe um pedaço da minha mente, seus dedos hábeis retornam ao meu delicado centro, seus lábios macios colocando beijos gentis e de desculpas no local que ele acabou de atacar. Eu relaxo em seu toque, não tendo percebido como eu tinha ficado tensa com sua palmada. Ah, sim, eu posso sentir isso vindo sobre mim, quase sinto o gosto do orgasmo prestes a ...

Smack . Navur me bate novamente, desta vez com mais força. Eu suspiro, mais confusa do que qualquer coisa. Mais uma vez, ele trabalha meu clitóris com uma mão, esfregando minha bunda dolorida suavemente com a outra. Então ele me bate de novo, e desta vez o som que sai de mim não é um grito de dor ou mesmo um suspiro de surpresa. É um gemido arbitrário. Eu tento engoli-lo de volta, perplexo com minha própria reação, lutando contra a sensação que está se espalhando pelo meu corpo. Sim, ainda dói. Minha carne macia queima onde ele me atingiu. Mas, ao mesmo tempo, a sensação violenta desperta algo perverso e inesperado no mais profundo de mim, um prazer sombrio mais forte do que qualquer coisa que já senti antes. Não quero me sentir assim, não quando um homem está me batendo, mas a parte principal de mim volta com avidez para a próxima surra.

"Você gosta disso, hein?"– Navur rosna em meu ouvido, e eu posso ouvir o sorriso em sua voz. –"Eu sabia que havia uma putinha suja lá dentro, apenas esperando para ser libertada."

"Eu não estou..." – eu protesto, minhas palavras derretendo em um suspiro quando ele ataca novamente, os dedos ainda rápidos no meu clitóris. –"Eu não ... eu não ..."

Quero dizer que não quero isso, que não gosto disso, mas não posso mentir, nem tentar fingir que isso não está me despedaçando da melhor maneira. Em vez disso, a verdade flutua em um gemido irregular, ofegante e faminto de desejo.

"Eu não quero que você pare."

O K obedece ansiosamente, massageando meu clitóris delicadamente, enquanto sua palma grande bate contra a minha bunda em chamas repetidamente. Smack . Cada nervo que termina no meu corpo está em chamas, a energia erótica brilhando através do meu corpo em hiper velocidade. Smack . O orgasmo que parece estar se desenvolvendo há horas finalmente explode, uma explosão de sensação tão forte que eu juro que minha visão fica branca por um segundo. Minha boca se abre em um grito silencioso, meu corpo se contorcendo com a liberação, pulsos estremecendo com as restrições.

Estou ofegando no travesseiro quando sinto suas mãos em mim novamente, desta vez gentil, segurando minha bunda no lugar enquanto ele guia seu pau grosso para a minha entrada. Mesmo após o orgasmo mais forte da minha vida, minha boceta ainda o engole avidamente, e eu posso ouvi-lo gemer de satisfação quando ele me lança. Ele se afasta lentamente, provocando meu canal interno sensível, depois empurra de novo punidamente. Minhas mãos atadas arranham o colchão, meu corpo já estava impossivelmente ligado, ganancioso por mais, mais, mais.

Eu quero-

Eu me interrompi, recusando-me a expressar tal desejo, mesmo em minha própria cabeça. Mas Navur de alguma forma sente meus pensamentos, voltando as mãos para minha bunda, massageando o local dolorido.

"O que você quer, pequenina?"– Ele pergunta em um ronronar cruel. –"Conte-me."

Não posso. Não vou. Eu permaneço estoicamente silenciosa, além dos

gemidos incontroláveis que ele incita enquanto continua a bater em mim.

Inesperadamente, ele para, congelando com apenas a ponta do seu pau na minha entrada, a palma apenas tocando minha bunda.

"Você precisa pedir, Noelle"– diz Navur, a voz baixa, mas severa.– "O que você quer?"

"Eu..." – Eu não posso acreditar que ele está tentando me fazer implorar por isso. Eu não direi isso. Eu não preciso disso. Minha mente está definida, mas meu corpo não está convencido, pressionando desesperadamente contra seu corpo duro enquanto minha boceta aperta em torno de nada. Ainda assim, ele me mantém teimosamente no lugar, recusando-se a me deixar pegar o que eu quero. –"EU…"

"Bater ou parar ?"– Navur pergunta, e eu posso dizer por sua voz que ele sabe que já ganhou. Não posso combater o desejo ganancioso que cresce dentro de mim, não posso negar a fraqueza distorcida que ele está semeando em mim.

"Bata em mim"– eu sussurro, e ele obedece, me lanceando profundamente enquanto dá um tapa na minha bunda. Eu gemo alto e não sei qual ação está me excitando mais.

Navur puxa, congelando novamente tentadoramente fora de alcance. – "Bater ou parar ?"

Eu fecho meus olhos, fechando a parte do meu cérebro que ainda quer lutar contra isso, que ainda pensa que tenho alguma chance contra os truques sombrios do K.

"Bata em mim"– eu digo, desta vez mais alto, apesar de minha voz ainda tremer.

Mais uma vez, Navur faz o que eu peço. Mais uma vez, ele desencadeia algo desconhecido e proibido dentro de mim. Mais uma vez, ele se recusa a continuar até que ele tenha torturado com sucesso uma demanda de mim.

"Bater ou parar ?"

"Bata em mim" – repito, a voz embargada pelo desejo. Estou implorando por isso, implorando por seu abuso, implorando pelo que sei que é ao mesmo

tempo o veneno e o antídoto.

Navur bate em mim sem piedade, e eu volto a cada greve de punição avidamente, até que estamos ambos no clímax como um, corpos violentamente torcidos juntos.

Caímos na cama, meu corpo completamente drenado em todas as capacidades. Navur me desamarra e curva seu grande corpo em volta de mim, pegando meus membros flácidos contra sua estrutura sólida. Ele arrasta beijos suaves ao longo do meu pescoço, massageando minha bunda machucada suavemente.

Este é o meu K: áspero e exigente em um momento, terno e gentil no próximo. Ele é uma má ideia, um risco perigoso, tudo que eu deveria saber melhor do que é. Mas não posso evitar. Sua força é muito forte, a atração entre nós é magnética em toda a sua toxicidade.

Eu nunca posso tê-lo, não de verdade.

Mas também sei que depois que ele se for, nunca mais poderei ter mais ninguém.

Ele me torceu do avesso e me transformou em uma mulher perversa e quebrada que eu nem reconheço.

Capítulo 23

Inevitavelmente, acordo na manhã seguinte com a pior ressaca da minha vida - não que eu não mereça isso.

Eu limpo a mão sobre meus olhos turvos e tento me sentar, imediatamente gritando com uma dor nas minhas nádegas e desmoronando novamente. De repente, o fim da noite corre de volta para mim.

Bata em mim. Bata em mim. Bata em mim.

Porra. Não acredito que o deixei fazer isso. Não acredito que pedi. Minhas mãos instintivamente pegam meu telefone, mas eu me paro. Não posso ligar para Ari com meu telefone moderno comum, mesmo que haja uma chance de ela atender.

Perdendo a confiança dos amigos, cerro os dentes e rolo meu corpo dolorido da cama, e vou direto para o banheiro. Pressionando o interruptor, dou as costas para o espelho e espio por cima do ombro. Foda-se . Há uma marca de mão distintamente vermelha em chamas na minha bochecha esquerda. Giro para o outro lado e vejo um conjunto correspondente, embora o segundo seja um pouco mais rosado. Não resisto a tocar as pontas dos dedos nas marcas, traçando as constelações tecidas por pequenos vasos sanguíneos estourados. Definitivamente, isso vai ficar roxo.

Tomo um banho rápido, saboreando a maneira como o vapor quente acalma meus músculos doloridos. Envolto em um robe de hotel fofo, eu saio a caça de Navur.

"Bom dia, bela adormecida"– ele cumprimenta no seu tom baixo. Eu olho para a luz do dia entrando pelas janelas. Eu realmente dormi até tarde?

O K está sentado no pequeno recanto do café da manhã, com uma xícara de chá e um croissant meio comido na frente dele. Vou me juntar a ele, depois estremeço levemente com a picada quando começo a dobrar meu corpo na posição sentada e me endireito rapidamente.

"Hum"– eu começo, corando já, puxando o nó no meu roupão

nervosamente. – "Posso te pedir um favor?"

"Pergunte"– Navur diz, deixando de lado o tablet K fino que ele estava olhando e olhando para mim com expectativa, fazendo meu rubor se aprofundar.

"Você tem uma daquelas coisas engraçadas de K?"– Pergunto, deixando escapar meu pedido. – "Eu tenho algumas, hum ... áreas que poderiam usar alguma cura."

“Você está machucada, pequenina?”– Navur pergunta, se levantando e diminuindo a distância entre nós.

"Só um pouco, não é ..."– Paro quando vejo seus olhos e, em vez de preocupação, vejo um sorriso satisfeito. Talvez até uma pitada de excitação naqueles olhos afiados. Ele está orgulhoso do que fez comigo? Isso o excita ao saber que ele me marcou dessa maneira?

Afasto-me do K, o calor envergonhado em minhas bochechas se tornando algo mais rancoroso.

"Eu sei que você pode me curar"– eu estalo, dando outro passo para trás enquanto ele tenta se aproximar, evitando a mão que está me alcançando.– "Então, por favor, faça isso?"

Eu recuo novamente e bato na parede primeiro, me fazendo ofegar. Em um instante, Navur está na minha frente, me prendendo contra a parede, seu corpo largo se elevando sobre mim.

“Eu poderia, mas quero que você se lembre de mim toda vez que sentar hoje. Quero que você se molhe toda vez que se mover e sentir a dor da minha possessão. Eu quero que você vista o que eu fiz com você em todos os lugares que você vá. Eu tremo enquanto seus dedos passam por cima do meu ombro, curvo pelos meus lados e grito quando ele agarra minha bunda machucada com força. Quero que saiba quem é o seu dono, Noelle.”

Eu me forço a segurar o olhar dele, mesmo quando pisco as lágrimas involuntárias, enquanto minha calcinha se enche de desejo pelo seu domínio áspero. Como é que eu posso temer esse homem perigoso com tanta força, e ainda assim desejá-lo o suficiente para arriscar qualquer coisa por um único

toque?

Eu não entendo seus jogos distorcidos. Tudo o que sei é que, até agora, ele está ganhando.

Capítulo 24

Depois de uma semana ininterrupta de gozadas e carícias pesadas, finalmente tenho alguns dias para relaxar e recuperar o fôlego em Buffalo Creek. Não que eu não aprecie todas as refeições gourmet e coberturas de cinco estrelas, mas é bom ter um momento para ser a velha Noelle novamente, para lembrar quem eu sou sob todo esse drama K e o que exatamente eu estou fazendo .

Claro, leva apenas algumas horas para que as incessantes discussões de mamãe e papai sobre o K na cidade me expulsem de casa. Aparentemente, enquanto Navur manteve seu acordo para não ser visto comigo pela cidade, ele não tem mantido exatamente um perfil baixo. Ele já foi visto no café várias vezes, na maioria dos hotéis mais agradáveis da cidade (todos os dois) e na loja de antiguidades da escola primária. Suspeito que essa última seja uma invenção da imaginação de uma cidade excitada. Afinal, não consigo imaginar Navur com uma lâmpada vintage delicada nos braços volumosos.

Fugindo dessa conversa pegajosa, em vez disso, alcanço Jo , que já de alguma forma já dobrou em redondeza , durante um café da manhã no estilo Gavin de panquecas com pepitas de chocolate e pepitas de couve-flor em forma de dinossauro. Mentir para ela é mais difícil do que mentir para meus pais. Geralmente, minha irmã gêmea é a pessoa com quem eu confio sobre as coisas que não posso contar, e manter um segredo dela é um território desconhecido. Não parece certo, e eu estou quase aliviada quando ela precisa fugir para a ioga pré-natal.

Ando pela cidade um pouco, sem saber o que fazer comigo no meu primeiro dia de folga do meu novo emprego. É claro que, se meu novo trabalho real é escrever para Montrose ou me prostituir para Navur, nem eu sei. Meus pés me levam de volta à biblioteca no piloto automático. Hesito nas portas por um momento, sentindo que estou perseguindo uma sombra de mim mesma, mas empurro minhas apreensões de lado e entro. O ar condicionado frio demais e o

cheiro de papel são como um abraço de um velho amigo. Mesmo se eu passasse apenas alguns meses trabalhando aqui, frequentava a biblioteca pública com frequência quando criança, pedalando aqui com Jo nos dias quentes de verão, quando nossos pais estavam trabalhando, eu debruçada sobre revistas brilhantes enquanto ela relia Harry Potter pela milionésima vez . Mais uma vez, sou atingida pelo sentimento estranho que parece estar me acompanhando em todos os lugares hoje, contaminando tudo o que antes era tão facilmente meu. Eu me sinto como um atriz fazendo um papel, o papel da Noelle que eu era antes de toda essa merda acontecer. Antes de Navur acontecer.

"Noelle!" – Sabine pula de seu assento na recepção, possivelmente produzindo o som mais alto já ouvido neste edifício. Felizmente, não há ninguém além de mim por perto para ouvir sua voz irritada ecoar pelas pilhas.

"Ei, Sabine"– respondo em um volume mais apropriado, atravessando o saguão e estendendo a mão para um meio abraço desajeitado sobre a mesa de check-out. – “Eu não sabia que você estaria aqui. Você normalmente não trabalha às terças-feiras.”

“Eu tive que pegar alguns turnos extras, depois, você sabe”– a jovem encolhe os ombros com o meu abandono, e rapidamente acrescenta:– “Tudo bem. Acho que posso economizar o suficiente neste verão para viajar para a Califórnia, afinal.”

"Isso é incrível", eu digo genuinamente, sorrindo para a garota. – "Você iria se divertir muito no oeste."

“Eu sei”– diz Sabine, jogando a cabeça para trás para olhar o teto por um momento, mas sei que ela está realmente visualizando sua vida real, fora de Buffalo Creek, fora de West Virginia. Eu costumava fazer a mesma coisa o tempo todo, antes de me mudar para Nova York.

"Você está trabalhando o dia todo?"– Pergunto por um capricho. No nível subconsciente, ainda devo estar desejando companhia feminina. Não posso alcançar Ari e não posso falar com Jo. Mas Sabine? Ela não está perto o suficiente para ser cruelmente sincera sobre seu julgamento de minhas decisões

questionáveis, mas está perto o suficiente para ouvi-las. –"Estou na cidade por um dia ou dois, mas eu adoraria recuperar o atraso."

Sabine sorri. –“Oh meu Deus, é claro! Minha pausa para o almoço começa em trinta minutos. Quer ir à lanchonete, como nos velhos tempos?”

"Perfeito."

Ando pela biblioteca por um tempo, perdendo tempo enquanto espero o intervalo de Sabine começar. Por hábito, arrumo algumas prateleiras bagunçadas e depois vou para o meu antigo local favorito, a prateleira de revistas. Trilho meus dedos sobre capas brilhantes. Há uma celebridade familiar sorrindo brilhantemente em todas as capas deste mês, com grandes frases de efeito gritando sobre seu caso recentemente exposto com um K.

O menino mau estrangeiro quente de Ashley! Ela está colocando em risco seus fãs?

Acessório quente deste verão: Um K no seu braço ... e na sua cama!

10 maneiras de fazer este verão sexo-traterrestre!

Todas essas revistas são brilhantes e intocadas. Para minha sorte. K flings estão subitamente, e eu estou tendo o meu em um dos últimos lugares no país que não dá a mínima. Em Nova York ou Los Angeles, eu seria a cadela mais legal da cidade. Em vez disso, a questão mais desgastada no rack é um tabloide inútil, com uma imagem de um K no Photoshop saindo da capa, olhos brilhando diabolicamente vermelhos.

Krinar Savage Attacks Connecticut Family. Os sobreviventes dizem tudo!

Pego a revista na prateleira e enfio clandestinamente na lixeira mais próxima. Eu não sei por que eles estocam essa merda, de qualquer maneira.

"Pronto?"

Sabine aparece atrás de mim, me fazendo pular um pouco. Ela sorri amplamente para mim e ajusta a alça da bolsa, não parecendo ter notado minha destruição de propriedade.

"Pronto!"

Capítulo 25

Pegamos nosso velho almoço habitual de vegetarianos na delicatessen da rua e sentamos nos degraus da biblioteca. Sabine desliza o picles para fora de sua caixa e coloca na minha, e eu entrego minhas batatas fritas. Conversamos amigavelmente por um tempo, bebendo limonada e pingando mostarda em cortes manchados. Dou a Sabine a versão editada do meu novo e sofisticado trabalho, e ela me conta todas as fofocas mais recentes da biblioteca. Uma nuvem acabou de deslizar na frente do sol do meio-dia, proporcionando um momento bem-vindo de reprise, quando Sabine limpa a garganta de forma significativa.

"Noelle, posso te perguntar uma coisa?"

"Atire" – digo com facilidade, esperando uma pergunta de softball sobre caça de apartamento pela primeira vez ou fazer amigos em uma nova cidade.

"É você?"

É uma pergunta vaga o suficiente, mas faz meu coração parar, a mordida semi-mastigada de pão e vegetais se transformando em pedra na minha boca. Sou eu ?

Eu me forço a engolir e tento disfarçar uma atitude indiferente que certamente não estou sentindo. – "O que você quer dizer?"

"A garota de quem todos estão falando, com o K"– esclarece Sabine, me observando de perto. –“Não pretendo bisbilhotar, mas percebi que ele sempre está na cidade quando você está na cidade, e ninguém parece vê-lo por perto quando você está fora. E você é de Nova York e tem um amigo que, você sabe, então ...”

Ela para com a testa franzida, tentando avaliar minha reação. Estou fazendo o possível para manter meu rosto completamente inexpressivo, como se meu coração não estivesse ameaçando bater no meu peito.

Esta é minha chance, minha chance de contar a ela. Para ficar limpa com alguém, tirar toda essa merda do meu peito. Para finalmente dizer em voz alta todas as coisas que vêm invadindo minha mente. Eu queria dizer a ela, eu me

lembro. Mas quando encontro seus olhos arregalados e brilhantes, sei que não posso fazer isso. Ela é tão jovem, com seu próprio drama de cidade pequena e com um futuro aberto pela frente. Minha vida, meu futuro é fodido, sombrio e impossível. Não posso arrastá-la para a minha merda. Ela não merece minha bagunça. É demais para seus pequenos ombros.

"Claro que não"– eu digo com um escárnio, esperando parecer mais convincente do que sinto.– "Deus, isso seria loucura. Apenas uma coincidência estranha, só isso."

Ela me olha um pouco mais, depois assente em aceitação e toma outro gole de limonada.

"Sim, duhhhh. Foi idiotice da minha parte perguntar, apenas esqueça."

Eu aceno ao seu pedido de desculpas, me perguntando quanto meu nariz terá crescido até o final do dia.

Capítulo 26

Rapidamente me acostumei com meu novo estilo de vida. Quero dizer, não é tão difícil se acostumar a ser mimada o dia todo, e depois ficar acordada a noite toda. Ok, ainda estou tendo problemas com o último. Mas os orgasmos gritantes são um argumento difícil de superar.

Quando finalmente conheço minha chamada carona ou morte, estou no meio do pagamento de minha dívida. É uma dívida se você realmente nunca a pediu?

"Puta merda, olha quem finalmente decidiu atender"–, digo no tablet K fino, incapaz de manter o sorriso enorme fora do meu rosto.

"Noelle!"– Ari praticamente grita, a imagem projetada de seu rosto brilhando de prazer. – “Oh meu Deus, me desculpe, está louco aqui fora. Lenkarda era uma calçada em comparação com Krina. Ah, e eu conheci os pais de Verit outro dia, e isso aconteceu. Mas podemos conversar sobre minha felicidade doméstica mais tarde, você é quem me manda uma mensagem de texto para o 911 há semanas.”

Olho para a porta do quarto trancada com segurança, como se meus pais estivessem acampados, escutando meus telefonemas como se eu fosse uma adolescente rebelde.

"Lembra do K que fiquei há alguns meses atrás?" – Eu pergunto, a voz baixa. Os olhos de Ari se arregalam e ela assente enfaticamente, mas morde qualquer resposta imediata.– "Bem…"

Tento resumir sucintamente a insanidade das últimas semanas da minha vida, o que se mostra impossível. Ari interrompe a cada duas frases com perguntas, pequenos gritos escandalizados nas partes sujas e olhos dramáticos a qualquer protesto da minha parte.

"Já era hora de você ter um pau excêntrico" – diz Ari, sorrindo de orelha a orelha. – “E de um K, não menos. Quem daria uma surra, a senhorita mais santa do que tu Noelle, finalmente perdendo a bunda de uma grande maneira.” –

Minha amiga ri de sua piada, depois suspira quando percebe o que acabou de dizer, batendo as mãos nas bochechas quase comicamente. –"Espere, Noelle, vocês..."

"Não!" – Eu praticamente grito, então olho para a porta novamente. Meu rosto já ficou insuportavelmente quente. – "Nossa, Ari, eu posso estar um pouco mais desonesta nos dias de hoje, mas não estou tão longe assim."

Ari arqueia uma sobrancelha, sorrindo timidamente.– “Ei, não negue até tentar. No outro dia, V e eu ...”

"Pare!" – Parei minha amiga pela segunda vez, quase jogando o tablet do outro lado da sala.– “Eu preciso de uma taça de vinho ou dez antes dessa história. Mas me dê a versão completa do que vocês estão fazendo. Como são os pais dele? Eles são super velhos? A mãe dele odeia você?”

Ela fala sobre sua nova vida em Krina, e eu aceno com um sorriso. Eu gostaria de poder estar genuinamente 100% feliz, como um bom amigo deveria ser, mas estou impressionada com a mesma pontada agridoce que sinto quando vejo Jo e Brett, mas esse é um pouco mais profundo, porque é tão inesperado. Acho que nenhum de nós jamais imaginou que seria assim, com a autoproclamada garota Ari sendo a primeira a se estabelecer, essencialmente casada com seu querido, enquanto eu, a monogamista em série com um casamento secreto. conselho de visão e um plano de cinco anos adiado para sempre, ainda sou a mais solteira possível. Bem, ficar preso em um pacto sexual com um alienígena me deixa mais ou menos solteira? Onde está o teste Como saber se tem uma relação seria ?

"Hey Ari?"– Eu pergunto, impressionada com uma ideia repentina. –"Posso fazer você me fazer um favor?"

"Claro, o que houve?"

Enquanto eu mostro meu plano de última hora, os olhos de Ari se estreitam quase imperceptivelmente, e seu sorriso cai nos cantos.

"Noelle ..." – Ela diz quando eu termino, suspirando meu nome como se eu fosse uma criança pequena que simplesmente não entende.

"O quê?"– Eu pergunto, instintivamente irritada. –"Apenas diga."

"Você tem certeza de que não está sendo desapegada demais?" – Minha melhor amiga pergunta, em uma voz gentil, que eu me ressinto mais do que se ela apenas fosse má com isso. – "Quero dizer, você nunca esteve em um relacionamento casual como esse antes, talvez você realmente não..."

"Eu sei o que estou fazendo"– eu respondo. –"Além disso, isso é muito, vindo da garota que literalmente se comprometeu eternamente com seu pedaço de mau caminho."

Ari franze os lábios, mas não discute. Ficamos sentadas em silêncio por um momento e respiro fundo, acalmando meus nervos irritáveis. Não sei quando terei a chance de falar com Ari novamente, então não posso estragar tudo. Além disso, ela tem razão. Ela certamente está mais familiarizada com essas águas turbulentas do que eu. Mas ela não sabe tudo, provavelmente está apenas projetando sua própria situação em mim. Só porque seus jogos com o Krinar terminaram felizes para sempre não significa que os meus irão. Não que eu queira que eles façam.

"Sinto muito"– eu digo baixinho. –“ Você está certa, estou um pouco fora da minha profundidade aqui. Mas eu juro, não é disso que se trata. Eu só quero fazer algo legal, tornar meu tempo restante um pouco mais agradável. Depois que nossos trinta dias terminam, é isso, eu terminei. Você sabe melhor do que ninguém que não sou eu. Este é apenas um pontinho, algo que eu fiquei presa. Depois disso, volto aos caras chatos que você odeia, prometo. ”

"Se você diz"– diz Ari, hesitante. –"Apenas tenha cuidado, Noelle."

"Claro"– eu digo, colando um sorriso confiante.– "Agora, você pode me ajudar ou não?"

Ari combina com o meu sorriso. –"Vou perguntar a Verit, ver o que podemos fazer."

Agradeço a ela, então ela tem que ir. Coloquei o tablet fino de lado e caí de volta na minha cama, a lembrança do aviso severo da minha melhor amiga rastejando lentamente sobre mim, sombreando a alegria de finalmente ver seu

rosto novamente. E se ela estiver certa? E se eu estiver me deixando cair um pouco profundo demais no abismo que sei que não contém nada além de problemas?

Suspiro alto e sento-me novamente. Eu quis dizer tudo o que eu disse a ela. Isto é bom. Estou bem. Tudo vai ficar bem.

Certo

Ari e Verit avançam. Na próxima vez em que estivermos em Manhattan, eu timidamente inventei uma desculpa para escapar e “fazer algumas coisas”. É preciso um pouco de insistência para que Navur me deixe sair sem ele, mas finalmente ele admite, desde que enquanto eu pego o carro e o motorista dele.

Nossa primeira parada é em uma casa no Upper East Side. Do lado de fora, o prédio de tijolos parece exatamente o mesmo que a fileira de casas que se estende pelo quarteirão. Mas quando a porta se abre e o K alto me deixa entrar, o interior é decorado exclusivamente com carros alegóricos bege e cromados K e tecnologia. Minha boca se abre um pouco, mas tento manter a compostura. Navur parece não ter um endereço permanente neste planeta, sempre ficamos em hotéis sofisticados, mas distintamente humanos. A justaposição de uma casa tão estranha, escondida à vista de todos, é um pouco incompreensível.

"Aqui"– diz a linda mulher K, ressurgindo para a sala de estar com uma pequena caixa metálica, que ela me entrega.– "Você tem sorte de eu ainda ter alguns em mãos, eu os guardei para um dia chuvoso."

"Oh, eu odeio incomodá-la"– eu digo rapidamente, tentando devolver a caixa. –"Você não precisa ..."

"Não, não"– ela insiste, lábios vermelhos afiados se curvando em um sorriso conspiratório. –“Verit disse que você estava fazendo um favor para o seu amor. Eu acho fofo.”

"Oh, ele não é ..."– Começo, as bochechas rosadas, depois decido que provavelmente não é necessário mergulhar no âmago da questão com esse tipo de estranho.– "Obrigado eu realmente aprecio isso."

Agora, eu tenho o motorista (talvez eu deva aprender o nome dele agora, considerando todo o tempo que passamos juntos ultimamente, mas ele parece bastante desinteressado na minha pessoa) me levar pela cidade, até o Max's. Eu provavelmente deveria ter ligado antes para garantir que seu Baba estivesse livre e disposto a ajudar, mas agora é tarde demais. Eu já entro. Max hesita no começo em me deixar prender o Baba dele na minha bobagem - o motorista pesado pairando sobre o meu ombro provavelmente não ajuda - mas quando esse motorista desliza algumas notas de cem dólares no balcão, Max cove. .

No andar de cima, após a quantidade necessária de conversa fiada durante o chá, expus minhas intenções a Baba. Tiro a caixinha da minha bolsa e a abro com cautela. Eu já tinha medo de espiar antes, mas os pequenos cogumelos marrons lá dentro não parecem mais ameaçadores do que os cogumelos shitake que você encontraria em Kroger. Além das veias douradas brilhantes e quase brilhantes que cruzam as tampas secas e retorcidas.

“São essas drogas ?” – Baba sussurra, seu sotaque suave se acentuando na última palavra.

"Não!" – Eu digo rapidamente, embora, para ser sincera, não tenho exatamente certeza.– “São apenas cogumelos comuns, como o que você costuma usar, mas de Krina. O planeta de onde os Ks são.”

"Hmm"– a velha levanta cuidadosamente a caixa no rosto e cheira. Aparentemente satisfeita, ela se levanta. –"Muito bem. Só porque você é amiga de Max.”

Eu sorrio amplamente, mais emocionada do que eu esperava. Sigo Baba até sua pequena cozinha, observo enquanto ela ferve a água e começa a encharcar os cogumelos.

"Eu posso ajudar, se você quiser"– ofereço, mudando desajeitadamente de pé na porta.

"Você só vai atrapalhar"– diz Baba abruptamente, levantando um saco gigante de arroz de um armário.

Então, eu espero na sala de estar mofada, brincando no meu telefone e

saboreando grandes cheiros agradáveis que saem da cozinha. Finalmente, cerca de uma hora depois, Baba ressurge e me entrega uma fina bandeja de plástico. Entendo, maravilhado com o quão enganosamente mundano os rolos parecem em sua caixa de plástico barata. Se um estranho tirasse isso da geladeira no andar de baixo, provavelmente nunca perceberia que os pequenos pedaços marrons embrulhados em arroz não são deste planeta.

"Muito obrigada"– digo a Baba, sorrindo. Pego minha bolsa sem jeito. –"Hum, eu posso pagar você..."

"Não tem problema"– diz a velha, acenando com as mãos para mim. –"Favor para a amiga de Max."

"Obrigada" – digo novamente, pensando no maço de dinheiro que Max levou para esse chamado favor. –"Eu realmente gostei disso."

Encontrei Navur de volta ao hotel, estudando algo em seu tablet, como normalmente parece estar quando não estou por perto. Ele se levanta para me encontrar quando entro na suíte, me dando um beijo rápido nos lábios e olhando a bandeja de sushi na minha mão.

"Tudo isso para o sushi de Max?" – Ele pergunta, enquanto eu o conduzo de volta ao pequeno recanto de jantar. –“Por que todo mistério e segredos? Eu teria ido com você.”

"Apenas tente"– eu digo, saltando um pouco vertiginosamente enquanto tiro a tampa da bandeja e deslizo o par de pauzinhos baratos sobre a mesa.

Navur levanta as sobrancelhas para mim, mas obedece, quebrando os pauzinhos e delicadamente dando uma rolada, colocando tudo na boca com facilidade. Demora um segundo, mas de repente seus olhos se arregalam e sua mastigação diminui.

"Você conseguiu"– diz ele, finalmente engolindo em seco e ansioso por um segundo. –" Como?"

"Eu tenho os meus contatos"– eu provoco, agitando meus cílios timidamente. – "Posso experimentar um?"

"É claro"– diz Navur, e eu abro minha boca, deixando-o estourar um rolo na

minha língua. Ele estava certo. O sabor do cogumelo Krinar é acentuado, mas doce, quase como gengibre, mas com uma borda única distinta, não muito parecida com qualquer coisa que já tive antes.

"Isso é incrível"– eu digo com a boca cheia, saboreando a mordida pelo maior tempo possível.

"Sim, é"– o K diz, segurando meus olhos até eu corar e baixar o meu olhar.

Naquela noite, Navur se abstém de sua aspereza habitual, lambendo suavemente minhas dobras até meus olhos revirarem e minhas pernas se tornarem gelatinosas. Ele me fode lentamente, puxando o prazer sem parar, os orgasmos me lavando como chuva constante. Mesmo quando ele está me dando o que acha que eu quero, é novo, desconhecido e inesquecível. Rápido ou lento, áspero ou gentil, meu K é fiel à sua palavra. Ele pode me fazer como ninguém jamais fez antes, e ninguém jamais fará novamente. Minhas unhas se enrolam em suas costas, e eu mordo seu ombro, abafando um grito alto enquanto nos juntamos, corpos derretendo em um.

Depois de nos limparmos, Navur me puxa para seus braços e eu me enrolo rapidamente em seu corpo. Eu nunca durmo melhor do que quando estou segura em sua cama. Hoje à noite, tudo parece diferente. Hoje não era uma luta, não era uma luta pelo poder, não era uma transação. Hoje, algo macio e quente foi cimentado entre nós, algo que eu sei que deveria estar lutando, em vez de provocar. Ari estava certa, eu percebo, me permitindo aceitar o que eu sempre soube. Eu não aguento isso. Não estou preparada para uma aventura casual, não tenho o que é preciso para ser um brinquedo de K. Eu quero muito e desesperadamente. Ainda assim, sabendo muito bem que não posso ter isso, não posso deixar de fazer o meu melhor para cavar meu buraco mais fundo.

"Por que você nunca me mordeu?"– Eu pergunto, quase num sussurro. Sinto Navur inspirar profundamente, sentir seu corpo tenso ao meu lado. –"Você não quer provar meu sangue?"

“Você não entende, pequena?”– Navur responde finalmente, com uma voz quase tão quieta quanto a minha, mas ainda profunda o suficiente para ronronar

pelo meu corpo. –“Eu já sou viciado em seu corpo. Uma amostra do seu doce sangue, e nunca poderei deixar você ir. O pensamento é insuportável o suficiente. Não me tente, Noelle.”

Ele me trava mais forte em seus braços, puxando meu corpo nu contra o dele. Respiro superficialmente, os nervos totalmente despertados, mesmo quando meu cérebro cansado oscila à beira do sono, e tento me lembrar de todas as razões pelas quais deixá-lo me manter seria uma péssima ideia.

Capítulo 27

Não consigo parar de me enganar. É como se eu estivesse implorando por merda para continuar batendo no ventilador.

O dia seguinte começa de maneira agradável, com uma divertida brincadeira na cama , que acaba conosco no chão e depois tomamos banho. Saímos para um brunch tardio e depois passamos a tarde no MoMA, lendo uma nova exposição de esculturas de vidro abstratas que deveriam representar os avanços na cultura humana desde o K-Day. Para ser franco, eu realmente não entendi, mas Navur parece achar tudo muito fascinante.

Depois, vamos jantar no Beso, um velho favorito meu que me emociona ao ser designado novamente. O primeiro prato dá certo, com os dois dividindo um prato de bruschetta e flertando sobre vinho caro, e então tudo se desfaz de maneira esplêndida.

"Noelle?" – Uma voz familiar pergunta atrás de mim, acompanhada por uma mão muito confortável no meu ombro. Leva um segundo para colocar a voz, que eu sei que deveria reconhecer, mas é tão inesperado neste momento e cenário em particular que é só quando me viro para encarar o intruso que o calafrio de reconhecimento passa por mim.

"Robbie" – eu digo, não exatamente como uma saudação, não como um aviso. Sorrio educadamente para o meu ex-namorado e seu encontro, uma mulher bonita com um elegante esmalte de ébano e pele perfeitamente bronzeada. Ela sorri de volta, parecendo tão desconfortável quanto eu.

"Então você é uma vadia k agora" – diz Robbie, cortando a perseguição brutal. Eu posso sentir o cheiro do bourbon em sua respiração agora, a única explicação para alguém ser tão descaradamente antagônico a um K em tal cenário. Navur se endireita na cadeira, e o pobre encontro de Robbie puxa seu cotovelo, arregalando os olhos. Quando Robbie não se mexe, ela foge do restaurante e não posso culpá-la. Eu gostaria de poder seguir o exemplo.

"Navur, este é meu ex, Robbie"– eu digo, como se estivesse tudo bem,

tentando encarar os dois homens.

"Eu sei quem é"– diz Navur friamente, parecendo que ele pode saltar sobre a mesa a qualquer momento. Eu posso sentir a tensão no ar, sentir os olhos inquietos em nossa mesa. Sim, as pessoas estão acostumadas a jantar entre os Ks em lugares como este, mas, ao primeiro sinal de problema, o glamour de tudo desaparece rapidamente.

"É por isso que você não atende mais minhas ligações?"– Robbie murmura, os olhos se estreitando para mim, quase como se ele não pudesse ver o K infeliz em gatilho que ele está loucamente provocando. – “Muito ocupada abrindo suas pernas para esse monstro, viciado no sangue ? Eu pensei que você era melhor que isso, Noelle.”

"Eu estou"– eu assobio, colocando uma mão desesperada no braço tenso de Navur. –“Isso é apenas negócios, Robbie. Não que você tenha o direito de perguntar. E não atendo suas ligações porque terminamos e não quero mais falar com você. Agora, pare de ser um idiota bêbado e nos deixe em paz.”

"Você sempre agiu como se fosse muito melhor do que eu, mas agora você é apenas uma prostituta moderna"– diz Robbie, olhando-me sem graça. Meu rosto queima vermelho, adrenalina bombeando através de mim tão rápido que mal consigo respirar.– "Acho que eu deveria me sentir com sorte por ter me esquivado dessa bala, hein?"

"Vá embora enquanto ainda pode"– rosna Navur. Agora ele está de pé, com as juntas brancas enquanto seguram a mesa para se controlar. Eu não consigo respirar.– "Você tem sorte de não ter vontade de causar mais cenas hoje à noite, seu bêbado patético."

Robbie contempla o grande K por um momento, como se ele estivesse estranhamente percebendo que seu oponente poderia quebrá-lo ao meio sem suar a camisa. –"Tanto faz. Ela não vale a pena. Apenas lembre-se, toda vez que você a beija, você está beijando minha ...”

Rachadura .

Antes que eu possa registrar o movimento, Navur pulou sobre a mesa e

Robbie está de bruços no chão. Todo mundo está gritando. Estou gritando? Sim, um grito estridente está derramando pelos meus lábios, e eu estou tropeçando nos meus próprios pés enquanto tropeço para fora da cadeira, longe dos dois homens. Robbie está morto? Eu posso ver um pouco de sangue escorrendo de sua boca e seu braço esquerdo está torcido em um ângulo não natural. Mas não, ele ainda está respirando, um gemido ofegante de dor vazando dele, seus olhos embaçados de bebida disparando loucamente.

As pessoas do restaurante estão de pé, recuando em direção às saídas, mas Navur levanta a mão, instantaneamente fazendo todo mundo congelar.

"Não há necessidade de fugir, vamos deixar você para suas deliciosas refeições"– Navur explode para o salão.– “Peço desculpas pelos fogos de artifício, mas acho que todos podemos concordar que fui provocado. Alguém deve pedir assistência médica, não que esse imbecil mereça. Ah, só mais uma coisa antes de partirmos.”

Navur se aproxima de Robbie e pressiona a ponta do sapato no braço torcido do homem caído. Robbie lamenta baixinho, e eu instintivamente recuo e tento me afastar.

"Desculpa"– exige Navur, estendendo a mão e agarrando meu braço, me puxando grosseiramente para ele.– "Desculpe-se com a senhorita Keene pelas coisas horríveis que você disse a ela."

Robbie apenas geme, e Navur passa mais peso para o pé que está no braço ferido. Ao mesmo tempo, ele me aperta mais forte, como se estivesse me punindo ao mesmo tempo em que está exigindo retribuição pelos insultos lançados contra mim.

"Sinto muito"– diz Robbie, finalmente, através das lágrimas. – "Sinto muito, Noel."

"Não a chame assim"– diz Navur, mas levanta o pé. –"De fato, nunca tente falar com ela novamente."

Navur pede desculpas educadamente à sala de jantar mais uma vez e depois me puxa para fora do restaurante.

Capítulo 28

E não vamos para casa. Quando o carro de Navur para, ele acena para o motorista, arrastando-me pela rua. Eu posso sentir as pessoas nos observando, olhos preocupados em cena, mas todos passam por nós o mais rápido possível. Penso em Nova York clássica, com maldade, olhando furiosamente para quem se atreve a encontrar meus olhos quando eles não conseguem me ajudar.

No final do quarteirão, Navur vira a esquina e me puxa para o beco escuro atrás do restaurante. Fora da vista da rua, Navur me empurra contra a parede de tijolos. Eu estremeço quando o bato, meu braço já está machucado pelo aperto mortal do K. Percebo que é isso que me sinto estranhamente pacífica, apenas porque sei que emoções mais fortes não me ajudam. É assim que eu morro, assassinada pelo meu amante K, o homem violento pelo qual fui estúpida o suficiente para pensar que estava começando a me apaixonar, por nenhuma razão melhor do que meu ex bêbado me chamando de prostituta. Que porra é essa? Eu não mereço isso.

"Porque você disse isso?"

"O quê?" – Eu pergunto, ainda me preparando para algum tipo de golpe mortal. Reviro as poucas coisas que disse durante a conversa desastrosa. –"Eu não disse nada de errado."

"Por que você disse a ele que você era melhor do que isso?" – Navur rosna, me levantando facilmente na parede, forçando-me a envolver minhas pernas em volta de sua cintura para me equilibrar.– "Por que você foi tão rápida em insistir que é boa demais para abrir as pernas por um K?"

"O quê?" – Eu gaguejo, ainda totalmente atordoada com a violência no restaurante, aterrorizada pelo manuseio grosseiro do K, e agora totalmente confusa pelas mãos grandes rasgando os botões da minha blusa. –"O que você está fazendo? Navur...? ”

"Por que você disse isso?"– Ele insiste, sua mão se fechando em volta da

minha garganta, impedindo-me de me afastar dele.

O movimento só me deixa em pânico ainda mais, a resposta de luta ou fuga do meu corpo chutando por vontade própria, minhas mãos agarrando meu atormentador.

"Robbie conhece meus pais"– tento explicar, olhos arregalados e selvagens. –"Eu não queria que ele entendesse errado e tentasse contar a eles sobre nós".

O aperto em volta da minha garganta aumenta, e eu suspiro.

“A ideia errada?” – Navur repete, sua voz perigosamente baixa e rouca. –"Você quer dizer que estamos juntos?"

"Sim!" – Eu exclamo, o coração batendo tão rápido que eu tenho certeza que vai explodir. Eu vou morrer hoje à noite, afinal.– “Porque não somos, na verdade, você não sabe disso. Nosso tempo está quase acabando, e então terminamos, para sempre. Você prometeu, Navur!”

Seu aperto na minha garganta afrouxa, e suas mãos voltam para a minha roupa, empurrando minha saia até minha cintura e rasgando minha calcinha de lado. Meu sangue ainda está bombeando rápido, a respiração toda amarrada agora, um emaranhado de terror com risco de vida e a reação quase pavloviana ao toque de Navur em minhas coxas.

"Nosso tempo ainda não acabou"– Navur assobia no meu ouvido, e seus dedos enfiam na minha boceta, sem prelúdio. Eu suspiro, arqueando as costas contra a parede de tijolos, as mãos agarrando seus ombros.– "O que é isso, Noelle?"

Não sei o que dizer, não sei o que sentir. É uma loucura que as mãos que apenas quebraram um homem em pedaços estejam agora dentro de mim, se curvando contra o meu ponto G de uma maneira que não posso lutar. Eu gemo, apesar da violência, apesar da possessividade grosseira. Talvez por causa disso.

"O que é isso?" – Navur agarra minha boceta com mais força, e de repente eu sei o que ele está perguntando.

"Seu" – eu suspiro, mordendo um gemido confuso. –"Tudo seu."

Sua outra mão alcança minha garganta novamente, cortando minha respiração facilmente, fazendo manchas pretas dançarem diante dos meus olhos, enquanto minhas paredes internas se apertam em torno de seus dedos.

"E você, Noelle?"

"Eu sou toda sua, Navur"– exalo, e então, inexplicavelmente, venho por cima de seus dedos. Eu venho com a mão fechada firmemente em volta da minha garganta, e os hematomas escuros de seu aperto ardendo em meu corpo, e a sirene da ambulância que chega abafando meus gritos.

Capítulo 29

O quatro de julho é sempre um grande evento em Buffalo Creek. Quando Jo e eu éramos crianças, era o melhor dia do verão, com picolés coloridos, cavalgando no caminhão de bombeiros e depois subindo e descendo a rua com estrelinhas à noite. A cada poucos anos, nossos pais nos levavam a Huntington, e competíamos para sentar nos ombros de papai para assistir aos desfiles, sempre terminando com uma grande queima de fogos no parque. Após o K-Day e a mina fechar, as pessoas ficaram ainda mais loucas com isso, em um grau desesperado. Quanto mais nos afastamos de um sentimento genuíno de liberdade e independência, mais as multidões fingem sentir isso.

No entanto, tento fingir o patriotismo da melhor maneira possível, dividindo picolés com o pequeno Gavin e tirando selfies com Jo em tons de estrela correspondentes. Quando minha família está distraída, meu sorriso desliza e eu procuro ansiosamente nas multidões na Broad Street em busca de Navur. Existe alguém menos livre do que eu neste dia da independência?

Depois de um hambúrguer de carne de veado, dois cachorros-quentes vegetarianos e quatro Bud Lights, estou me sentindo um pouco mais alegre. A festa na Broad Street chega a um oficial encerrado no meio da tarde, com as pessoas se separando e indo para casa para sua própria celebração. Quando crianças, era quando Jo e eu brigávamos com fogos de artifício até que um de nós tinha que correr para casa chorando e, na adolescência, atacávamos qualquer festa local que conseguisse pegar um barril. Hoje, no entanto, acabamos no velho playground entre a casa da minha irmã e a nossa. Brett e papai jogam uma bola de futebol, mamãe, Jo e eu sentamos em um banco do parque bebendo rosé (ou limonada rosa, no caso de Jo), e Gavin sobe no grande brinquedo. É um instantâneo de um tempo distante, quando o conceito de alienígenas na Terra era fascinantemente fictício.

Tomo um longo gole do meu rosé e sorrio enquanto Gavin ri por todo o caminho, deslizando imediatamente e subindo correndo as escadas, tropeçando

um pouco em sua pressa. Quando chegar ao fundo deste copo solo, estarei pronta para me juntar a ele na folia, jogando minhas inibições ao vento e tendo um momento maldito para fingir que minha vida não é um laço apertado.

"Gavin, vá devagar, bebê"– Jo chama, enquanto o menino sobe as escadas muito rápido novamente. Ele obedece, parando no topo para virar e acenar para nós alegremente.

O próximo momento acontece tão rápido que Jo está gritando antes mesmo de registrar o movimento. O chão do grande brinquedo, que está velho e enferrujado desde que eu e minha irmã gêmea éramos pequenas , fazendo Gavin cair no chão com um baque doentio.

Eu me levanto e congelo, pega em um pesadelo pela segunda vez nesta semana. Jo ainda está gritando, ajoelhada ao lado de seu filho, cuja perninha está jorrando sangue muito rápido. O metal quebrado deve tê-lo cortado quando ele caiu, eu percebo lentamente, paralisada quando Brett corre e se inclina ao lado deles, um braço estendendo a mão para confortar sua esposa, o outro indo direto para o filho ferido. Jo finalmente para de gritar, mas agora Gavin está chorando, um som quebrado muito alto para seu corpo minúsculo. Papai está no telefone, enquanto mamãe passa os braços em volta da minha irmã, e eu ainda estou de pé aqui como uma idiota.

Quando tenho certeza de que o momento não poderia ficar pior do que isso, uma nova figura entra em cena. Minha boca fica seca quando Navur corre para a minha família com uma velocidade não natural, curvando-se ao lado da criança caída em um movimento fluido. Não não não não não. Meu cérebro se divide ao meio, com o lado lógico em êxtase que Navur está aqui para salvar Gavin, e o lado realista, talvez egoísta, horrorizado com o que sei que está para acontecer. Meus dois mundos, as duas fatias da minha vida que nunca deveriam se encontrar, agora estão colidindo da pior maneira.

"Afaste-se do meu neto, seu monstro"– meu pai grita, o primeiro a reagir ao recém-chegado. Movido pela idiotice, pelo instinto paterno ou talvez por uma mistura de ambos, ele se atira contra Navur, que facilmente o empurra. Mamãe

grita quando papai cai na grama e Brett fica tenso, ansioso, mas Navur levanta a mão, novamente silenciando instantaneamente a pequena multidão.

"A artéria femoral da criança foi cortada" – diz Navur, de maneira simples mas severa. Ele tira um fino tubo prateado do bolso e o segura de forma demonstrativa.– “Eu posso curá-lo instantaneamente, se você me deixar. Caso contrário, Gavin sangrará até que a ambulância chegue. A escolha é sua."

"Cure ele!" – Jo grita antes mesmo de Navur terminar sua declaração, a voz vacilante com o mesmo peso de pânico e alívio que atualmente está engarrafado dentro de mim. – "Por favor, por favor, apenas cure-o."

"Joelle"– papai começa, levantando-se com um olhar sombrio.

"Papai, é meu bebê"– minha irmã soluça, segurando sua barriga inchada. –"Por favor, deixe ele curar meu bebê."

Papai se abaixa, as mãos nos punhos ao lado do corpo, enquanto Navur guia lentamente o tubo fino (uma sonda, eu acho), sobre o corte na perna de Gavin. Todos assistimos com admiração paralisados quando uma luz fraca se derrama sobre a ferida, e a carne se fecha novamente diante de nossos olhos. O dano é corrigido tão rápido quanto foi infligido, e Navur se levanta, parecendo insuportavelmente alto ao lado de meu pai, de repente muito velho.

"Ele perdeu muito sangue"– diz Navur, embolsando a sonda. –"Ele precisará de muito descanso e líquidos nos próximos dias, e você vai querer levá-lo ao pediatra para uma segunda opinião, mas ele viverá".

"Obrigada"– Jo respira, juntando o ainda choroso Gavin em seus braços. Brett coloca os braços em volta dos dois, com o rosto aliviado, mas sua postura protetora.– "Muito obrigado."

"O que você está fazendo aqui?" – Papai pergunta ao K, nem um pouco de gratidão em sua voz áspera. –“Como você sabia o nome dele? Você está nos observando? Porque você estava..."

Navur simplesmente se vira para mim, onde ainda estou congelada na periferia do grupo. Minha família segue o exemplo, até que todos estejam olhando para mim, percebendo lentamente o rosto deles. É tudo o que eu tinha

medo e muito mais. O choque, a mágoa, a vergonha, a decepção ...

Eu me viro para o lado e arremesso meu almoço inteiro na grama.

Capítulo 30

E não dormimos naquela noite.

Mamãe chora, papai grita, e eu resisto ao desejo de fugir para o sol nascente. No começo, fiquei feliz quando Navur me deixou sair com minha família, em vez de me levar de uma vez por todas, mas agora eu preferia estar trancada em seu abraço seguro do que presa neste barril de pólvora.

"Você está colocando em risco sua família inteira" –diz papai, rispidamente, possivelmente pela quarta vez em uma hora. Baby lamenta a violência em seu tom, encolhendo-se nervosamente na porta. –“Você pensou nisso por um momento? E a sua mãe? Sua irmã grávida? Pequeno Gavin? E se essa criatura tivesse atacado seu sobrinho?”

Não aponto que “aquela criatura” realmente salvou a vida do meu sobrinho. Eu tentei isso pela primeira vez, com menos que ótimos resultados.

"É algo que fizemos de errado?"– Mamãe soluça, assoando o nariz alto em um lenço de papel. Essa caixa estará vazia a qualquer segundo agora.– “Nós deixamos você ir para a escola em Nova York. Deveríamos ter nos esforçado mais para levá-la a Marshall com Jo. Ela se casou com Brett, ela está bem!”

Quero protestar que também estou bem, mas, neste momento, nem sei se isso é verdade ou não. Esfrego as têmporas, imaginando se seria rude eu me levantar e fazer um café. Eles provavelmente nem perceberiam que o alvo de seu desenlace está faltando. Não é como se eles tivessem reconhecido minha presença física durante essa conversa.

Meu telefone vibra silenciosamente no bolso de trás da minha calça jeans. Provavelmente Jo. Não é comum ela ficar acordada até tarde hoje em dia, mas certamente não tem sido um dia normal. Espero que toda a emoção não tenha perturbado muito o bebê. Se eu conseguir escapar desse inferno, tenho muito o que explicar com ela. Ela ficará realmente magoada por eu não ter contado a ela sobre isso, para não mencionar super julgamento sobre a coisa toda.

"É um problema de dependência?"– Papai está perguntando, inclinando-se sobre a mesa e agarrando minhas mãos muito a sério.– “Ouvi no noticiário que é assim que eles atraem mulheres jovens, com as propriedades viciantes de sua mordida. Não é sua culpa, querida. Podemos ajudá-la. Há uma instalação, em Miami ...”

"Eu não sou viciada"– eu respondo, talvez muito severamente considerando suas intenções preocupadas. E eu estou bem. Melhor que bem. Na verdade, eu estou ...

Esta é a parte complicada, a parte que fica presa na minha garganta. Não posso contar a verdade aos meus pais, obviamente. Essencialmente me prostituir na tentativa de manter a cidade segura provavelmente não é muito melhor do que o vício em mordidas. Não, se eu quiser uma chance de não ser a causa de morte dos meus pais, tenho que convencê-los de que é uma história de amor. E talvez, no dia em que comemos sushi de cogumelos Krinar, eu pudesse me convencer. Mas isso foi um acaso de contos de fadas, e depois da noite em que encontramos Robbie, fui firmemente rebatida de volta à realidade. Esta não é uma história de amor, este é o conto de advertência com que eles têm tanto medo. Não posso deixá-los saber que seus piores medos se tornaram realidade.

"Estou apaixonada"– eu consigo, minha voz falhando um pouco na última sílaba. Eu limpo minha garganta e tento novamente.– "Estou apaixonada por ele. Navur. Eu sei que não é o que você queria, mas não posso evitar como me sinto. Eu tentei lutar, eu juro. Mas, ele é tão gentil e generoso comigo, e você viu como ele ajudou Gavin ontem. Eu sei que não é típico por aqui, mas na verdade não é tão perigoso quanto você pensa que é. Sinto muito por não ter contado antes, mas sabia que você iria surtar. Mas prometo que estou segura e estou ... estou feliz com ele.”

Encontro-me piscando para conter as lágrimas no final da minha pequena explosão. Porra, eu quase acredito nas minhas mentiras. Só espero que faça o truque para meus pais.

"Você está apaixonada ?" Minha mãe repete, quase cuspindo a última

palavra. Com um K? Querida, talvez pareça assim, mas você é jovem, ainda nem sabe o que é o amor.”

"Mãe, estou chegando aos trinta" – respondo secamente, exausta em todos os sentidos. –"Eu não sou mais criança."

“Por que ele estava no parque? Ele estava te observando? ” – Papai pula, a gentileza anterior se foi. –“É assim que eles chamam de amor? Perseguindo jovens inocentes?”

"Ele apenas ... Ele apenas gosta de ter certeza de que estou segura."

Um calor desconhecido se apodera do meu coração. Talvez isso seja amor, para um homem como Navur. A possessividade, o controle, a superproteção. As coisas que me assustam, que aterrorizam meus pais, podem não ser tão ruins, até doces, quando vistas através dos olhos dele . Talvez Navur realmente queira saber que estou segura, fazer o que ele acha melhor para mim, fornecer tudo o que eu quero ou preciso.

Ou talvez ele simplesmente queira me possuir, para garantir que meu corpo esteja disponível para seu prazer a qualquer momento, para alavancar meu medo natural de um predador em uma postura fácil para si mesmo.

Meus olhos ardem de emoção, exaustão ou ambos. Não posso mais fazer isso. Nada disso. Estou perdendo a cabeça, um dia de cada vez.

"Eu realmente preciso dormir agora" – eu digo, empurrando minha cadeira para trás lentamente. –“Se realmente precisarmos, podemos continuar conversando amanhã. Ou mais tarde. Tanto faz."

Mal chego na minha cama antes que meus olhos se fechem e um sono inquieto me domine.

Capítulo 31

Quando acordo, meu telefone diz que são quase duas da tarde. Também está quase morrendo - não carreguei desde a noite anterior. Eu o conecto, esfrego meus olhos e me faço ligar para minha irmã.

Ela atende no meio do primeiro toque.

"Puta merda"– ela sussurra no telefone, seu sussurro tão emotivo que é quase mais alto do que se ela estivesse apenas falando em um volume normal. –"Puta merda, porra santa, porra santa!"

"Eu sei"– eu digo, mantendo minha voz baixa também. É como ser adolescente novamente, sussurrando segredos pelo telefone e andando na ponta dos pés porque meus pais estão bravos comigo por causa de um garoto que não gostam. –"Sinto muito por não ter contado antes, mas você sabe."

"Quanto tempo?"– Jo pergunta, ignorando minhas desculpas. –“Eu pensei que você tinha acabado de terminar com aquele cara, Robbie. Eu sei que você teve seus problemas com ele, mas pelo menos ele era humano .”

Respiro fundo e começo a mesma meia-mentira que tentei vender aos nossos pais mais cedo. Ela cutuca um pouco mais, querendo saber o que mamãe e papai disseram, como eu conheci Navur e como é o sexo. Conto a verdade sobre a primeira, uma versão modificada da segunda, e grito para ela calar a boca sobre a segunda. Felizmente, Gavin precisa dela para algo, então a conversa termina antes que possa ficar muito difícil.

Reunindo toda a minha coragem, visto uma camiseta nova e desço as escadas. Mamãe e papai estão na cozinha, murmurando baixinho sobre café fresco. Quando eles me vêem se aproximando, eles calam a boca e mamãe me serve uma caneca. Aceito com um sorriso suave, esperando que este seja um gesto de boa vontade, e não um suborno destinado a suavizar o golpe deles me dizendo que estou prestes a ser levada para um convento.

"Se o que você diz é verdade"– mamãe diz, tom estranhamente tenso e profissional para nossa pequena cozinha. –“Então queremos conhecer esse

... homem por nós mesmos. Convide-o para jantar hoje à noite, vou preparar alguma coisa.”

Quase derrubei minha caneca de café. Na minha névoa privada de sono ontem à noite (barra esta manhã), nunca me ocorreu que se eu dissesse aos meus pais que Navur é meu namorado, eles gostariam de conhecê-lo. Merda . Talvez eu devesse ter deixado eles acreditarem que estou presa neste caso contra a minha vontade, apenas outra loira burra tirada de seus pés pelos abdominais do lavatório e um fetiche por vampiros. Navur terá ido embora em breve. Fui grande demais com a minha mentira e agora estou presa nela.

"Hum, isso é muito rápido, eu não sei se..."

"Noelle" – papai diz simplesmente, naquela voz sem sentido que ainda me faz ficar mais ereta.

"Ok"– eu desmorono fracamente. –"Eu vou ligar pra ele."

É claro que Navur está em êxtase com o convite. Não acho que ele se importe que esse seja o meu pior pesadelo, ou que minha família esteja sem sangue. Ele só quer se inserir em cada cantinho da minha vida.

Meu estômago dá um nó, me ofereço para ajudar mamãe no jantar, mas ela me afasta. Foi assim que acabei passando a tarde no sofá, me enrolando com Baby, olhando fixamente para reprises na TV e me perguntando como acabei aqui, e o quanto minha vida pode piorar a essa altura.

"Você não vai se trocar?"– Mamãe pergunta, quando ela me encontra ainda suada, vinte minutos antes de Navur chegar.

"Oh"– eu digo suavemente, olhando para a minha roupa amarrotada. Estou tão infeliz que não dou a mínima para o que vou vestir com essa discussão, mas obedeço e visto um jeans limpo e uma blusa legal.

Navur chega prontamente, conforme o esperado. Ele está segurando um buquê gigante de petúnias, que eu busco instintivamente enquanto ele me dá um beijo casto na bochecha.

"Tsk, tsk", o K castiga, puxando as flores de volta para fora do meu alcance.– "Estes são para sua mãe."

Eu engulo em seco. Deixe que Navur seja o namorado perfeito, mesmo quando ele não é meu namorado, mesmo quando estamos entrando em uma armadilha. Eu não ficaria nem um pouco surpresa se papai tirasse a espingarda e fizesse uma ronda no K antes mesmo de entrar na sala de jantar. Felizmente, minha mãe aparece no saguão atrás de mim antes que eu tenha a chance de espiralar muito fundo.

“Sra. Keene” - Navur explode, sorrindo amplamente. –"Eu sou Navur, que prazer em conhecê-la em circunstâncias mais felizes."

Ele entrega o buquê para mamãe, e ela aceita, as bochechas corando levemente. Ela acha Navur atraente? Quero dizer, claro que sim, ela não é cega, mas isso é nojento .

"Navur"– mamãe repete cautelosamente, em um tom mais amigável do que eu esperava. Talvez não seja uma coisa ruim que ela ache o meu K uma exibição total de fumaça. –"Me chame de Amelia."

"Senhora Keene está bem comigo” - papai diz rispidamente, virando a esquina e enrolando um braço possessivo em volta dos ombros de minha mãe.

“Senhor Keene” - Navur assente respeitosamente, estendendo a mão para um aperto de mão. Há uma pausa muito longa quando tenho certeza de que papai recusará o gesto, sacando a espingarda, mas finalmente, meu pai estende a mão. Eu suspiro uma respiração que eu nem sabia que estava segurando enquanto os dois homens apertam as mãos desajeitadamente.

"Deixe-me colocar na água"– mamãe gorjeia, profundamente no modo educado da família, mesmo agora. –"Noelle, leve Navur para a sala de jantar, jantaremos em um segundo."

Eu obedeço, apontando para Navur sentar na cadeira que costumava ser a de Jo, enquanto eu tomo meu lugar de sempre, e papai o pega na cabeceira da mesa. Como prometido, mamãe sai com o jantar apenas momentos depois, algum tipo de ensopado de legumes. A culinária vegana não é o forte da mamãe, já que ela quase nunca precisou, mesmo após o K-Day, mas essa mistura em particular cheira muito bem. Pego a concha, mas papai limpa a garganta.

"Vamos dizer graça"– diz ele, cruzando as mãos na frente dele. Eu franzir a testa. Nunca dizemos graça antes de nossas refeições. Inferno, nós nem sequer vamos à igreja, além do Natal e da Páscoa. Olho para Navur, que está respeitosamente inclinando a cabeça. Isso é algum tipo de teste? Meu pai está tentando propositalmente alienar meu K, apertar os botões até que algo se encaixe?

A resposta, claro, é sim. Nos primeiros vinte minutos do jantar, papai grelha Navur incansavelmente, apesar dos esforços educados de mamãe para redirecionar a conversa e dos meus esforços não tão educados. Navur considera isso um campeonato, e me pergunto por um momento quantos pais humanos preocupados ele teve que cortejar ao longo dos anos. Provavelmente não muitos, asseguro a mim mesma, tentando conter um fogo desconhecido que surge em mim ao pensar em Navur na cama de outra garota. Afinal, ele disse que esta era sua primeira viagem à Terra, e ele não está aqui há muito tempo. Não que eu devesse me importar de qualquer maneira.

"Senhor. Keene ” – diz Navur finalmente, depois que ficou claro que o interrogatório não terminará tão cedo. –“Eu sei que este é um território desconhecido, e que você provavelmente nunca ouviu nada além de histórias de horror sobre o meu povo. Eu entendo sua apreensão. Mas prometo que posso tratar sua filha melhor do que qualquer outra pessoa neste planeta. Eu nunca faria nada para machucar Noelle, senhor.”

Gostaria de saber se esta é a primeira vez na história que um K usou a palavra senhor . Navur deve ter realmente feito sua pesquisa sobre como encantar o pai de uma garota do campo. Ele pega minha mão delicadamente na dele e me oferece um sorriso gentil. Não posso deixar de sorrir de volta, corando um pouco enquanto olho para meus pais. Minha mãe está sorrindo para nós, claramente conquistada pelo ato de Navur (e pelo rosto). A expressão do papai ainda é estoica, mas ele parece um pouco menos como se estivesse prestes a pegar um forcado.

O jantar continua de uma maneira um pouco mais amigável, com Navur

explicando seu trabalho como botânico em Krina, e fazendo perguntas educadas sobre o tempo do pai nas minas, e implorando à mamãe por histórias embaraçosas da minha infância. Eu assisto tudo acontecer como se eu fosse apenas um espectador da minha própria vida. É o mesmo que senti nos meus pesadelos deste momento, mas o que está se desenrolando não é um desastre, na verdade não. Na verdade, não posso deixar de repetir o pequeno discurso de Navur. Não é diferente do momento em que eu costumava fantasiar, quando um jovem bonito finalmente pedia minha mão ao meu pai em casamento. Exceto nessas fantasias, o homem era humano e não um alienígena de bilhões de anos, e quando prometeu nunca me machucar, ele quis dizer isso de verdade, sem nenhum asterisco que esclarecesse “a menos que isso a faça gozar, é claro. ”

Coro com o calor tanto no meu coração quanto entre as minhas pernas, focando na sobremesa da mamãe, uma salada de frutas. Tudo isso é uma enorme perda de tempo, eu me lembro. Isso não é uma proposta, é um ato. Em questão de dias, vou me livrar do meu atormentador para sempre, e é com isso que eu deveria estar feliz.

Então, por que o pensamento de perder Navur dói tanto?

Capítulo 32

Fiquei com meus pais naquela noite. Posso dizer que Navur quer me levar de volta ao hotel, mas está claro que a paz feita com meus pais é, na melhor das hipóteses, frágil. Eu me pergunto por que Navur se importa. Ele pode fazer o que quiser comigo, com qualquer um de nós, afinal. Ainda assim, fico agradecida quando ele simplesmente me dá um beijo casto de boa noite depois do jantar, prometendo me ligar no dia seguinte.

Eu me arrasto para fora da cama na manhã seguinte, cansada, depois de uma longa noite virando e se revirando. Mesmo que o tão temido jantar entre pais e alienígenas tenha sido tão bom quanto poderia ter sido, ainda estou atormentada por preocupações. E se meus pais não se convencerem e buscarem sangue, e irritarem uma multidão para derrubar Navur? E se Navur mudar de ideia sobre querer ser legal com o meu campo minado de família e os afastar? Sem mencionar, e eu? O que acontece em uma semana, quando Navur se for, e eu fico pegando os pedaços da minha mentira? Pegando os pedaços de mim? Por mais que eu odeie admitir, está mais claro agora do que nunca que não será tarefa fácil aprender a viver sem o meu antagonista. Ele me transformou em seu monstrinho, e eu nem consigo dormir sem ele. Eu desejo seu toque, desejo seus beijos gentis, desejo seus jogos violentos. Como eu volto para meninos humanos que ainda não conseguem descobrir onde está o ponto G?

Coloco um capuz gasto por cima da minha camisa de dormir e desço as escadas. Uma xícara de café me trará de volta aos meus sentidos. Estou derramando alguns Folgers na máquina quando ouço uma batida na porta da frente.

"Bom dia, pequena"– diz Navur quando abro a porta, me surpreendendo com sua presença. Ele me dá um beijo rápido, este um pouco mais provocador, mais promissor do que o de ontem à noite. –"Sabe, eu amo te ver de manhã, mas prefiro quando tudo o que tenho a fazer é rolar na cama."

Eu coro. –"O que você está fazendo aqui?"

Ele segura um saco de papel e uma transportadora com quatro copos de papel, e eu imediatamente reconheço o logotipo da cafeteria em Broad. –"Imaginei que se não pudéssemos tomar café da manhã na cama, isso seria a melhor coisa a fazer."

"Café da manhã fora da cama com meus pais?"– Eu pergunto secamente, e Navur encolhe os ombros. –"Entre, eu acho."

Ele coloca sua oferta no balcão da cozinha, e eu pego meu café com leite e tiro um bolinho da sacola. Depois de alguns minutos, mamãe entra, embrulhada em seu roupão e fica vermelha quando encontra o K esperando. Pelo menos agora eu sei de onde tirei meu problema de rubor crônico.

"Oh"– diz ela, congelando no lugar, a confusão em seu rosto quase cômica.– "O que ... Hum ..."

"Navur trouxe o café da manhã"– eu ajudo, gesticulando para as xícaras de café e doces restantes. –"Há um bagel de mirtilo lá, o seu favorito."

"Oh, que legal"– mamãe consegue falar, tomando um café e brincando nervosamente.– "Obrigado, Navor."

"Nav ur "– eu a corrijo quando ela acerta o sotaque errado.

"Navur" – mamãe repete, ainda conseguindo mexer na palavra em sua boca.

Como se a cena não fosse estranha o suficiente, papai aparece como uma imagem diretamente dos meus piores pesadelos. Ele está vestido com suas roupas de caça e tem a espingarda pendurada no ombro. Foda-se . Hoje é sábado, dia de caça. Papai geralmente sai antes do amanhecer, mas ele deve estar atrasado hoje.

"Amelia, onde está minha ..." – Papai interrompe quando nos vê todos em pé desconfortavelmente ao redor da cozinha. –“Oh. Noelle, o que ele está fazendo aqui?”

"Ele acabou de chegar aqui"– eu esclareço rapidamente, para que papai pense que eu tenho escondido garotos à noite. –“Ele nos trouxe café e doces. Você quer uma rosquinha antes de ir? Ele trouxe à moda antiga, sua favorita.”

Enquanto papai relutantemente pega sua rosquinha, eu franzo a testa para Navur, impressionada com um pensamento repentino. Como diabos ele sabia as delícias favoritas dos meus pais pela manhã?

"Bom dia, Sr. Keene"– diz Navur, ignorando o meu olhar. Ele acena com a cabeça intencionalmente. –"Tem planos para hoje?"

Todos nós congelamos com a pergunta e vejo o dilema surgir no rosto de papai em tempo real. Ele tentará mentir para o K? Ele tolamente dirá a verdade, sob o pretexto de bravata? A resposta, é claro, é a segunda, impulsionada pela testosterona estúpida, exacerbada pela falsa sensação de segurança emprestada pela arma.

"Os meninos e eu vamos caçar todo fim de semana"– diz papai, rispidamente, reajustando a espingarda e pegando o café final. –“Estou atrasado, então vou sair agora. Obrigado pelo café.”

Se Brett tivesse sido o único a trazer café, papai teria acrescentado um filho ao final da frase, eu acho. No entanto, é um ponto menor para se prender, especialmente quando Navur se endireita de sua inclinação casual contra o balcão, para uma pose sutilmente dominadora que impede o pai de seguir o seu caminho, mesmo em sua própria casa.

"Caça" – repete o K, um estrondo em sua voz. A última vez que ouvi esse tom, Robbie acabou em uma cama de hospital. Eu me endireito também, segurando minha xícara de café ansiosamente.

"Assim como meu pai e o pai dele antes Caça”– diz meu pai, e eu não sinto falta da maneira como ele aperta a alça da espingarda. –"É um esporte de homem de verdade."

"Uma caça unilateral não é esporte" –diz Navur, dando um passo mais perto de meu pai. O bolinho torce no meu estômago, e eu aperto o copo de papel nas minhas mãos com tanta força que começa a doer sob meus dedos.– “Não há mais necessidade de procurar comida. Ensinamos a todos como viver sem carne. Então, o que você faz é derramar sangue inocente por diversão, não é?”

"Navur" – digo suplicante, ao mesmo tempo que minha mãe emite um

aviso: "Denton".

Nenhum homem ouve. Em vez disso, papai tira a espingarda do ombro e a bombeia, o estalo revelador me fazendo pular e mamãe bate com as mãos na boca.

"Você entra em minha casa e tenta me dizer o que fazer?" – Papai diz, com uma bravata impressionante, mantendo a arma apontada para o ar. –"Não me faça apontar isso para você, garoto."

Navur fecha a distância entre os dois homens com passos fáceis, e papai instintivamente abaixa a espingarda no predador.

"Papai" – respiro, não porque estou preocupada com ele machucando meu K, mas porque tenho pavor de Navur matar meu pai bem na minha frente.

Navur agarra o cano da espingarda e, antes que eu tenha tempo de gritar, ele dobra o metal com facilidade, como se estivesse brincando com massa de vidraceiro em vez de aço mortal.

"Chega de matar" – diz Navur em voz baixa e letal, quando o cano da espingarda é dobrado em um V. impossível. –"Não estou vigiando."

Eu não consigo respirar. A tensão na sala é inflamável e, se o olhar puder matar, meu pai poderá ser o primeiro humano a cair um K.

"Tire esse animal da minha casa, Noelle" – diz papai finalmente, abaixando a arma agora inútil. –"Você nunca mais o verá."

"Mas ..." –Eu paro, o final desse pensamento é um mistério até para mim. Mas ele salvou a vida de Gavin? Mas você não pode simplesmente dizer a um K o que fazer? Mas, eu não posso simplesmente deixá-lo ir, nem mesmo depois disso?

"Eu vou"– diz Navur depois de um momento, recuando. –“Mas eu quis dizer o que disse. Não há mais assassinatos em Buffalo Creek.”

Eu assisto meu K sair, paralisada. Impossivelmente, meu maior medo não é que o estresse danifique permanentemente os nervos frágeis de minha mãe ou que o ego de meu pai nunca se recupere.

Não, estou impressionada com a total rejeição que sinto quando Navur se

afasta. Por que ele não está lutando por mim? Por que ele não está me levando embora com ele? Eu sei que ele é capaz. Não há razão para ele aceitar o ultimato do meu pai. É realmente isso? Ele está saindo da minha vida para sempre? Por quê? Ele está entediado comigo? Ele pegou tudo o que queria de mim, me esgotou e agora está me jogando fora com o lixo de ontem?

Oprimida por traumas emocionais demais às 9 da manhã, deslizo para o chão e caio em lágrimas.

Capítulo 33

Não demora muito para que meus piores medos se tornem realidade.

Após o desastre na manhã de sábado, eu me tranco no meu quarto como uma criança petulante, ignorando as ameaças do pai e os pedidos da mãe. Tento ligar para Navur uma dúzia de vezes e deixo um rastro de textos sem resposta, antes de finalmente desistir. É verdade. Ele terminou comigo. Afinal, não valho a pena, não valho o drama da cidade pequena e a bagagem emocional. Estranhamente, me vejo desejando que ele tivesse me mordido, afinal. Pelo menos então, talvez ele fosse tão viciado em mim como agora sou dele. Talvez isso fosse suficiente para fazê-lo ficar.

Choro até dormir no meio da tarde, drenada por uma manhã emocional, drenada por um mês exaustivo. Não era para terminar assim. Depois do tempo que prometi ao K por obrigação, eu deveria ir embora aliviada, pronta e ansiosa para seguir em frente com minha vida normal. Sua partida não deveria me separar, separar minha família.

Um zumbido do meu telefone me acorda. Agarro-o desesperadamente no escuro, certa de que será meu K. Não há tanta sorte. Uma foto embaraçosa da minha irmã gêmea na sexta série sorri de volta para mim a partir do identificador de chamadas. Depois de um momento de hesitação, eu atendo.

"Jo?"

"Noelle, o que diabos está acontecendo?"– Minha irmã sussurra severamente no meu telefone.– "Onde você está?"

Sento-me e verifico a hora. 3:38 da manhã. – "Do que você está falando? Estou em casa, o que você está fazendo acordada? Algo está errado?"

"Sim, algo está realmente errado"– diz Jo, a voz ainda baixa. Um sentimento de pavor começa a surgir em mim. Eu nunca ouvi Jo assim. –“Papai está aqui conversando com Brett. Eu entrei no banheiro para ligar para você. Não sei exatamente o que aconteceu, mas papai está irritado como o inferno.”

“Papai está aí? Agora?”– A adrenalina está correndo pelo meu corpo agora, e nunca me senti tão acordada antes do nascer do sol. – “Hum, houve uma coisa com Navur e papai ontem. Foi bem difícil.”

"O que quer que fosse, não foi difícil, foi o fim"– sussurra Jo. –“Papai está aqui para recrutar Brett. Ele está irritando uma multidão, Noelle. Ele quer ir atrás do K.”

Meu coração, que estava fora de controle um segundo atrás, congela. –"O ... o quê?"

"Uma multidão, como se fosse a idade das trevas"– diz minha irmã.– “Brett está tentando convencê-lo a desistir disso, já que seu K salvou Gavin, sem mencionar que isso só pode terminar em desastre, mas tem o belo conjunto de amigos de papai. Ele já tem metade da cidade do seu lado, e tenho certeza de que a outra metade estará com ele ao amanhecer.”

Ela não está errada. Esta cidade está em um gatilho desde que as minas fecharam. Eles não perderão a oportunidade do que consideram vingança, não importa o quão desaconselhável seja.

"Não surte"– digo a Jo, reunindo a capacidade de parecer que estou no controle, quando definitivamente estou enlouquecendo. –“Faz mal para o bebê. Volte para a cama e, faça o que fizer, não saia hoje. Vou correr para lá agora, tentar pegar papai antes que isso fique ainda pior.”

"Ok"– minha irmã diz cautelosamente, depois de um momento de hesitação. – “Mas tome cuidado também, Noelle. E me ligue se precisar de alguma coisa. Estou grávida, não inválida.”

Aos oito meses, a mesma coisa, mas não vou contar isso a Jo. –“Claro. Eu cuidarei disso. Apenas tente manter a calma, me prometa.”

"Desde que você me prometa não ser uma heroína"– diz Jo.– “Eu sei que você gosta de Navur, mas mesmo que ele seja um K, ele ainda é apenas um cara. Ele não vale a pena se arriscar.”

Mesmo se isso fosse verdade, não é com Navur que estou preocupada nesta situação.

"Eu prometo"– eu minto, cruzando meus dois dedos no colo como uma criança no acampamento, me perguntando se minha irmã está fazendo o mesmo. –"Eu tenho que ir agora."

Eu pulo da cama e visto meus melhores jeans e moletom para quebrar uma multidão. Enfio meu cabelo em um rabo de cavalo apertado, visto as velhas botas de combate que não uso desde o ensino médio e corro para a porta do quarto.

Ai . Nada acontece quando giro a maçaneta, então bato na madeira pesada a toda velocidade. Deus, eu sou uma idiota. Tranquei a porta ontem à noite e, na minha corrida de pânico, esqueci totalmente de abri-la agora. Giro a fechadura e tento novamente. A maçaneta gira, mas minha porta continua teimosamente presa. Que porra é essa? Eu empurro meu ombro contra a madeira o mais forte que posso. Nunca tivemos problemas com portas grudentas antes, mas é uma casa antiga. Quando a porta ainda não se move, meu pulso começa a acelerar. Não, não é por acaso, uma casa velha finalmente agindo com a idade. Algo está acontecendo.

"Mãe?"– Eu grito, batendo na porta. –“Mãe, o que está acontecendo? Deixe-me sair!”

Nada. Jo não disse que mamãe estava na casa dela. Eu me pergunto onde ela está. Papai não a colocaria em perigo, levando-a com ele na missão deste tolo, mas acho que ele sabia que ela ficaria sob pressão e me deixaria sair se ela ficasse aqui. Eu tento ligar para ela, depois meu pai e depois Navur, mas todos me enviam diretamente para o correio de voz. Grito de frustração e arremesso meu telefone contra a parede do quarto, vendo-o voltar para o tapete quebrado inutilmente. Inútil, é o que eu sou agora também. Grito de novo e deslizo pela porta infernal do quarto, enterrando meu rosto nas mãos.

Isto é exatamente o que eu estava tentando evitar. Foi por isso que concordei em jogar o jogo idiota de Navur. Não acredito que, apesar dos meus melhores esforços, tudo o que eu temia ainda está acontecendo de qualquer maneira. Estou com vontade de chorar, mas não estou. Ontem chorei. Agora, não

tenho mais nada no meu corpo. Sem lágrimas, sem vontade, sem nada. Adicionando insulto à lesão, estou morrendo de fome. Tudo o que eu comi ontem foi meio bolinho.

Enquanto observo o sol nascer pela janela do quarto (que está fechada desde antes de eu nascer), me pergunto se voltarei a ver meu pai. Vivo, de qualquer maneira. A memória do vídeo que viralizou durante o Grande Pânico, de um K monstruoso literalmente despedaçando humanos, toca repetidamente em minha cabeça. Quero acreditar que Navur não machucaria ninguém, principalmente meu pai. Ele jurou que não haveria mais mortes em Buffalo Creek, afinal. Mas ele é um predador e, se estiver ameaçado, não há como dizer o que pode acontecer.

Tento imaginar meu K como um monstro, como uma criatura cruel capaz de tanta violência. Deveria ser fácil. Afinal, eu o vi nocautear Robbie, dobrar o aço com as próprias mãos, sentir suas amarras cruéis em minha própria carne. Mas, ainda assim, todos esses casos não parecem violência irracional, pelo bem da crueldade. Ele foi movido por proteção, paixão, prazer. Quando tento imaginar Nav esmagando a vida de um inimigo, tudo o que consigo imaginar é ele me envolvendo possessivamente em seus braços. Quando tento imaginá-lo arreganhando os dentes para um oponente, tudo o que sinto é a sombra de seus lábios macios na minha carne.

Algo se mexe dentro de mim, e não é apenas o desejo sombrio que me afoga com o simples pensamento dele. Não, isso é algo mais suave e ainda mais proibido. Não posso deixar Navur machucar minha família, machucar meu povo. Mas também não posso deixar que meu povo transforme o homem que eu poderia amar em um monstro.

Eu pulo e corro para o meu telefone. Felizmente, está tudo bem, exceto uma rachadura fina na tela de vidro. Percorro meus contatos com dedos trêmulos e toco no botão de chamada.

"Noelle, o que está acontecendo?"– Sabine atende depois de meio toque. –“Eu estava prestes a ligar para você. Meu pai e meus irmãos acabaram

de sair, a cidade inteira está enlouquecendo. Dizem que estão indo atrás do K.”

"Eu sei"– eu digo, apertando meus olhos com força. –"Escute, Sabine, tenho que lhe contar uma coisa."

“Tudo bem, eu sei. Todo mundo sabe” - diz Sabine rapidamente.– “Ele estava atrás de você, é a menina com o K. Seu pai está dizendo às pessoas que o K ... que ele a estuprou, fez lavagem cerebral em você. Isso é verdade?"

"Deus, não, claro que não"–eu digo, batendo na minha testa em frustração.– “Não, não, nada disso. Isso é louco. Navur - o K - ele ... Ele é apenas meu namorado. ”–Eu não acho que isso seja verdade, se é que alguma vez foi, mas não tenho tempo para aprofundar em nosso relacionamento complexo.– “Escute, Sabine, tudo isso é um mal entendido maluco totalmente desproporcional. Eu tenho que tentar parar antes que as pessoas se machuquem. Preciso da tua ajuda."

"Tudo bem"– diz a jovem, depois de um momento de hesitação. –“Ok, eu acredito em você. O que você precisa?"

Digo a Sabine meu endereço e onde encontrar a chave oculta de nossa casa. Então eu ando ansiosamente pelo meu pequeno quarto pela meia hora seguinte, até ouvir o tilintar fraco da porta da frente se abrindo e passos leves subindo as escadas.

"Sabine?" – Eu pergunto cautelosamente, pressionando as pontas dos dedos esperançosamente na porta do meu quarto.– "Isso é você?"

"Sim"– a garota me assegura, sua voz abafada, mas por perto. –"Desculpe, por demorar tanto , minha mãe não queria que eu saísse, então eu tive que sair furtiva."

"Não se preocupe"– eu digo, dando um suspiro de alívio apenas com a presença de um aliado. –"Você pode me tirar daqui?"

“ Sim. Há apenas uma cadeira enfiada sob a maçaneta, velho truque de verdade.”– Eu ouço alguns barulhos arranhando a porta. –"Está bem prensado, me dê um segundo."

Mais arranhões e alguns grunhidos, então a maçaneta gira e Sabine abre a

porta.

"Oh meu Deus, você é um anjo"– eu jorro, jogando meus braços em volta da garota magra. –"Muito obrigado."

"Claro"– diz ela, me abraçando de volta. –"Você me deve uma explicação infernal."

"Eu sei, sinto muito"– eu digo, me afastando e indo em direção às escadas. –"É complicado."

"Eu aposto"– diz Sabine, pegando um par de alicates gigantes que eu não tinha notado encostados na parede e se juntando a mim.

Franzo o cenho para a imagem da garota bonita vestida com bata e botas de caubói, atirando os alicates por cima do ombro. –"Sério?" Eu pergunto, gesticulando para a ferramenta gigante.

"Eu queria estar preparada para qualquer coisa"– ela protesta defensivamente, e eu rio.

"Você é foda"– digo a ela, alcançando a cozinha e pegando uma barra de proteína da despensa.– "Agora, me diga o que está acontecendo por aí."

Capítulo 34

De acordo com Sabine, a multidão ridícula de papai ainda não encontrou Navur, mas isso não dissuadiu a raiva cega deles. Eu instruo a garota a acampar em minha casa, insistindo que é apenas no caso de eu precisar de algo quando ela protesta que ela não é um bebê que precisa ser deixado em casa. Eu sempre fui a única a ficar para trás, nunca a amiga para liderar o grupo, muito menos cobrar a frente sozinha. É meio engraçado, suponho, que ser submissa de Navur tenha provocado meu lado dominante. Não que isso importe mais.

Fazendo Sabine prometer pela última vez ficar parada, ponho o carro em marcha e tiro o sedan envelhecido da garagem com a potência que a velho carro consegue reunir. Assim que estou fora de vista da casa, meu rosto corajoso cai e meu estômago revira. Não sei para onde estou indo. Eu só vou dirigir até encontrar a multidão sedenta de sangue, eu acho, e espero que não seja tarde demais.

Acabei de passar na antiga escola quando meu telefone começa a tocar. Eu o agarro rapidamente, vendo o identificador de chamadas de Sabine e me chutando quando percebo simultaneamente como minha bateria está fraca. O mínimo que eu poderia ter feito enquanto estava trancada no meu quarto, esfregando o chão, era carregar esse maldito telefone.

"Sim?"– Eu pergunto rapidamente, esperando desesperadamente que não haja mais más notícias tão cedo.

"Minha amiga Tonya está transmitindo ao vivo"– diz Sabine sem fôlego, seu tom maníaco fazendo meu próprio pulso acelerar.– “Eles o encontraram. Eles estão todos na Broad Street, do lado de fora da cafeteria.”

"Obrigado, Sab"– eu digo, desviando para a esquerda em um sinal vermelho.– “Você pode dizer o que está acontecendo? É qualquer um..."

O ruído branco do outro lado corta para o silêncio. Verifico e, com certeza, minha tela recém-quebrada está morta e preta. Foda-se . Com um grito frustrado, jogo a máquina inútil de volta no banco do passageiro.

Eu posso ouvi-los antes de vê-los, mesmo com as janelas abertas. Apenas um zumbido abafado, como uma multidão inquieta de shows esperando a banda subir ao palco. Eu não acho que você possa ouvir a violência no ar, mas você pode definitivamente senti-lo, um crepitar sutil que queima através da minha pele. Ou talvez eu esteja ficando louca.

Duas ruas abaixo de Broad, eu tenho que parar e estacionar. As pessoas abandonaram seus veículos aleatoriamente na rua, como uma cena de um daqueles filmes pós-apocalípticos antigos, quando ainda era divertido fingir. Tropeço para fora do meu carro, mal lembrando de desligar o motor, sem me preocupar em trancar as portas. A multidão ainda está gritando com raiva, o que eu acho que é bom. Melhor do que silêncio absoluto ou gritos, digo a mim mesma.

Corro pelas estradas áridas, xingando cada vez que recuso as ofertas generosas de Ari para me preparar. Quando viro a esquina para Broad, vejo a multidão reunida em frente ao café. Na vida real, não é tão grande e ameaçador quanto eu imaginava. Navur, no entanto, atende às minhas expectativas, mortalmente diante de seus acusadores. Como se sentisse minha presença, ele olha na minha direção, segurando meu olhar intensamente por um momento, depois voltando-se para a multidão.

"Espere"– eu grito, correndo pela última calçada que me separa da zona do desastre. Uma espécie de pedido estúpido, eu percebo quando todo mundo se vira para me encarar. Eles claramente já estavam hesitando. Apesar da quantidade insana de armas da fazenda sendo empunhadas (estou um pouco chocada que ninguém tenha lançado um forcado de verdade), parece que até agora todos foram sábios o suficiente para não fazer nada com ele.

"Noelle"– papai dispara da frente da multidão enquanto eu me contorço. –"O que você está fazendo aqui?"

"Parando essa besteira antes de você ser morto"– eu sibilo para ele, antes de me plantar firmemente entre as pessoas que conheci a vida inteira, e o K que posso nunca mais ver depois de hoje.

"Noelle"– Navur murmura atrás de mim, mas eu ignoro qualquer peso que sua voz baixa carregue. Não estou fazendo isso por ele, digo a mim mesma. Não que ele precise que alguém faça qualquer coisa por ele. Estou fazendo isso para que todos possam seguir com segurança seu caminho alegre, e eu possa voltar à minha vida ridiculamente chata em paz. Estou me colocando em perigo de vida por mim .

"Isso tudo é totalmente desnecessário"– eu grito, sentindo-me subitamente nervosa enquanto olho para a multidão. Eu odeio o jeito que todos estão olhando para mim, como se eu fosse uma vítima e como um incômodo no caminho deles. –“Este homem não me machucou. Ele não está aqui para machucar ninguém. Vamos todos apenas ...”

"Sem ofensa, querida"– interrompe o Sr. Grant, meu antigo motorista de ônibus da escola primária. –“Mas isso não é sobre você. É sobre eles e tudo o que eles tiraram de nós. É sobre eles pensarem que podem nos dizer como viver, nos dizer o que fazer e o que não fazer. Trata-se de recuperar o que é nosso, começando com Buffalo Creek.”

Meu coração afunda quando a multidão ruge em aprovação em seu pequeno discurso. Merda . Em vez de consertar magicamente essa bagunça, consegui torná-la ainda pior.

"Por favor"– começo de novo, sem saber se há algo que eu possa dizer para mudar isso. Do fundo da multidão, ouço alguém rir da palavra xeno em minha direção e sinto minhas bochechas esquentarem de vergonha. É isso mesmo o que está acontecendo aqui? Eu deixei Navur fazer uma lavagem cerebral em mim com seu pênis mágico, e agora estou subitamente assumindo uma grande posição pública pelo inimigo global, arruinando irreparavelmente minha reputação em minha própria cidade natal? E para quê? Para um homem que nem me quer mais?

"Noelle"– Navur repete novamente, desta vez com uma mão gentil no meu ombro. Eu me viro para olhá-lo, olhos arregalados, e ele acena para mim quase imperceptivelmente. Deixei que ele me puxasse para o lado gentilmente, e tomei

uma postura protetora na minha frente.

Metade da multidão instintivamente arma suas armas, mas Navur apenas levanta a mão calmamente. É um gesto reservado, mas possui autoridade suficiente para que as pessoas recuem um ou dois passos automaticamente.

"Eu sei que às vezes os esforços do meu povo para garantir um futuro melhor para o seu planeta podem causar consequências menos desejáveis no seu presente"– começa Navur lentamente, com uma voz que segue sem esforço pela rua. –“E, embora eu não possa dizer que estou particularmente emocionado com as queixas insignificantes por não conseguir satisfazer seus desejos como você poderia uma vez, ou danificar seu ambiente sem pensar, simpatizo com as provações de Buffalo Creek. Por gerações, sua economia foi construída sobre uma base de autodestruição. Vocês não escolheram, assim como não escolheram que aquela fundação fosse arrancada de vocês por nossa chegada. Não é culpa de vocês que os recursos naturais desta área e seu trabalho estejam sendo explorados, e que agora vocês não tem para onde ir. Entendo por que uma decisão tão alteradora da vida, tomada completamente fora de seu controle, deixou vocês com um problema com meu povo. Mas suas tentativas tolas de infligir violência e vingança em mim não ajudarão em nada. No entanto, tenho algo que ajudará todos vocês e, se todos pudermos concordar em jogar bem, estou mais do que disposto a compartilhar. ”

A multidão, inclusive eu, prendeu a respiração coletivamente quando Navur enfia a mão no bolso do paletó e puxa uma esfera de vidro do tamanho de uma bola de softball. Eu me inclino para frente para dar uma olhada. O orbe parece estar cheio de água, e flutuando nele é uma forma oblonga e musgosa, um tom de verde tão vibrante que quase parece brilhar.

“Durante meu tempo na Terra, deparei-me com uma nova espécie de planta enquanto mergulhava nas Galápagos. Essa espécie de planta anteriormente desconhecida produz naturalmente o dobro da energia que pode ser derivada do carvão - pouparei a aula de biologia. Originalmente, pretendia levar isso de volta para Krina, mas agora acredito que servirá a um propósito melhor aqui. Este não

é o clima natural da planta, mas com o sistema hidropônico correto, você será capaz de propagar facilmente essa espécie e, no final, sua economia estará muito melhor do que era quando suas minas ainda estavam funcionando. É todo seu, junto com a minha ajuda, se você aceitar."

Eu olho para o K, boca aberta. Ninguém diz nada, todos ainda tentando processar as informações malucas que acabamos de receber. É verdade? Navur está realmente fazendo isso por nós, por mim, em Buffalo Creek?

Ele se vira para mim e vejo algo inesperado em seu olhar. Um calor, não, um fogo. Eu vejo nos olhos dele que quando ele se afastou de mim ontem, ele não estava me deixando para trás. Ele estava ganhando tempo, esperando jogar este trunfo. Eu sei o que é isso, o que ele está oferecendo. Não é um presente, é uma troca. Ele salva minha cidade, minha família e, em troca, ele quer muito mais que um mês. Ele quer o meu para sempre. O pensamento teria me horrorizado algumas semanas atrás, mas agora tudo que sinto é uma sensação de alívio. Acabou agora, para sempre. Todos os medos, o drama, a animosidade, está tudo acabado. Estou sem desculpas agora. Todos nós estamos.

Então, na frente do meu pai e de toda a maldita cidade, pulo nos braços do meu K e o beijo profundamente.

Epílogo

Com a tecnologia K da Navur, são necessários cerca de dois meses para que a fazenda de hidroponia funcione, e outros três para treinar e preparar os novos trabalhadores para assumir a instalação por conta própria. Nesse momento, Jo dá à luz uma menina saudável, Cara, e nossa velha cadela, Baby, segue para o céu dos cachorros. A vida, a morte e o mundo continuam girando.

Buffalo Creek ainda não se recuperou totalmente, é claro, mas o espírito está mais alto do que há anos. Sabine decide ficar aqui por pelo menos um pouco mais, trabalhando na fazenda. Provavelmente ajuda que ela finalmente tenha se esforçado para contar à amiga Tonya sobre sua paixão de um ano, e acabou que Tonya se sentiu da mesma maneira.

Depois de uma eternidade de jantares desajeitados, café da manhã desajeitado e tudo mais, finalmente há uma paz semi-sólida entre Navur e meu pai. As coisas nunca serão fáceis lá, mas pelo menos eles estabeleceram um respeito mútuo. Embora ele insista em permanecer firmemente aposentado, papai foi o primeiro a entrar em cena todos os dias, ajudando a construir as novas estufas e servindo como cidadão modelo para nossa nova ligação com os Ks. Afinal, se o bom e velho Denton Keene puder fazer as pazes com o alienígena que está com a filha, qualquer um pode. Mamãe tem sido muito mais fácil de conquistar, desmaiando com presentes de buquês e doces veganos. Isso, e acho que o novo bebê a deixou pegajosa demais.

Não estou mais escrevendo colunas de comida para Montrose, mas é porque fui promovida. Com uma informação interna incomparável, estive cobrindo a história que cativou a América, sobre a pequena cidade na Virgínia Ocidental que de repente cultivou a forma mais eficiente de biocombustível já descoberta, graças a um aliado mais inesperado. Em breve, porém, estarei escrevendo uma história ainda mais exclusiva.

Navur envolve o braço em volta de mim e eu me aconchego no meu querido. Estamos no nosso novo local favorito, uma colina com vista para Buffalo Creek, onde as estufas abaixo de nós brilham como diamantes ao

sol. Nosso romance foi um turbilhão, para dizer o mínimo, mas o que temos é inegável. Não posso mais viver sem ele, assim como sei que ele nunca será capaz de me deixar ir. Quem diria que o que eu estava procurando o tempo todo seria exatamente o que eu jurei que nunca quis?

Navur se inclina para um beijo, e eu o encontro ansiosamente. A adrenalina corre pelas minhas veias, provocada por seu beijo e pela antecipação ansiosa do que está por vir.

Amanhã partimos para Krina.